



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

RICHELLY CAVALCANTI DE SOUSA

“SE EU PUDESSE ESCOLHER, NÃO SERIA...”

Um estudo sobre diversidade sexual, os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio.

Juazeiro - BA

Janeiro, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

RICHELLY CAVALCANTI DE SOUSA

“SE EU PUDESSE ESCOLHER, NÃO SERIA...”

Um estudo sobre diversidade sexual, os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio.

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, como requisito para a obtenção do título de Mestre pela Universidade Federal do Ceará, Campus associado Univasf.

Área de Concentração: Sociologia no Ensino Médio, com Linha de Pesquisa: Juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof^a M.^a Vanderléa Andrade Pereira.

Juazeiro - BA

Janeiro, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

S725s Sousa, Richelly Cavalcanti de
“Se eu pudesse escolher, não seria...” Um estudo sobre diversidade sexual, os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio / Richelly Cavalcanti de Sousa. – Juazeiro-BA, 2020.
xv, 160 f.; 29 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro-BA, 2020.

Orientador (a): Prof^a M.^a Vanderléa Andrade Pereira

Inclui referências.

1. Diversidade Sexual. 2. Acolhimento na escola. 3. Autobiografia. I. Título. II. Pereira, Vanderléa Andrade III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 306.7



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

RICHELLY CAVALCANTI DE SOUSA

“SE EU PUDESSE ESCOLHER, NÃO SERIA...”

Um estudo sobre diversidade sexual, os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio.

Aprovada em: / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.^a Vanderléa Andrade Pereira (Presidente/ Orientadora)
Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF

Prof.^a Dra. Jamile Borges da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia/ UFBA

Prof. Dr. José Hermógenes Moura da Costa (Examinador Interno)
Universidade Federal do Vale do São Francisco/ UNIVASF



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

*À minha vovó-mãe Maria, a minha irmã Renata
e a minha tia Flor, pela educação,
amor e exemplos de vida, dedico este trabalho*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, fonte de toda a minha força de vida, inspiração e sabedoria e que me deu persistência e ânimo para chegar até o final desse ciclo. Nos momentos de angústia, quando eu busquei respostas, o Senhor me apascentou, me acalentou e me propulsionou em busca da realização deste grande sonho: o mestrado.

Agradeço carinhosamente à minha vovó Maria, que também é minha mãe, e sempre esteve ao meu lado me dando bons conselhos, me fortalecendo e me incentivando a dar o melhor de mim. Que eu possa fazer jus ao tanto de amor, carinho e ensinamentos que ela me ofereceu nessa vida.

Agradeço à minha família, em especial à minha tia Flor e à minha irmã, que tantas vezes se fizeram de coorientadoras em toda a minha vida acadêmica e existência humana.

Agradeço especialmente à Vanderléa, minha orientadora nesse mestrado, pelas palavras de conforto, pelas sugestões, pelas problematizações e “provocações” durante os encontros de orientação numa expressão genuína de sabedoria, pela disponibilidade, pela dedicação e principalmente pela confiança e pela amizade. Obrigada pelo incentivo e por acreditar em mim e no meu trabalho.

Agradeço também esse trabalho àqueles e àquelas que são efetivamente responsáveis, do meu ponto de vista, por grande parte das mudanças no campo da sexualidade e da educação que vêm vivendo as nossas escolas: adolescentes e jovens que de alguma maneira descumprem as normatizações hegemônicas de gênero e que, com as suas performances, vêm cotidianamente enfrentando as discriminações, os preconceitos e até mesmo as violências que nossa sociedade – e nossa escola – machista, sexista e homofóbica insiste em nos impingir. Sem dúvida, são esses e essas jovens, sem financiamento, sem recurso e sem projeto, talvez num dos momentos mais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

frágeis e vulneráveis da vida, que vêm, com a sua afirmação e resistência, mais do que qualquer política pública, mobilizando e transformando as nossas escolas.

Agradeço xs antigxs companheirxs de luta na universidade, nas escolas, nos demais domínios educacionais, da alfabetização de jovens e adultos e de tantos outros momentos e espaços de aprendizagem humana e política.

Agradeço xs gestores, coordenadores e professores da Escola Arco Íris por terem me recepcionado e me oferecido momentos de descoberta e satisfação, a quem devo parte da minha formação política nessa área e parte da constituição da minha própria identidade.

Agradeço especialmente à companheira de luta e amiga de caminhada, Willany da Cunha Reis, pela sua performance inspiradora, motivadora e enriquecedora, que faz dela pessoa que eu guardo como referência humana e política. Em consonância reitero meu mais profundo agradecimento ao seu esposo Edmerson, que me trouxe ricas orientações no início dessa longa jornada.

Agradeço imensamente a todxs xs companheirxs de trabalho na UNIVASF – que tornaram essa, sem dúvida, uma produção coletiva - e a todxs xs educadorxs com os quais, ao longo da minha trajetória de cursos, oficinas e materiais didáticos, tanto me ensinaram sobre a escola e a prática educativa.

Andreia, sem sua amizade não seria possível concluir esta etapa da minha vida, a palavra é GRATIDÃO por segurar a barra, e me ajudar nos grandes e pequenos detalhes.

Ana Carla, obrigada por segurar minha mão durante os momentos de nervosismo. Raquel e Antônio Marcos, obrigada pela parceria firme nos trabalhos em grupo. Andrea, obrigada por ser minha dupla e topar os desafios de cada semestre. Bibiane, agradeço a companhia desde o início dessa trajetória. Diolório e José Lacerda agradeço pelas palavras carinhosas e pelas risadas. Agradeço a todxs pelas risadas,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

pelas sugestões na minha pesquisa, pelas discussões realizadas durante os encontros do grupo e pela amizade.

Gostaria de agradecer à Profa. Dra. Jamile Borges da Silva e ao Prof. Dr. Hermógenes Moura por aceitarem o convite de participação da banca, pelas sugestões de leituras, pelas indicações de livros, pela ajuda especial concedida durante a qualificação da minha pesquisa.

Agradeço ao Programa de Mestrado profissional em Sociologia pela oportunidade de desenvolvimento desta pesquisa.

Um salve especial para meu grande companheiro à distância Luís Inácio Lula da Silva, o LULA.

À todxs minha eterna GRATIDÃO!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

“Não serei poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.”
Carlos Drummond de Andrade (2009, p.158)

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas –
mas que elas vão sempre mudando”.
João Guimarães Rosa, (1994, p.24).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

RESUMO

Em 19 de dezembro de 2017, apesar da mobilização da classe LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais) o prefeito de Petrolina-PE, Miguel Coelho, aprovou e publicou a lei nº 2985, que versa sobre a proibição das discussões sobre diversidade e orientação sexual dentro das escolas públicas e particulares do referido município. Leis como essa provocam a discussão a respeito do acolhimento dos jovens em sua diversidade sexual nas escolas e na comunidade. Diante desse contexto, agregado a outros acontecimentos é que surge a pesquisa a partir da necessidade de conhecer as situações de acolhimento dos jovens em sua diversidade sexual e as contribuições que a sociologia pode trazer no aspecto elucidativo de práticas que violentam a juventude em seus direitos e a impelem ao ostracismo. A abordagem metodológica utilizada foi a (auto)biográfica, que permite a compreensão dos fenômenos sociais como textos e a interpretação como construção de sentidos e significados das experiências particulares e coletivas. Ao convocar o sujeito a olhar para seu percurso pessoal de formação e formas de vida ele o faz mobilizando referências que estão na coletividade, assim como também produzirá subjetividades únicas. O objetivo foi entender como se dá o processo de integralização desse sujeito, que por vezes deixa de ser protagonista de sua própria história, tendo sua voz abafada e seu papel ignorado por falta de preparo da instituição escolar e de seus funcionários, que preferem se eximir de suas responsabilidades educativas por não saber lidar com essa temática tida como delicada ou até como um tabu por muitos docentes. A análise das narrativas revelou que gênero nem sempre é retratado pela perspectiva social e cultural, mas sim biológica, no que tangem as diferenças entre os sexos. Essa abordagem não é suficiente e não corresponde às demandas sociais que existem acerca da problemática. O modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre mediado pelas formas de pensamento historicamente construídas. Também ficou evidente a discriminação e preconceito pelos próprios profissionais da escola, que embora sejam negados, aparecem frequentemente de forma implícita e “inconsciente” na fala daqueles e daquelas, que ao reproduzirem os discursos veiculados pela mídia e pela cultura observa-se que estão maculados de subjetivismos. Os resultados apontam ainda que a falta de informação nesse contexto leva alunos e educadores a seguir padrões convencionais que direcionam o trato às diferenças de gênero a produzirem estigmas, preconceito, discriminação, homofobia, lesbofobia e transfobia. As questões que envolvem sexualidade e gênero, em especial a heteronormatividade - e todas as opressões, produções e violências a partir dela, são questões sociais - mesmo nos casos em que se materializam num indivíduo. Uma experiência individual é, ainda assim, social.

Palavras-chave: Diversidade sexual; acolhimento; sociologia; identidade de gênero.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ABSTRACT

On December 19, 2017, despite the mobilization of the LGBTI class (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites, Transsexuals, Transgenders and Intersexuals) the mayor of Petrolina-PE, Miguel Coelho, approved and published Law No. 2985, which deals with the prohibition of discussions about diversity and sexual orientation within public and private schools in that municipality. Laws like this provoke discussion about welcoming young people in their sexual diversity in schools and in the community. In view of this context, added to other events, research arises from the need to know the welcoming situations of young people in their sexual diversity and the contributions that sociology can bring in the explanatory aspect of practices that violate youth in their rights and propel it to ostracism. The methodological approach used was the (auto) biographical one, which allows the understanding of social phenomena as texts and interpretation as the construction of meanings of particular and collective experiences. When summoning the subject to look at his personal training and life forms, he does so by mobilizing references that are in the community, as well as producing unique subjectivities. The objective was to understand how the process of integration of this subject takes place, which sometimes ceases to be the protagonist of its own history, with its muffled voice and its role ignored due to the lack of preparation of the school institution and its employees, who prefer to be exempt. of their educational responsibilities for not knowing how to deal with this issue considered as delicate or even as a taboo by many teachers. The analysis of the narratives revealed that gender is not always portrayed from the social and cultural perspective, but rather biological, in what concerns the differences between the sexes. This approach is not enough and does not correspond to the social demands that exist about the problem. The way we understand and experience the body is always mediated by historically constructed forms of thought.

It was also evident the discrimination and prejudice by the school professionals themselves, which although they are denied, they often appear implicitly and “unconsciously” in the speech of those and those, who when reproducing the speeches conveyed by the media and culture, it is observed that they are tainted of subjectivisms. The results also point out that the lack of information in this context leads students and educators to follow conventional patterns that direct the treatment of gender differences to produce stigmas, prejudice, discrimination, homophobia, lesbophobia and transphobia. The issues that involve sexuality and gender, especially heteronormativity - and all oppressions, productions and violence from it, are social issues - even in cases where they materialize in an individual. An individual experience is, nevertheless, social.

Keywords: Sexual diversity; host; sociology; gender identity.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS –	Vírus da Imunodeficiência Adquirida
CEP –	Conselho de Ética em Pesquisa
DST's –	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ENEM –	Exame Nacional do Ensino Médio
GGB –	Grupo Gay da Bahia
GRE –	Gerência Regional de Ensino (Pernambuco)
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM –	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
LGBT –	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
LGBTQI+ -	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer ou
Questionadores e Intersexo	
MEC –	Ministério da Educação
PL –	Projeto de Lei
PPP –	Projeto Político Pedagógico



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

SUMÁRIO

1. CONSTRUINDO O TRABALHO DE PESQUISA	15
1.1 A educação escolar e a educação popular: Primeiros passos	20
1.2 A função da escola e a sociologia (re) formar?	22
1.3 O meu lugar de fala e o encontramento com a pesquisa	24
1.4 Reflexão sobre as práticas do ensino de Sociologia e o estigma da identidade de gênero	27
1.5 Uma possível pergunta ou a descoberta da pergunta?	32
 2. DESENHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO: CHÃO, CORPOS E SEUS ENCONTROS COM A PESQUISA	 33
2.1 Técnicas e instrumentos de produção dos dados	38
2.2 O campo empírico: Compreensões do chão da pesquisa	40
2.3 Os interlocutores da pesquisa: Construindo grupos de análise	45
2.4 Procedimentos para análise dos dados	51
 3. IDENTIDADE DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: O SILÊNCIO QUE GRITA	 53
3.1 Os corpos diversos para além da estatística	60
3.2 A escola e seu papel social e (trans) formador	64
 4. NARRATIVAS DE SI E O (DES)ENCONTRO COM OS OUTROS.....	 72
4.1 Os corpos que somos.....	74
4.2 Estabelecimento de relações: Núcleos de sentido.....	79



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

4.2.1	<i>As brincadeiras e os comportamentos: O “sinal” de que algo está “errado”</i>	79
4.2.2	<i>A escola, a Sociologia e a percepção de “anormalidade”</i>	87
4.2.3	<i>O enfrentamento do preconceito e discriminação</i>	95
4.2.4	<i>O cotidiano de privações, negações e violências</i>	99
4.3.5	<i>Estratégias de enfrentamento e busca de reconhecimento</i>	110
5.	A ESCOLA E A SOCIOLOGIA: TESSITURAS DAS POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO	115
5.1	O espaço do “normal” e a exclusão do “anormal”	120
5.2	Percurso formativo e didática pedagógica dos professores de Sociologia	122
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS - NOVAS CORES, NOVOS HORIZONTES	128
7.	REFERÊNCIAS	138
8.	APÊNDICES	145
	APÊNDICE A	145
	APÊNDICE B	146
	APÊNDICE C	147
	APÊNDICE D	147
	APÊNDICE E	152
	APÊNDICE F	15



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - Proen

Av. José de Sá Maniçoba, s/nº. Centro - Caixa Postal 252 – 56304-205 - Petrolina-PE
Telefone: (87) 2101-6758. E-mail: proen@univasf.edu.br

1. CONSTRUINDO O TRABALHO DE PESQUISA

A que corpo pertencço, como me enquadro nessa sociedade tão fria e opressiva? Seria eu mais um produto dos padrões impostos, ou a busca pelo saber me repele e me incita a ir além? Nesse momento, me doo à escola, desnudo meus olhos das teias e conceitos outrora tecidos no convívio maçante e mecânico do chegar, falar, escrever, ensinar, copiar, apagar, que são tão cíclicos. É chegada a hora de imergir nos corpos dos seres que para além de alunos, são gente. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)¹

Em 19 de dezembro de 2017, apesar da mobilização da classe LGBTQI+², o prefeito de Petrolina-PE, Miguel Coelho, aprovou e publicou a lei nº 2985, que versa sobre a proibição das discussões sobre diversidade e orientação sexual dentro das escolas públicas e particulares do referido município. Esta medida, não somente impopular, como também desprovida de qualquer senso de coletividade ou altruísmo, demonstrava a falta de informação e empatia evidenciada pelo poder público do nosso país.

A aprovação de uma lei desse tipo, amplamente discutida, porém pouco conhecida por toda a população, ratifica a ideia de que estamos vivendo uma pseudodemocracia, na qual nossos representantes desconhecem ou simplesmente ignoram o espaço a que todos os seres humanos têm direito em sociedade. No âmbito da política educacional, a entrada da discussão sobre questões de gênero e sexualidade no currículo escolar tem ativado uma ferrenha resistência conservadora e servido de palco privilegiado para uma contenda que a articula à disputa histórica em torno do papel de atores religiosos no campo da educação pública em diversos países.

A bancada evangélica no senado, formada por senadores, deputados estaduais e vereadores evangélicos; católicos e políticos mais conservadores, posiciona-se inflexivelmente contra as discussões sobre identidade, orientação e diversidade sexual nas escolas, usando como argumento que tais discussões

¹ Essa descrição foi meu primeiro rabisco etnográfico no momento em que iniciei a pesquisa. Em todo o corpo da dissertação, as citações de autoria da pesquisadora e das professoras, participantes da pesquisa, aparecerão grifadas em itálico para diferenciar das demais citações das referências teóricas adotadas na pesquisa

² LGBTQI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, queer, intersexuais e demais identidades



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

influenciariam ou modificariam a orientação sexual dos educandos, resultando no que denominou ideologia de gênero. Este termo controverso foi cunhado por pessoas e organizações que se posicionam contra a inclusão do ensino sobre gêneros e sexualidade nos planos de educação aos níveis nacional, estadual e municipal, e, na verdade, tem significado vazio e totalmente discutível. No Brasil muito se fala em democracia, mas de fato nem todas as vozes são ouvidas e não há uma real preocupação em integrar todos os brasileiros. Essa exclusão provocada por uma lei que restringe direitos, muito me preocupa e inquieta enquanto professora e cidadã. Limitar discussões sobre seres sociais dentro da escola acentua ainda mais o processo de discrepância e preconceito entre os alunos.

A escola perde sua propriedade construtiva e colaborativa na formação dos jovens. Não é de hoje que a homofobia faz parte do nosso dia a dia. Acompanhamos, nos diversos meios de comunicação tristes episódios de agressão verbal e física, violência tipificada e graves casos em que o extremismo tira vidas, como a do adestrador de cães Edson Nérís da Silva, que na madrugada de 6 de fevereiro de 2000, passeava de mãos dadas com seu companheiro Dario Pereira Netto na Praça da República, cuja área adjacente é frequentada pela boemia gay paulistana, quando foram surpreendidos por um grupo denominado Carecas do ABC. Dario conseguiu escapar, mas Edson foi espancado barbaramente a chutes e golpes de soco-ínglês. Acabou falecendo em decorrência de várias hemorragias internas. Essa é apenas uma das muitas situações bárbaras que acontecem no Brasil e no mundo e se transmutam em meras estatísticas.

Essa não é a primeira demonstração de falta de preparo ou clareza vinda dos parlamentares com referência ao trato das questões de diversidade sexual nas instituições educativas. Há alguns anos, no governo da presidenta Dilma Rousseff,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

houve a tentativa de instituir uma cartilha para um trabalho de esclarecimento e incentivo ao não preconceito dentro das escolas do país. O material foi elaborado por profissionais de educação, gestores e representantes da sociedade civil. O kit era composto de um caderno, uma série de seis boletins, cartaz, cartas de apresentação para os gestores e educadores e três vídeos.

Tal medida, vista com maus olhos pela maioria dos senadores na câmara legislativa, foi encarada como estímulo as práticas homoafetivas e nomeada inclusive como caderno instrucional de ideologia de gênero, ou popularmente “Kit Gay”³, termo pejorativo divulgado pelo atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro e utilizado errônea e falsamente pelo mesmo durante sua campanha política. Ele costumava levar nas oportunidades de exposição pelas mídias sociais, o livro "Aparelho Sexual e Cia - Um guia inusitado para crianças descoladas", do suíço Phillipe Chappuis, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, e que jamais fez parte do projeto conhecido como "Kit gay". A distribuição do material foi suspensa em 2011 pela então presidente Dilma Rousseff, devido a polêmica causada na época

É notório o despreparo político perante um cenário que deveria ser de aceitação e respeito, mas que torna-se cada vez mais de intolerância e acepção. Acrescente-se a isso, o atual cenário político brasileiro, no qual, durante a campanha política de 2018, evidenciou-se a falta de conhecimento e o interesse partidário em usar as discussões concernentes à identidade sexual como bandeira ideológica contra a qual se deve lutar. Projetos como “Escola sem partido” e segregação entre

³ A cartilha na verdade fazia parte do projeto **Escola sem Homofobia**, que, por sua vez, estava dentro do programa Brasil sem Homofobia, do governo federal, em 2004. Ele era voltado à formação de educadores, e não tinha previsão de distribuição do material para alunos. O programa não chegou a ser colocado em prática.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

homens e mulheres relacionados e diminuídos à uma cor (azul e rosa), coabitaram em nossas residências por meio das redes sociais e meios de comunicação em massa de grande alcance, promovendo sérias mudanças de paradigmas por meio da difusão das famigeradas “fake news”, as quais provocaram muitas discussões que amplamente trazem à tona a eminente necessidade das escolas brasileiras de esclarecimento e reformulação do currículo e deixaram evidente a necessidade urgente que os brasileiros possuem de se informar a respeito da diversidade sexual. Claramente posicionado, o então Ministro da Educação (de janeiro a abril de 2019), Ricardo Vélez Rodríguez, entendeu como desnecessária a discussão de gênero em sala de aula, tendo feito outras declarações polêmicas como a afirmação de que “não existe universidade para todos” e a carta oficial enviada para os diretores de escolas sugerindo que as crianças deveriam ler o slogan de campanha do presidente Jair Bolsonaro (o que é ilegal) e cantar o hino nacional. Os alunos deveriam ser gravados e o vídeo encaminhado ao MEC⁴. O referido ministro criou ainda uma comissão para avaliar as questões do ENEM⁵, escolhendo alguns nomes para dizer “qual a pertinência das questões com a realidade nacional”, por fim, afirmou que não houve golpe militar em 1964, declarando em entrevista que “A história brasileira mostra que o 31 de março de 1964 foi uma decisão soberana da sociedade brasileira. Quem colocou o presidente Castelo Branco no poder não foram os quartéis”. Também afirmou que revisaria os livros didáticos, para que tivessem “uma visão mais ampla da história”.

⁴ Ministério da Educação

⁵ Exame Nacional do Ensino Médio



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Em adendo, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, por meio da Medida Provisória nº 870, de 1º de janeiro de 2019, estabeleceu as áreas de competência dos vários ministérios. No texto, é afirmado, no artigo 43, que o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, representado pela ministra Damarens Alves (que se autodenomina possuidora de mestrado “bíblico”), tem entre suas atribuições “políticas e diretrizes destinadas à promoção dos direitos humanos”. O texto, então, relaciona uma série de categorias que devem ter seus direitos promovidos: “mulher; família; criança e adolescente; juventude; idoso; pessoa com deficiência; população negra; minorias étnicas e sociais; e índio”. O termo LGBTQI+ não é mencionado. Não obstante a isso, a ministra, que fez uma declaração de que “a era do binarismo de gênero ocupará a centralidade de sua gestão”, retirou a cartilha “Homens Trans: vamos falar sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis” do site do Ministério da Saúde e, em 19 de agosto de 2019, publicou no Diário Oficial da União um decreto que coloca fim em seis comitês, incluindo o de Gênero e o de Diversidade e Inclusão. Os colegiados promoviam medidas contra violência de gênero e diversidade sexual e tinham como uma das suas finalidades apoiar a “diversidade sexual, com especial proteção às pessoas LGBTQI+” dentro do ministério.

A ministra Damarens Alves defende ainda, que a educação sexual nas escolas inclua a abstinência sexual. Para ela, ao adiar o momento da primeira relação sexual, o jovem pode também evitar doenças como o HIV, por exemplo, e optar por um relacionamento com mais afeto. Segundo a ministra, existe em curso no país uma “pressão social” para que as meninas afirmem ser bissexuais e que isso afeta a identidade e a saúde psicológica da criança, provocando até tentativas de suicídio. Sinalizando o apoio à ideia de “cura gay”. Ratificando este posicionamento, a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ministra recebeu no mês de agosto de 2019, o grupo Psicólogos em Ação, nome dado à chapa que concorreu à eleição para o Conselho Federal de Psicologia,. A equipe é formada por profissionais que defendem a cura gay, como é o caso de Rozângela Alves Justino, ativista na área. Além da chapa dos psicólogos, participou da reunião o grupo Movimento Ex-Gays do Brasil, que reúne pessoas que se dizem “curados” da homossexualidade e estão se reunindo pelas redes sociais há um tempo.

O que está explícito nessas poucas linhas me choca: temos um país governado por representantes que não escondem sua contrariedade mediante a diversidade sexual e que se posicionam contra a particular identidade de gênero a que cada um tem direito. Esses governantes têm trazidos proposições no campo educacional que agredem os direitos e trazem maiores contornos à homofobia e à transfobia. Defendem a máxima de que a família “tradicional escolhida por Deus” é a formada pelo homem e a mulher, exaltando o entendimento binário, reduzido à condição da normatividade do heteropatriarcado: macho e fêmea.

As políticas públicas, no que se referem ao gênero e sexualidade, estarão voltadas para pôr ordem ao caos, reestabelecer o desejo da natureza, porque eles sabem tudo: para eles, os corpos são naturalmente heterossexuais. A natureza aqui pode ser substituída por “Deus”. Transparece a noção de que não haverá espaço para o debate ou formulação de políticas para assegurar o bem-estar físico e mental da população LGBTQI+. As existências trans demandam que o Estado reconheça as diferenças das identidades de gênero, sem ter como passaporte autorizativo para transitar no mundo público a posse de um corpo-sexuado “coerente”, como o defendido pelos ideólogos da “ideologia de gênero”.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

1.1 A educação escolar e a educação popular: primeiros passos

Faz-se necessário diferenciar o conceito de sexo biológico do conceito de gênero (PRAUN, 2011). De acordo com o exposto anteriormente, esse não é um entendimento da maioria da população brasileira, inclusive de alguns políticos. É importante destacar que o conceito de sexo biológico diz respeito às características físicas e anatômicas que diferenciam mulheres e homens. Estes últimos possuem um aparelho reprodutor dotado de testículos, epidídimo, ducto deferente, vesículas seminais, próstata, escroto e pênis. Enquanto as mulheres possuem um aparelho reprodutor dotado de ovários, tubas uterinas, útero, vagina e vulva. Sobre isso, Butler (2003, p.30) afirma:

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análises ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. O *locus* de intratabilidade, tanto na noção de 'sexo' como na de 'gênero', bem como no próprio significado de 'construção', fornece indicações sobre as possibilidades culturais que podem e não podem ser mobilizadas por meio de quaisquer análises posteriores. Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero. (BUTLER, 2003, p.30)

No que se refere ao conceito de gênero, este envolve um conjunto de representações culturais, valores e atribuições sociais direcionadas a cada gênero, o masculino e o feminino. São distinções de caráter social que, na maioria das vezes, baseiam-se no corpo. Como escreveu Louro (2012, p. 49):



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

[...] os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades! Não apenas porque eles se transformam pelas inúmeras alterações que o sujeito e as sociedades experimentam, mas também porque as intervenções que nele fazemos são, hoje, provavelmente mais amplas e radicais do que em outras épocas. [...] Tudo isso torna cada vez mais problemática a pretensão de tomá-los como estáveis e definidos.

E Butler (2003, p. 29):

Por outro lado Simone de Beauvoir sugere, em *O segundo sexo*, que 'Ninguém nasce mulher: torna-se mulher'. Para Beauvoir o gênero é construído, mas há um agente implicado em sua formulação, um *cogito* que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro. É o gênero tão variável e volitivo quanto parece sugerir a explicação de Beauvoir? Pode, nesse caso, a noção de 'construção' reduzir-se a uma forma de escolha? Beauvoir diz claramente que alguém 'se torna mulher', mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do 'sexo'. Não há nada em sua explicação que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, 'o corpo é uma situação' não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvidas, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo.

Face ao exposto, presume-se que o conceito de gênero envolve as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, nas e pelas quais seres são educados de maneiras diferenciadas, levando-os a assumirem e exercerem diferentes papéis sociais e atividades laborais na sociedade. Nesse contexto, tem-se que:

[...] uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (LOURO, 2012, p. 43-44).

Assim, levanta-se a discussão sobre a escola e suas responsabilidades com o indivíduo adolescente que se encaminha para formação pessoal e profissional



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

dentro da instituição educativa escolhida para contribuir no seu crescimento e aprendizado, visto que evidencia-se o fato de que muitos alunos são discriminados e estigmatizados dentro das escolas devido sua orientação sexual.

Foucault em sua obra clássica *História da Sexualidade* apresenta a sexualidade como uma construção histórica e cultural, cujos saberes em torno dela são produzidos de forma discursiva, de maneira a dar sentido ao exercício do poder. Neste aspecto ele cria o conceito de dispositivo de sexualidade, que compreende um conjunto de elementos intencionalmente diversos e organizados discursivamente para envolver normas administrativas, regras institucionais, pressupostos científicos, formulações filosófico morais, onde um jogo de enunciados se autorregulam através daquilo que se pode ou não se pode dizer, num movimento de afirmações e interdições. Neste sentido o dispositivo da sexualidade opera seus mecanismos associando a homossexualidade à ideia de perversão, e seus enunciados moldariam discursos médicos e jurídicos, estendendo-se o biopoder e suas consequentes decisões biopolíticas à expressão da diversidade sexual dispersas nas populações, evidenciando o estigma nos corpos considerados “pervertidos” de acordo com a orientação sexual do sujeito. O indivíduo estigmatizado encontra-se inabilitado para plena aceitação social, cujo foco da relação com outro recai justamente no atributo “depreciativo” e a impossibilidade de enxergar demais características da sua personalidade. Segundo Goffman, “os normais” costumam ter algumas variedades de formas de pensar e agir em direção aos estigmatizados. Eles podem buscar racionalizar a inferioridade do estigmatizado e produzir teorias que justificam os riscos que eles representam às ações de animosidade e a necessidade de excluí-los; fortalecer o estigma pela criação de termos pejorativos que designem estes sujeitos diferentes (em nosso tema: bichinha, veado, sapatão, traveco); ou tentar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

primeiro proceder como se aquele sujeito correspondesse também à normalidade, fazendo esforço para considerá-lo melhor do que realmente o julga, ou ainda pautar-se por um tipo de piedade, envolvida em ações e palavras benevolentes, buscando tornar mais leve o peso do estigma e melhorar a relação. Entretanto todas essas formas operam para produzir desumanização do sujeito estigmatizado e reafirmar a superioridade de quem estigmatiza. O estigma seria, portanto mais que uma marca de distinção de inferioridade moral, e se constitui como ferramenta própria ao exercício do poder e da dominação. No entanto, a expressão interpessoal da atribuição e reconhecimento de um estigma, não prescinde de um processo social que o antecede. Essa estigmatização está presente nas escolas e os seres estigmatizados precisam lidar com essa violência, simbólica ou não, diariamente.

Nesse aspecto, é importante destacar que o papel de qualquer escola deve sempre estar ligado aos seus ideais, no que deseja aos seus estudantes e à atuação destes dentro do grupo a que pertencem. Depreende-se que o compromisso dos educadores vai além da simples necessidade de repassar conteúdos acumulados no decorrer dos anos e preparar os que estão sob sua responsabilidade somente para o mercado de trabalho, mesmo sabendo que vivemos numa sociedade capitalista onde o individualismo tem destaque.

1.2 A função da Escola e a Sociologia: (re) formar?

A função da escola deve ser a de fazer com que o educando participe do seu grupo ativa e afetivamente, apropriando-se de valores, ideais, conhecimentos acadêmicos e referenciais sócio-históricos. De fato, uma apropriação significativa, tanto para si como para o outro, tornando-se uma pessoa sensível e responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

pela transformação da realidade em que está inserido, sendo também conhecedor de si próprio, dos seus direitos e enxergando-se parte desse mundo, no qual sua presença e participação cidadã é essencial. Dessa forma, o aprendizado torna-se importante à medida que ajuda a transcender ao aqui e agora, oportunizando a aplicação, em situações diferentes, dos conteúdos apreendidos; estabelecendo relações com assuntos, fatos e momentos passados ou futuros; entendendo causa e consequência; posicionando-nos crítica e ativamente no grupo que se faz parte. Transcender significa mudar a maneira de ver e viver a realidade.

Pensar a escola como espaço de emancipação assumindo um dos principais objetivos como formação de possíveis atores políticos é um marco que aparece e desaparece com a temática conhecimento que relaciona “poder” e “saber” como arma ou instrumento de luta nas mãos das classes populares. Nessa perspectiva, entender a engrenagem da escola é fundamental para o devido entendimento articulando-se os campos conceitual, procedimental e relacional numa tentativa de superação das contradições oriundas das relações que envolvem os valores de uma sociedade, das relações humanas e de trabalho e a escola como espaço de massificações desses valores. (TAMARIT,1996)

A transformação social resulta do pensamento crítico que transcende o comando das imposições ou reproduções para a devida formulação das hipóteses. As necessidades de formulação de hipóteses são e serão garantidas ou experienciadas se nós professores assumirmos uma postura que promova maior diálogo com a comunidade e com os educandos. Freire (1996) afirma que nada adianta sustentar um discurso competente se a “ação pedagógica” é impermeável à mudança e mantendo a negação de saber do(s) aluno(s) nas relações que se estabelecem no contexto da escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Como parte do currículo escolar, a sociologia ocupa papel de destaque, visto que essa disciplina se encarrega de estudar e entender a vida social humana dos grupos e das sociedades. A referida disciplina se propõe a: formar um cidadão dotado de criticidade; a aproximar o jovem da linguagem que esta disciplina oferece (por meio de debates em torno de temas de essencial importância); a oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessa ciência, resultados das pesquisas mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, de economia, de sociedade e do outro; a reconstrução e desconstrução de modos de pensar; a compreender os elementos da argumentação – lógicos e empíricos - que justificam o modo de ser de uma sociedade, classe, comunidade e grupo social.

Nesse contexto, sabe-se que o papel central do pensamento sociológico é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos, a introdução a um novo campo do saber voltado para a compreensão da vida do ser humano em grupo e para as regras e fundamentos das sociedades. Porém, o caráter discriminatório presente dentro das escolas, visível e sólido se analisados os posicionamentos de corpo gestor, professores e alunos em relação à aceitação e acolhimento da diversidade sexual que faz parte do corpo discente, nos leva a questionar como as escolas têm buscado apoiar seus estudantes, e mais ainda, como a sociologia tem sido usada enquanto instrumento de observação do mundo social.

No tocante às políticas de acolhimento, esta pesquisa considera as relações que a escola tem com os sujeitos diversos em sua sexualidade, a forma que os enxerga, os trata e os insere no cotidiano, levando em consideração suas particularidades para mantê-los confortáveis e ouvidos dentro do ambiente escolar. As diversas formas de violência relacionadas à diversidade sexual evidenciam a importância deste tema ser abordado de forma ética e política no contexto da escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Nesse sentido, a dimensão social e a “normalidade” por ela produzida têm papel de destaque no que diz respeito à perpetuação de atos discriminatórios, ainda que os indivíduos e as instituições rejeitem conscientemente essa prática.

Investigar esses aspectos políticos-educacionais é o que me move como professora, desejo de buscar respostas sobre como podemos garantir um melhor acolhimento e real integração dos jovens, não obrigando-os a se descaracterizar enquanto sujeitos autônomos e orientando-os a assumir uma postura crítica, utilizando a sociologia como instrumento para fortalecer suas posições e orientações diversas, inclusive as sexuais. Como se vê, a correlação entre o aprendizado de sociologia e as vivências é um instrumento de estímulo ao engajamento no processo de aprender e aceitação nos grupos sociais dos quais os jovens fazem parte.

1.3 O meu lugar de fala e o encontramento com a pesquisa.

– Professora, professora, posso conversar com a senhora no final da aula?

Eu respondi que sim, mas não consegui concentrar-me nas explicações. Foi difícil conduzir a aula sem voltar a minha atenção para aquele jovem, de olhos vermelhos, encolhido num canto da sala, como que acuado por algum animal selvagem que queria fazê-lo por presa. Seu olhar revelava angústia, era palpável o desespero que emanava do seu corpo, junto com o suor das mãos que se torciam confusas e trêmulas procurando um lugar para posicionar-se na carteira dura e fria.

Eu sabia que ele era gay. Já o tinha visto feliz em outros momentos, usando maquiagem e celebrando a vida nos corredores, cochichando com as colegas, rindo saudavelmente, fazendo planos para o fim de semana e comentando sobre a última festinha no clube do bairro como todo jovem devia fazer. Mas já há uns dias eu o notava triste, cabisbaixo, evasivo. Tentei aproximar-me mas não houve abertura. Ou por falta de privacidade, ou pelos inúmeros compromissos que me ocupavam o tempo na escola. Mas não o esqueci. E agora mais do que nunca sabia que ele estava com problemas.

E foi com lágrimas nos olhos que ele veio até a mim, relatar que foi expulso de casa pelo seu pai, aos gritos e palavrões, preferia ter um filho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

bandido à um filho viado. Ele não era mais querido no seio familiar. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)

Profissional da educação há mais de dez anos, tendo trabalhado em diversas instituições públicas e particulares, há pouco integro o quadro de funcionários efetivos da Prefeitura Municipal de Petrolina, cidade outrora referida como tendo vigente uma lei que coíbe as discussões sobre diversidade sexual dentro das escolas. Lamentavelmente, a lei, confusamente elaborada, no seu artigo 2º inclusive, proíbe as discussões sobre educação sexual nas escolas, trabalho esse que orienta nossos jovens sobre o uso do preservativo, a prevenção de DST's e a gravidez na adolescência.

Art. 1º - Fica proibida na grade curricular da rede municipal de ensino e da rede privada do município de Petrolina PE, a disciplina denominada ideologia de gênero, bem como toda e qualquer disciplina que tente orientar a sexualidade dos alunos ou que tente extinguir o gênero masculino ou feminino como gênero humano.

Art. 2º - Fica proibido em todas as unidades escolares da rede de ensino público e privado no município de Petrolina PE, a utilização, elaboração, publicação, exposição e distribuição de quaisquer livros didáticos ou não, que versem ou se refiram, direta ou indiretamente sobre ideologia de gênero, diversidade sexual e educação sexual.

Parágrafo único - Fica proibido nas bibliotecas municipais a exposição e distribuição de quaisquer livros didáticos ou não, que versem ou se refiram, direta ou indiretamente sobre ideologia de gênero, diversidade sexual e educação sexual

(DIÁRIO OFICIAL DE MUNICÍPIO DE PETROLINA, LEI 2.985/17, Ed. 1.812, de 20 de dezembro de 2017, pág. 08)

Não obstante, na contramão das lutas pela democracia, um outro projeto teve aprovação unanime: O PL de 067/18, que cria no âmbito do sistema de ensino do município, o programa Escola Sem Partido. No seu artigo primeiro, o projeto de lei defende que o município tenha “neutralidade política e ideológica” e reconhece os estudantes como “a parte mais fraca na relação de aprendizado”. Nos demais artigos, apresenta uma série de normas que limitam e intimidam a liberdade do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

professor no seu exercício profissional. O projeto, cópia integral de uma versão disponível na internet e que se espalhou por dezenas de câmaras municipais e estaduais com conteúdos que atacam a constituição, foi vetado posteriormente pela vice-prefeita, Floralinda Araújo Portela, quando prefeita em exercício.

Comecei a inquietar-me com os retrocessos apresentados por meio de leis que ferem princípios constitucionais: o direito à representatividade e liberdade de manifestações e orientações políticas e ideológicas assegurados aos cidadãos. A Constituição Federal, na garantia dos direitos sociais e individuais, afirma que:

Educar para os direitos humanos, como parte do direito à educação, significa fomentar processos que contribuam para a construção da cidadania, do conhecimento dos direitos fundamentais, do respeito à pluralidade e à diversidade de nacionalidade, etnia, gênero, classe social, cultura, crença religiosa, orientação sexual e opção política, ou qualquer outra diferença, combatendo e eliminando toda forma de discriminação. (BRASIL, 2013, p.165)

Como professora de sociologia, ciente da extrema importância desta disciplina para compreensão dos problemas sociais, senti-me instigada a pesquisar as situações de acolhimento dos jovens em sua diversidade sexual e as contribuições que a sociologia pode trazer no aspecto elucidativo de práticas que violentam a juventude em seus direitos e a impelem ao ostracismo.

É preciso refletir sobre a educação, hoje, na perspectiva de construção de uma sociedade democrática, capaz de assegurar direitos sociais, políticos, econômicos e culturais para todas as pessoas. Isso significa garantir que as diferenças de classe, de raça/etnia, etárias, de gênero, de orientação sexual e de identidade de gênero não contribuam para a legitimação das hierarquias sociais e da exclusão.

Se a escola tem sofrido por não sabe lidar com as diversidades geradas por estigmas e tabus, a sociologia pode amparar esta prática, pautada pela defesa dos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

direitos humanos e pela perspectiva de erradicação da homofobia, transfobia, lesbofobia e de “desnaturalização” das relações desiguais de gênero.

A escola precisa buscar subsídios à prática educativa para desconstruir o paradigma naturalista da dominação masculina, traduzido nos valores da masculinidade hegemônica secularmente vigente em uma sociedade heteronormativa, ou seja, regida pela norma heterossexual. E meu lugar de fala, é o chão da mulher, professora, inquieta com a docência, com a escola, com as provocações do mestrado em ensino de sociologia e revirada com todas as problemáticas que escrevi nos tópicos anteriores e os que seguem, sejam por desabafo, sejam por uma melhor compreensão do meu lugar de pesquisa. O meu lugar de fala é o chão onde gritam essas vozes que falam mais do que dizem “*Professora, professora, posso conversar com a senhora no final da aula?*”.

1.4 Reflexão sobre as práticas do ensino de Sociologia e o estigma da identidade de gênero

Ouvimos diariamente casos e queixas de adolescentes submetidos a constrangimentos, bem como violência no meio social em que estão inseridos. São vítimas de uma sociedade desinformada, impregnada de tradições seculares, valores morais distorcidos e comportamentos tradicionalistas, com raízes religiosas em que a verdadeira expressão do sujeito se perde mediante dogmas e ritos difundidos pela igreja e instituições conservadoras, que cerceiam o direito à representatividade através da orientação sexual e identidade de gênero, provocando situações de crueldade e selvageria, nas quais vidas são tiradas, direitos são violados e vozes são caladas. Não obstante, é importante destacar que tais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

transgressões se passam inclusive dentro dos muros da escola, onde muitas vezes começam e a partir dos quais se propagam. Isso é ponto de partida para imersão em depressão, fuga por meio das drogas e isolamento dos estudantes.

Ao se tratar de sexualidade, não existe padrão de normalidade ou anormalidade. A manifestação sexual/afetiva é de caráter individual e íntimo dos indivíduos. Em anos de educação, acompanhei e vislumbrei inúmeras situações de humilhação física e psicológicas concernentes à orientação sexual dos jovens. Cheguei a presenciar um aluno ser excluído de uma festinha na escola por ser considerado “a bicha”, “o veadinho”. Tive que enxugar as lágrimas de uma linda jovem que foi ameaçada, xingada e diminuída moralmente por carregar a alcunha de “sapatão”. Um jovem de apenas 12 anos foi espancado e expulso de sua própria casa aos pontapés pelo seu pai, enquanto a mãe assistia inerte a cena.

A palavra preconceito está associada a repúdio que por sua vez aparece associado a práticas discriminatórias. E de fato, o preconceito aparece associado a quase tudo e está presente desde os primórdios da humanidade. A marca resultante destes preconceitos e discriminações se torna o que comumente é chamado de estigma. Sobre isso Saraiva (2012, p. 150-151) afirma,

Tratando-se de uma relação dinâmica, o estigmatizador se vale de uma noção, muitas vezes, implícita de normalidade para infligir ao não normal níveis diversos de depreciação de maneira a não apenas enfatizar a diferença, como também para regular os outros ‘normais’, mostrando-lhes o que eventualmente pode acontecer aos os que não se ajustarem ao esperado.

Sobre esta questão do estigma, Goffman (2004), chama a atenção para o fato de que o estigma está relacionado ao processo de categorização. Neste processo de categorização, as pessoas estabelecem o que é normal e comum. É aí que se cria a identidade social virtual que diz respeito ao que prever uma pessoa sobre o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

que outra possa ser. A identidade social virtual pode discrepar da identidade social real. No caso dos estereótipos aparecem associados à uma generalização de julgamentos de ordem subjetiva relacionando-a a um determinado grupo. Michener; Delamater e Myers (2005) associam os estereótipos a “esquemas de grupo” e definem esquema como estrutura bem organizada de cognições a respeito de alguma entidade social. Eles também afirmam que pelo fato dos estereótipos serem supergeneralizações se presume que todas as pessoas que compõem um grupo sejam semelhantes e isso conduz a erros relativos à percepção ao julgamento social.

Os preconceitos, os estereótipos e os estigmas são construções sociais que deixam sempre suas marcas de dor e sofrimento. As pessoas que se identificam como LGBTQI+ sabem de perto o que significa serem discriminadxs, estigmatizadxs. Segundo Saraiva (2012, p. 160), “o homossexual é estigmatizado porque é considerado, de início, ‘errado’, ‘diferente’, ‘marginal’.” Preconceitos, discriminações, estereótipos e estigmas estão por todos os lados, em todos os lugares e estão arraigados nas pessoas e nas sociedades. O que muda com relação a eles, é a intensidade com que acontecem e a maneira que se tem para combatê-los e puni-los. Não é raro casos de preconceitos e discriminações e violências relacionadas à homossexualidade não serem punidos.

A falta de conhecimento e o desrespeito pelas diferenças faz surgir crescentemente em sociedade o estigma que imprime nos estigmatizados a marca da exclusão, do preconceito, do não aceito e da omissão. Esta é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que ‘status social’, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”. (GOFFMAN, 2008, p. 11-12)

A escola, que deveria ser espaço de multiplicação de conhecimentos, integração de pessoas e valorização de atores sociais, tem se tornado lugar de preconceito velado, extensão de práticas sociais avultantes, nenhuma democratização de direitos e perpetuação de estigmas. Dessa forma, pensando em como a sociedade precisa enxergar os jovens, bem como de que maneira a escola e o ensino de sociologia podem contribuir para o acolhimento e interação social desses personagens, é que surge meu estudo, que discutiu alguns dos desafios sociais que o jovem encontra no espaço escolar, em relação a sua orientação sexual e identidade de gênero.

A partir dessas constatações, tive a oportunidade, também, de refletir sobre as práticas curriculares que orientam o ensino de Sociologia e que colocam o aluno como centro do processo integrador de conhecimentos, não esquecendo-se do aluno, ser social. Busquei entender como se dá o processo de integralização desse sujeito, que por vezes deixa de ser protagonista de sua própria história, tendo sua voz abafada e seu papel ignorado por falta de preparo da instituição escolar e de seus funcionários, que preferem se eximir de suas responsabilidades educativas por não saber lidar com essa temática tida como delicada ou até como um tabu por muitos docentes, devido à crescente estigmatização legitimada pelas políticas públicas (ou ausência delas).

Há a necessidade de vislumbrar a sociologia enquanto disciplina de expressiva necessidade para apuração do senso crítico e abrangência de diferentes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

olhares para novos horizontes. Desenvolvi, então, um trabalho investigativo, observando as aflições sociais e as práticas docentes que existem no âmbito do ensino de sociologia relacionadas ao acolhimento da diversidade sexual dos jovens, analisando as contribuições ou negativas para a abertura de espaço, afim de que eles assumam sua representatividade social. A minha intenção foi referenciar a sociologia como disciplina de importância primária para o enfrentamento de tais dificuldades.

Optei por iniciar o traçado da questão de pesquisa partindo do reconhecimento da necessidade de construção de uma verdadeira cultura democrática e de paz que repudia qualquer forma de preconceito e discriminação sexual, causas de sofrimentos e de mortes. O Brasil é o país que mata mais travestis e transexuais no mundo. Em 2016, foram 127, um a cada 3 dias. A expectativa de vida deles é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. Os dados são do Grupo Gay da Bahia (GGB), em pesquisa referente ao ano de 2017, e não faltam histórias Brasil afora que os comprovem.

A falta de registros ainda é um grave problema no país, que ainda necessita de registros centralizados e oficiais do tipo, portanto a realidade possivelmente é muito mais dramática. Ainda segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) divulgado em 17 de maio de 2019, o Brasil registrou 141 mortes de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio de 2019. Segundo a entidade, foram 126 homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas.

A aceitação da orientação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo é ainda difícil, gerando discriminação e violência. O relatório anual do Centro de Justiça Global sobre Direitos Humanos no Brasil (2003) apontou a violência contra os LGBTQI+ como um dado preocupante, indicativo da violação de direitos humanos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

e da ausência de medidas concretas que coíbam e punam tais crimes. Essa violência horroriza e sensibiliza um número cada vez maior de pessoas preocupadas com a consolidação de padrões de civilidade, justiça e solidariedade.

A escola é um importante espaço de reflexão e ação contra o preconceito. Espero que esta pesquisa estimule toda a comunidade escolar a atuar pela erradicação de qualquer forma de discriminação e preconceito contra lésbicas, gays, travestis e transexuais.

Partir do espaço escolar para pensar as identidades sexuais significa reconhecer não apenas os seus limites, mas também o seu potencial para contribuir com uma convivência humana mais ética e saudável.

1.5 Uma possível pergunta ou a descoberta da pergunta?

A escola foi escolhida como campo de estudo devido à significação que ela tem na vida dos jovens, afinal, é um espaço de convivência e de aprendizagem de conhecimentos tidos como legítimos pela sociedade. Esta discussão visou reconhecer os protagonistas desse espaço, a fim de destacar o potencial dos mesmos e desse lugar para contribuir na construção de uma cultura democrática e de paz.

Apesar de acreditar no potencial da escola para cooperar com a promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero, não posso negar que ela é também um espaço disciplinador e normalizador.

Dessa forma, mediante o **objeto de pesquisa** que foi investigar as políticas de acolhimento à diversidade sexual na escola e as contribuições da sociologia nesse âmbito, considerando que esta disciplina deve fomentar discussões a respeito



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

dos direitos e construtos sociais, é que a problemática central da investigação foi saber: **Que políticas de acolhimento à diversidade sexual acontecem na escola e como a prática pedagógica de sociologia contempla esse debate?**

Como subsídio à problemática, a investigação trouxe como questões norteadoras: Como a escola entende a identidade de gênero e a orientação sexual dos seus alunos? Há políticas de acolhimento por parte da escola no que se refere à diversidade sexual dos jovens que a frequentam? Que políticas públicas têm sido criadas ou fortalecidas para garantir o direito à integração dos jovens na escola, respeitando a sua orientação sexual? Quais são as práticas docentes e a condução do ensino de sociologia com referência às questões da diversidade sexual?

È a partir dessas questões, alinhadas aos objetivos, que a pesquisa foi desenvolvida e estará aqui dissertada, além das provocações e entendimentos iniciais e as considerações finais, em 4 capítulos nos quais estão os processos metodológicos vivenciais no processo da investigação; as compreensões da identidade de gênero e diversidade sexual; as narrativas dos interlocutores sobre si e os outros nas relações de acolhimento e as práticas sociológicas em meio a essas problematizações.

2. DESENHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO: CHÃO, CORPOS E SEUS ENCONTROS COM A PESQUISA

Estava atrasada, corria a passos largos em direção à sala dos professores, desejosa de tomar um copo d'água antes de adentrar a sala de aula do 3º ano. Mesmo correndo, ao passar pela cantina, não pude deixar de notar uma movimentação estranha. Um aluno colocava-se à frente de outra, acompanhado de um terceiro e impedindo a passagem da colega. Não conseguia ouvir as palavras daquele diálogo, que mais parecia um monólogo, visto que, enquanto era nitidamente intimidada por dois colegas maiores em tamanho e mais velhos em idade, a menina se encolhia toda, tentando passar, com os olhos cheios de lágrimas. Parei e me virei em



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

direção ao episódio, decidida a entender o que estava acontecendo, mesmo que isso me custasse mais alguns minutos de atraso. Antes que eu desse três passos à frente, uma outra colega se aproximou da primeira. Pegou em sua mão e encarou os outros dois rapazes com firmeza. Alterou o tom de voz e gritou algumas palavras, as quais pude ouvir:

- Vocês não têm vergonha de ameaçar a B. não? O que ela fez contra vocês, seus machões? Somos gente, ela é minha namorada! Vou chamar o diretor!

Os outros dois jovens, ainda deram uns passos adiante, decididos à agir com violência, porém ao ouvir a palavra diretor, um deles falou:

- Vamo sair fora V. Quase fui expulso semana passada por causa da parada do banheiro. Pai me mata se o diretor me botar pra correr. Não quero me sujar por causa dessas duas sapatonas. Vamo vazar!

Esse jovem puxou o outro pelo braço e os dois saíram pisando em brasas, dizendo entredentes que a história não havia acabado e esfregando as mãos compulsivamente, enquanto ouviam gritos de 'Covarde!' vindos da boca da garota que chegou por último. Esta abraçou a namorada, a beijou na testa e disse pra ela ficar tranquila, que isso ia passar logo, que eles iam ter que se acostumar a vê-las juntas. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)

Em uma investigação qualitativa na qual se imbricam pessoas diversas e contextos escolares também diversos, é preciso ter um olhar atento para os sujeitos, participantes da pesquisa, e vê-los como construtores da sociedade. Esta acepção é vista como uma teia, que os atravessa, atravessa suas vivências, suas pertinências, suas possibilidades, suas memórias e as suas interpretações das experiências vividas cotidianamente no ambiente escolar, no seus atravessamentos e significações culturais; como afirma, Geertz (2011, p. 04):

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ, 2011, p. 04):

Foi entendendo essa teia de significações que fui ao campo, encontrar sujeitos e suas experiências, olhares e narrativas. A partir da compreensão cultural na qual se insere o campo empírico da investigação, a pesquisa me exigiu, de início, compreender também a cultura escolar na qual as práticas e representações de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

seus habitantes se desenvolvem. Entendo que é “[...] indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.” (FURLANI *apud* LOURO, 2012, p.69). Nota-se que:

[...] o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc., e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo. (FURLANI *apud* LOURO, 2012, p. 69).

A escola deveria ser aporte para incorporação de identidades, pois ao descobrir suas habilidades, preferências e características, o jovem passa a confrontar a imagem que constrói de si próprio com as imagens que os outros lhe atribuem. É nesse jogo entre o eu e os outros que sua identidade vai sendo construída. No caso específico da sexualidade, sabemos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem “viver seus desejos e prazeres corporais de muitos modos (Weeks, *apud* Britzman, 1996).

Na pesquisa, de caráter qualitativo, lancei mão do método autobiográfico que melhor contribuiu para o alcance dos objetivos tendo como instrumentos principais para a construção dos dados a entrevista narrativa e a observação participante.

Para proceder nesta investigação, considerando a existência de sujeitos e contextos escolares diversos, compreendi no cenário da investigação, que os sujeitos se fazem construtores sociais de uma realidade vista como rede, que os interliga, interliga suas vivências, suas apropriações, suas expectativas, suas memórias e as suas visões e compreensões das experiências vividas no cotidiano do ambiente escolar, que formam sua personalidade e influenciam na sua maneira de pensar o mundo e se colocar no espaço em questão, como afirma Delory-Momberger (2012):



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. (p. 524)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21)

Nesse aspecto as relações, as representações e as intencionalidades dos processos não podem ser explanados em números e indicadores quantitativos, pois ao se tornarem objeto da pesquisa qualitativa se busca compreender os significados, um nível de realidade que não se mensura em números mas se torna acessível no movimento relacional construído pela pesquisadora e colaboradores da pesquisa (MINAYO, 2009).

No contexto da pesquisa e com a necessidade de melhor compreender as relações dos interlocutores com suas diversidades sexuais, a abordagem metodológica (auto)biográfica, permitiu a compreensão dos fenômenos sociais como textos e a interpretação como construção de sentidos e significados das experiências particulares e coletivas. Ao convocar o sujeito a olhar para seu percurso pessoal de formação e pertencimento na vida, ele o faz mobilizando referências que estão na coletividade, assim como também produzirá subjetividades únicas. Assim, a metodologia que escolhi, auxilia na percepção do singular-universal das narrativas reveladas, das dimensões relevantes que lancem luz sobre as



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

problemáticas propostas, a mobilização das subjetividades através dos autos relatos se apresenta como modo de produção de conhecimento (SOUZA, 2007).

Em Cipriani, descobrimos que, através das narrativas de sua vida,

[...] o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão do si faz emergir em sua narração todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribui para a construção social da realidade. (CIPRIANI, 1983 *apud* SPÍNDOLA; SANTOS, 2003, p. 122).

A auto biografia é um método de pesquisa em educação que traz o sujeito, suas experiências, sua história de vida e de formação, para a centralidade significativa de sua própria existência. O sujeito é autor de sua narrativa, de sua forma de pensar e dizer sobre ele próprio. É ele quem constrói os sentidos daquilo que narra e do que pensa sobre si.

O trabalho com a pesquisa (auto)biográfica possibilita o conhecimento de si, traduzido nos percursos pessoais e profissionais de cada sujeito. Esta opção teórico-metodológica delinea-se também como uma prática formativa em que as experiências pedagógicas do coletivo são tomadas como dispositivos de investigação-ação-formação, revelando o fazer cotidiano da docência nas diferentes temporalidades que compõem a narrativa. (RIOS, 2014, p. 273)

A autobiografia comporta e combina diferentes técnicas para a construção de dados, técnicas que auxiliam o pesquisador a unir tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador. (SOUZA, 2011)

A pesquisa autobiográfica, a despeito de se utilizar de diversas fontes como narrativas, histórias orais, fotos, vídeos, filmes, diários, reconhece-se dependente da memória dos fatos vividos. Esta é o componente essencial na característica do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

narrador com que trabalhei para poder reconstruir elementos de análise que auxiliaram-me na compreensão do meu objeto de estudo. Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza, adotei uma tradição em pesquisa visando o reconhecimento da realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado no ambiente escolar, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Nesse contexto, constatamos uma nova relação entre “investigador e investigado, na qual não há lugar para neutralidade e distanciamento”. (OLINDA, 2008, p. 94). Por esta razão, busquei, desde o início, trabalhar antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, sem contudo, perder o rigor que a pesquisa me exigiu.

Não há a pretensão, portanto, de estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo pelas vozes dos estudantes, professores e gestores do Ensino Médio. Nesse sentido, essa pesquisa demandou diversos esforços de generalização analítica, em especial no que respeita às dimensões escolares:

[...] é preciso reconhecer que mesmo os mais impenitentes críticos do gesto (auto)biográfico a ele se consagraram uma ou outra vez. Tudo se decide na consciência do acto. No seu equilíbrio e sensatez. Na aceitação de que a (auto)leitura, mesmo partilhada, não constitui uma verdade mais certa do que as outras leituras. Não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos, mas de um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados. É uma história que nos contamos a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante como o que fica por dizer. O como se diz revela uma escolha, sem inocências, do que se quer falar e do que se quer calar (NÓVOA, 2001, p. 7-8).

O método autobiográfico foi concebido como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microssociais, pois permite conhecer os olhares dos sujeitos sobre as situações vividas, o que perfaz campo fértil para os



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

propósitos essenciais desta pesquisa. Assim, visitando o campo de estudos, interpelei alunos do ensino médio sobre suas experiências como estudantes que emergem na contemporaneidade em um quadro de diversidade sexual avultante e que se posicionam perante suas próprias escolhas.

Além dos estudantes, tive como interlocutores desta pesquisa, professores de sociologia e gestores da escola escolhida, a fim de analisar a didática e o encaminhar dos trabalhos e sua reflexiva prática pedagógica, juntamente com as implicações dentro do processo de acolhimento da instituição escolar.

2.1 Técnicas e instrumentos de produção dos dados

Partindo da experiência (auto)biográfica dois instrumentos foram utilizados para construção dos dados, a narrativa (auto) biográfica dos estudantes que foi registrada no Diário de Vida conforme orientação (APÊNDICE A) e a entrevista qualitativa-narrativa aplicadas aos professores de sociologia e gestores utilizando o registro oral (gravação) seguindo as questões guiadas (APÊNDICE B e C). Em alguns casos o instrumento do diário de vida não foi exitoso, visto que escrever ainda é um desafio para muitos jovens, que se sentem acuados e avaliados de todas as formas. Assim, atendendo a um pedido de alguns destes estudantes, realizamos encontros em locais fora da escola, nos quais foi utilizado um gravador de voz para registro das conversas. A escolha do local foi sempre de sugestão dos jovens, levando-se em consideração os cuidados com a preservação da imagem dos mesmos, acordados por meio do TCLE⁶. Utilizamos também o correio eletrônico de mensagens Whats app.

⁶ Termo de consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

A entrevista narrativa tem como pressuposto subjacente que as perspectivas do narrador se revelam melhores nas histórias onde ele usa sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos quando é convidado a contar sobre eventos importantes na sua vida e contexto social (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002).

Depois de consentido a participação na pesquisa, aos alunos, foi entregue um diário de vida, onde os mesmos narraram suas (auto) biografias sobre as experiências relacionadas à identidade de gênero na escola. É importante ressaltar que o diário de vida não foi um instrumento bem aceito em alguns casos, devido à resistência dos estudantes em escrever. Nesse caso, mantive contato pela ferramenta eletrônica whats app, sugerido pelos próprios interlocutores, por meio da qual os alunos me mandaram áudios que foram devidamente arquivados, ouvidos, transcritos e analisados. Também encontrei-me diversas vezes com os sujeitos fora do ambiente escolar, sempre aos fins de semana para não prejudicar a rotina destes e sempre em ambientes reservados e confortáveis para que fosse mantido um diálogo aberto e sincero.

O uso desses instrumentos, visou manter a confidencialidade das informações, já que os diários não foram identificados por nomes, e sim por cores, assim como os sujeitos. Apenas a pesquisadora e a orientadora sabiam a quem pertencia o diário de cada cor. Essa também foi uma forma de evitar constrangimento, pois o jovem teve liberdade de escrever o que se sentiu à vontade e também não foi exposto aos demais jovens pesquisados. Esse instrumento ofereceu total liberdade de expressão ao pesquisado.

Além dos instrumentos, aplicados diretamente aos interlocutores, lancei mão da observação participante, considerando que a investigação tem como centro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

do diálogo as políticas de acolhimento às diversidades sexuais, considerando as dimensões pessoal e interacional, institucional e sociocultural no ambiente escolar (ANDRÉ, 2008) e buscando as representações e as opiniões dos atores escolares e tomando-as como importantes elementos na investigação.

Nessa perspectiva que Angrosino (2009) define a observação como um ato de perceber as atividades e inter-relações das pessoas do cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador, que exige registro objetivo e uma busca de padrões que são identificados nas vivências da cultura cotidiana do grupo participante da pesquisa. Ainda como afirma Correia:

A Observação enquanto técnica exige treino disciplinado, preparação cuidada e conjuga alguns atributos indispensáveis ao observador investigador, tais como atenção, sensibilidade e paciência. Tem por referência o(s) objetivo(s), favorecendo uma abordagem indutiva, com natural redução de 'pré-concepções'. A possibilidade de vir a clarificar aspectos observados e anotados em posterior entrevista e em observações mais focalizadas, constitui um ganho excepcional face a outras técnicas de investigação. (CORREIA, 2009, p. 35)

Com a observação participante busquei descrever os significados de ações e interações, indo muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução do seu discurso, depoimentos e ações, mas, fazendo uma descrição compreensiva e interpretativa, sendo fiel aos acontecimentos reais no processo de observação.

2.2 O campo empírico: Compreensões do chão da pesquisa

Reproduzindo padrões tradicionais da sociedade, a escola não tem acolhido bem seus alunos na sua diversidade sexual, contribuindo para a cultura do preconceito e da homofobia. O que discorrerei nesta dissertação é resultado do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

corpus de dados mediante a investigação no “chão da escola”, na qual o enfoque é a influência que a ausência de acolhimento implica nos estudantes a partir de suas orientações sexuais e como a disciplina de sociologia pode contribuir para uma emancipação significativa dos jovens nas salas de aula de ensino médio.

Inicialmente, havia visitado uma escola estadual do município de Juazeiro-BA, na qual desenvolvi alguns projetos e trabalhos ao longo do mestrado. Durante a realização dos referidos trabalhos, observei que o espaço e o público de alunos e professores era propício à minha pesquisa, por demandar uma grande diversidade sexual entre os jovens e por abrigar questões pedagógicas que merecem a devida atenção. Assim, decidida a fazer minha pesquisa neste campo, procedi nos encaminhamentos burocráticos de solicitação de anuência por parte da gestão e verificação do PPP⁷ da escola, dos espaços escolares, turmas, observação de alunos, entre outros. Neste ponto, ainda não havia iniciado a pesquisa propriamente dita, estava apenas divagando, verificando, investigando, analisando e concluindo se realmente era o lugar certo para ter uma visão macro e micro em relação à minha problemática.

Porém a vida nos surpreende, e uma dessas surpresas recebida com muita alegria foi uma mudança que, ao final do ano de 2018, veio para somar e multiplicar conhecimentos, amizades, descobertas e crescimento ao meu percurso profissional e pessoal. Após ter feito um concurso para a Rede Estadual de Pernambuco em 2016, fui chamada a apenas três dias do vencimento deste. Com muita felicidade e também ansiedade, fui em busca de uma escola para me lotar. Levava em consideração também, escolher um local onde pudesse contribuir, deixar minha

⁷ Projeto Político Pedagógico



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

marca e por que não, realizar minha pesquisa, visto que teria muito mais tempo em campo, afinidade com o alunado e proximidade com o corpo gestor.

A partir da compreensão social na qual se insere a pesquisa, o **campo empírico é uma escola do sertão brasileiro – escola estadual da zona urbana (subúrbio do município)**. Uma Escola Estadual do Estado de Pernambuco, município de Petrolina, que oferece turmas de Ensino Fundamental anos finais, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio (1º ao 3º anos), funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e é uma das cinco escolas Polos do Novo Ensino Médio, adotando nos Primeiros anos do Ensino Médio as mudanças relatadas pela Base Nacional Comum Curricular. Para melhor preservação da amostra e no intuito de garantir a privacidade dos participantes, optarei por não divulgar o nome da escola, usando o pseudônimo de Escola Arco Íris e evitando assim estigmatização dos grupos sociais envolvidos, conforme compromisso assumida na submissão do trabalho ao CEP⁸.

Dessa forma, após determinar a escola campo de pesquisa, em fevereiro de 2019, iniciei minhas atividades, observações e as narrativas (auto) biográficas com alunos e entrevistas qualitativa-narrativas com professores de sociologia e corpo gestor, que tiveram devido espaço para discorrer sobre suas histórias de vida, angústias, situações de vulnerabilidade e percalços no contexto social em que estão inseridos. Essas narrativas foram de extrema importância para compreender os contextos das situações de exclusão e/ou acolhimento dos jovens perante sua diversidade sexual, buscando entender como os jovens são recebidos e tratados em suas diferenças.

⁸ Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

A escola atende a um público de 1500 alunos em média e foi fundada em 02 de agosto de 1994, perfazendo 24 anos de serviços à comunidade. Em sua maioria, a população dos dez bairros circunvizinhos que a escola atende é carente. Grande parte dos familiares e, até mesmo os estudantes, trabalham em fazendas de uva para manter a sua subsistência. Outros trabalham no comércio; são profissionais da área de construção (pedreiros, serventes de pedreiro) e outros, vivem de “bicos”. A realidade dessas comunidades retrata a situação de desigualdade do município. É comum conversar com jovens e perceber que não há um projeto de vida, que os mesmos não têm grandes expectativas para o futuro e que não enxergam a educação como uma maneira de crescer ou mudar de classe social. De acordo com dados de 2010 do IBGE⁹, no que diz respeito à incidência de pobreza provocando a desigualdade entre as classes, Petrolina apresenta um índice de 42,96%. Quase metade da população encontra-se na linha de pobreza. Parte dessas pessoas vive em comunidades que não oferecem o mínimo de estrutura para a sua sobrevivência.

Apesar de o município apresentar em 2010 um IDHM¹⁰ de 0,697, muitas comunidades ainda necessitam de condições mínimas de estrutura para garantir uma vida saudável.

Nesse sentido, a educação aparece como instrumento de transformação. A partir do acesso à escola o ser humano torna-se capaz de construir uma nova realidade. A escola, nesse contexto, tem a responsabilidade de contribuir para tal transformação. De acordo com o PPP¹¹ da escola campo, o trabalho da instituição

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

¹⁰ Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

¹¹ Projeto Político Pedagógico



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

reforça o exercício da cidadania, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo tornando mais provável ao estudante agir com vistas à promoção da igualdade social.

No que diz respeito à estrutura física, a escola conta com 13 salas de aula que comportam até 40 alunos em cada uma, três delas com ar condicionado e, as outras onze, com 02 ventiladores (alguns em péssimas condições de uso); um espaço que funciona como biblioteca equipada com 13 prateleiras, 03 mesas, 01 birô, 04 bancos com 05 lugares cada um, 01 cadeira, 02 puffes e 02 ventiladores; um laboratório de informática com 18 computadores e 01 impressora (que não tem internet e por isso, não é utilizado com frequência nem por alunos e nem por professores); sala de professores com armários, mesa, cadeiras, ar condicionado, bancada, 2 computadores e 1 bebedouro; sala de aula de AEE¹² com 2 computadores, 02 notebooks, 01 notebook adaptado para aluno de baixa visão, 01 impressora, 01 scanner, 01 armário, 01 birô, 06 cadeiras, 4 mesas, 02 mesas para computador, 01 prateleira e 01 ar condicionado; secretaria, que está equipada com 05 computadores, 01 impressora, 05 birôs, 08 cadeiras, 05 armários, 04 arquivos e 01 ar condicionado; coordenação com 02 armários, 01 arquivo, 01 birô, 03 cadeiras, 01 ar condicionado, 01 impressora e 01 computador; sala da gestão equipada com 02 armários, 02 birôs, 05 cadeiras, 01 ar condicionado, 01 computador, 01 impressora e 02 máquinas de xerox; cozinha com 04 freezers, 01 geladeira, 01 fogão industrial, 01 fogão simples, 02 armários, 01 dispensa, 01 bebedouro, 01 almojarifado, 01 depósito; 03 banheiros (professores, alunos e alunas), quadra de esportes cimentada sem cobertura e um anfiteatro sem cobertura.

¹² Atendimento Educacional Especializado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

É importante dizer que a escola não possui prédio próprio, funcionando graças a cedência de um prédio pela Prefeitura. No entanto, a infraestrutura do referido prédio é precária e por não ser próprio não tem investimento em reformas por parte do estado e nem da prefeitura, já que há uma celeuma na discussão a respeito de quem seria o responsável pelas melhorias físicas na estrutura física da escola. Assim, há muitos problemas elétricos, as salas são quentes e apertadas, há pouco espaço no pátio para o número de alunos matriculados e outros problemas que são enxergados, porém não resolvidos pela Secretaria Municipal de Educação de Pernambuco. A escola não possui segurança adequada e sofre constantemente com assaltos que acabam por destruir e aniquilar o parco patrimônio. Um exemplo disso é que de 14 data shows que a escola recebeu em 2014, restam apenas 2, os outros foram furtados em diferentes ocasiões.

O corpo de servidores da escola é composto por um gestor, uma gestora adjunta, uma secretária, dois educadores de apoio (coordenadores pedagógicos), três assistentes administrativos, dois analistas educacionais, dez professores de Atendimento Educacional Especializado e quarenta e seis professores das áreas afins.

É necessário ressaltar que no estado de Pernambuco não há em efetivo exercício professores de sociologia formados em Ciências Sociais e nem professores de Filosofia com formação específica. Nos editais de concurso para as referidas vagas, não há exigência destas formações, e os professores de História ou geografia é que acabam complementando sua carga horária com as disciplinas de sociologia e filosofia. Isso implicará bastante no aprendizado do aluno, no trabalho com estas disciplinas e nas discussões concernentes ao meu objeto de estudo, pois o processo de constituição do sujeito professor nos seus múltiplos atravessamentos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ocorridos ao longo da sua história de educação sexual, também traz elementos para serem analisados nesta pesquisa.

A vivência escolar, na Escola campo escolhida, caracterizou-se pelo processo e o resultado das experiências dos sujeitos, dos sentidos construídos e compartilhados e/ou disputados, confrontados pelos atores que fazem a escola, (FARIA FILHO, 2007). Entender o campo empírico também como o lugar dos diversos, me levou também a entender a cultura escolar como sendo a,

[...] forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares. (FARIA FILHO, 2007. p. 195).

2.3 Os interlocutores da pesquisa: Construindo grupos de análise

Ao adentrar nesse universo escolar, percebi algumas dificuldades a priori, mas tentei desconstruir-me e reconstruir-me, sabendo que a base principal da análise sociológica é a desnaturalização. Como afirma Moraes (2010):

O movimento do estranhamento é o ato de estranhar no sentido de se admirar, de se espantar diante de algo que não se tem conhecimento ou costume; pode-se alcançar o “estranho” ao perceber algo ou alguém de forma diferente do que se conhece, ao assombrar-se em função do desconhecimento de certos fatores, ao se sentir incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade, ao não se conformar com algo ou com a situação em que se vive; ao não se acomodar (MORAES, 2010).

Mantive contato inicial com o gestor da escola (como já citado, por questões éticas nenhum dos sujeitos pesquisados será identificado pelos nomes originais nesta pesquisa). Em uma longa conversa, expliquei quais os meus objetivos, minha problemática, universo pesquisado e finalidade com o presente estudo. Questionei-o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

sobre a escola, a ambiência o tratamento dispensado aos alunos que apresentam diversidade sexual e diferentes orientações.

O gestor não demonstrou ser uma pessoa muito prolixa. Se manteve neutro durante toda a conversa e evasivo em alguns pontos da minha inquirição. Quando eu abordava as questões referentes à diversidade sexual, percebia um certo desconforto, ratificando o grande tabu que esse assunto ainda imprime nos ambientes escolares. Identifiquei que os discursos sobre relações de gênero e sexualidade ainda encontram respaldo nas diferenças biológicas, que foram apontadas pelo gestor como características inerentes ao masculino e feminino, e também na heterossexualidade como única possibilidade de viver os desejos e as práticas sexuais, apesar deste ter um discurso de aceitação e respeito. Porém isso será discutido mais minuciosamente nos próximos capítulos deste estudo.

Fiquei um tanto retraída, pois aquela escola, além de ser campo da minha pesquisa de mestrado, seria também meu local de trabalho por alguns anos futuros. Logo, o gestor me indicou que conversasse melhor com a coordenadora. Segundo ele, esta teria mais embasamento e conhecimento sobre as práticas de acolhimentos ao jovem em sua diversidade escolar no ambiente da escola Arco Íris. Minha percepção inicial foi de que existem muitos preconceitos arraigados no campo escolhido. Isso me fez ficar satisfeita com a forçada mudança do referido campo, visto que senti que poderia analisar mais minuciosamente situações de acolhimento ou de não acolhimento, discussões ou falta delas e suporte dentro da escola aos jovens em sua complexa diversidade sexual e poderia também contribuir com a escola da qual farei parte nos anos vindouros. Em partes, isso pode ser associado à comunidade onde a escola se encontra. Um bairro periférico, rodeado de outros



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

bairros periféricos, nos quais os índices de criminalidade, violência, tráfico e abuso de drogas são alarmantes.

[...] sabe professora, é difícil lidar com esses meninos, eles acabam carregando toda essa bagagem, muitos deles têm dificuldades de aprendizagem por terem problemas familiares, como falta de atenção, carinho, alimentação, violência dentro da própria casa, falta de incentivo aos estudos, rejeição da própria família, gravidez na adolescência. Aí, a gente falar sobre sexo já é difícil, imagine falar sobre esse negócio de diversidade. Eu sou do tempo antigo professora, fico até com vergonha de tá falando isso, porque esses meninos levam tudo pra outro lado. Fico sem saber como falar disso pra eles sem dar ousadia. Porque eles acabam pensando que pode tudo e aqui na escola, a gente tem regras sobre vestimenta, namoro, essas coisas. Sei lá, é difícil essa sina de escola[...] (CADERNO DE REGISTROS, FALA DO GESTOR)

Em consonância manteve contato também com a coordenadora responsável pela articulação das turmas do ensino médio que funcionam nos turnos vespertino e noturno, pois apesar de a escola funcionar durante o dia todo, pela manhã funcionam apenas turmas de ensino fundamental anos finais (6ºs e 7ºs anos).

Na nossa conversa inicial, esta profissional me relatou situações de descaso, abandono, violência familiar, agressões e outras tantas, que vindas do seio familiar, influem diretamente no âmbito da escola. Ela apresentou-me aos professores responsáveis pela disciplina de sociologia para que eu tivesse um olhar macro e pudesse formar um elo inicial, tornando minha estadia na escola agradável e leve para todos.

[...] você nem imagina o quanto é difícil lidar com esse público tão grande e variado e ainda tentar articular os professores para enfrentarmos as dificuldades dos nossos jovens juntos. Eu procuro acolher bem a todos, como parte da gestão. Entendo as angústias, as dores e os sofrimentos de cada um deles, e tento fazer o possível para agir com acolhimento e paciência mediante as orientações sexuais e identidade de gênero de cada um. Aqui na escola, não são muitos que se assumem. A maioria se fecha dentro de si, com medo da família e dos próprios colegas, pois acontecem situações de ameaça à integridade física e precisamos intervir nisso direto[...] Lhe digo também que não é fácil lidar com os professores, porque a grande maioria considera a juventude como um problema, e alguns



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

realmente tem muita dificuldade em lidar e em aceitar a diversidade sexual. Tem uns que falam que é muita modernidade, que no tempo deles não tinha essas coisas, que isso é modismo, que se fosse filho deles, eles consertavam ligeirinho. Pra você ter noção, tinha uma menina do 1º ano que estava namorando outra menina. Esta situação causou tanto incômodo nos professores, que relatavam não entender aquela menina, tão bonita e de família, [que] estava cometendo um erro deste. Os professores ficavam fazendo comentários pejorativos na sala dos professores quando a namorada ia buscar a aluna na saída da escola. Em outra situação a escola fez um passeio aberto à comunidade escolar, mas a menina foi advertida pelos professores que não poderia levar a namorada. Mas na frente dela, não diziam nada não, porque eu repreendia, nem falavam na minha frente porque sabem que não gosto desse tipo de coisa, mas outros professores vinham me contar, abismados com essa situação, que a menina estava sofrendo preconceito dos próprios professores, que deveriam ajudá-la a ser aceita e não fazer piadinhas com isso. (CADERNO DE REGISTROS, FALA DA COORDENADORA)

A priori, observo que os professores que lecionam Sociologia na escola campo, não têm formação específica na área. No turno da noite, um é licenciado em História e o outro é Pedagogo. À tarde é a mesma situação, dois são formados em história e uma é formada em Letras. Não obstante, algumas turmas da noite ficaram sem professor desde o início do ano até meados de agosto. Em abril a GRE¹³ comunicou que não haveria previsão de suprir o déficit de profissionais nas escolas. Um adendo deve ser feito: a sociologia e a filosofia são vistas como disciplinas de “menor valor acadêmico” e à elas não é dada a devida atenção, o professor não precisa estar especificamente apto para lecioná-las, as mesmas são entregues aos professores que se dispuserem, como complementação de carga horária.

A observação participante me oportunizou identificar os participantes, levando-se em consideração a auto declaração de sua orientação sexual. Notei que na escola, há grande número de alunos com diversidade sexual ampla, porém nem

¹³ Gerência Regional de Ensino – Órgão da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco responsável pela organização e articulação das escolas da rede na região Sertão Médio São Francisco.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

todos se autodeclaram assim, alguns preferem guardar para si, visto que são recorrentes os episódios de homofobia e bullying nas salas de aula. De fato:

A heterogeneidade e a individualidade do cotidiano exigem outras dimensões ordenadoras. Impõem forçosamente o reconhecimento de sujeitos que incorporam e objetivam, a seu modo, práticas e saberes dos quais se apropriaram em diferentes momentos e contextos de vida, depositários que são [de uma] história acumulada durante séculos. (EZPELETA & ROCKWELL, 1986, p. 28).

Como interlocutores do estudo, dividi os meus seres pesquisados em três grupos distintos, a fim de produzir dados a partir dos diversos olhares dos sujeitos que constituem o espaço escolar e suas relações com o objeto de estudo:

Grupo 01 – Professores de sociologia que atuam nas turmas de ensino médio. Estes não possuem formação superior específica em Ciências Sociais e têm a carga horária preenchida com poucas aulas da disciplina em questão, visto que se trata apenas de complementação de carga horária. Esse grupo é formado por 2 professores de ambos os sexos (um masculino e um feminino). Para manter o sigilo, tais educadores receberam pseudônimos (Professor Violeta e Professor Verde), evitando a exposição dos mesmos.

Grupo 02 – Este grupo foi formado pela equipe gestora da escola, especificamente pela coordenadora, o gestor e sua vice. A todos também atribuí pseudônimos (os nomes adotados para eles é o nome de suas funções) com objetivo de garantir o sigilo e anonimato das suas respectivas declarações.

Grupo 03 - Grupo formado por adolescentes menores ou maiores de idade, estudantes do Ensino Médio, que se auto declaram diversos em sua sexualidade e identidade de gênero. Por caracterizar um grupo vulnerável, foram tomados os cuidados referentes à autorização de sua participação pelos responsáveis por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assentimento posterior por meio do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Termo de Assentimento do Menor (no caso dos menores), preservação das identidades (Todos os participantes receberam pseudônimos para manutenção do anonimato relacionados à cores de sua escolha), foi oferecido suporte psicológico e pedagógico, sendo importante ressaltar que diversas vezes os próprios sujeitos me procuraram para desabafar e relatar diversas situações de bullying e preconceito.

Após quatro semanas de observação inicial, conversei com três jovens e os convidei a participar da minha pesquisa. Estes jovens me apontaram um quarto, o qual eu não tinha conhecimento da sua orientação sexual e que se propôs prontamente a colaborar comigo, inclusive, este chegou a me procurar na escola e discretamente, perguntar se eu conhecia os demais jovens e se assim como eles, também poderia contribuir com meus estudos. Ele ainda disse que a escola de fato precisava rever estas questões de acolhimento e trato com os alunos em sua diversidade sexual e que para isso, se propunha a colaborar, pois queria ser parte desta melhoria, queria apontar alguns aspectos e elucidar tantos outros que podiam estar ocultos a mim. Expliquei a cada um meus objetivos, minhas fundamentações e motivações e o que eu espero construir trazendo esse assunto à tona.

Foi necessário uma conversa um tanto longa para mostrar a estes como seria meu caminho de pesquisa, meu método, minhas avaliações das informações recolhidas, quais seriam nossas opções de comunicação, além de mostrar que a colaboração deles poderia trazer acréscimos reais, pois ao entender e perceber as reais necessidades dos estudantes os professores poderão rever suas posturas, manejos e prática pedagógica. Todos ficaram muito lisonjeados com o convite e se disponibilizaram em participar. Solicitei autorização dos seus responsáveis e iniciei minhas conversas, anotações e percepções.

- Oxe professora, tava na hora né? Esse povo ignora a gente, parece que fecham os olhos ou desviam da gente pra não falar sobre isso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

É um povo careta, que quando vai falar de sexo parece que tá fazendo um crime. Não... Vote! Eu acho que já é tudo adulto, não precisa dar uma de santo não. Quanto mais eles colocam a gente de fora, mais gente como a gente aparece. Porque os gays tão tudo aí professora. Vão é dominar o mundo. A senhora mesmo vê. Na televisão mesmo, quantos gays famosos não tem? Esse assunto já era pro povo tá acostumado e falar de boa. É muito chato a gente perceber que o povo tem tipo medo ou vergonha de nós. (FALA DO SUJEITO AZUL, DURANTE CONVERSA INICIAL)

Eu quero é participar mesmo, pra ver se acaba com essa palhaçada da gente ter que ser assim ou assado. Já basta em casa que os pais da gente fica com coisa. Ai a pessoa vem pra escola e fazem assim também. Eu sou mona, todo mundo sabe. Não sou doente não. Que eu não tô fazendo mal pra ninguém e que a boca é minha, professora. Por que esse povo quer mandar em quem eu beijo? Não, mulher! A mona aqui pode nem passar um rímel, um brilho. E andar 'malamaiada' não vou, porque sou estrela né! Cada um tem seu lugar e eu quero só o meu, poder usar meu esmalte, passar minha maquilagem, tudo em paz. Porque a gente deve ter esse direito né não? (FALA DO SUJEITO VERMELHO, DURANTE CONVERSA INICIAL)

O trabalho com o referido grupo foi de estrita importância, visto que o sujeito principal da pesquisa é o aluno do Ensino Médio, ele torna-se fonte de dados para investigação e análise das relações dentro da escola referentes a sua diversidade sexual, bem como o diálogo que a disciplina de Sociologia estabelece com a discussão da identidade de gênero. Esse grupo trouxe contribuições inestimáveis para análise das informações sobre o acolhimento e trato da diversidade sexual na escola, visto que sobre ele incidem os holofotes, por serem protagonistas no ambiente escolar.

Por meio dos seus discursos pude fazer um paralelo com os discursos da equipe gestora e dos professores, utilizando também para isso a observação participante no acompanhamento das aulas de sociologia e outras aulas que se fizeram necessário, além da presença nos ambientes comuns, como pátio, quadra e cantina, bem como em eventos promovidos pela escola e abertos à comunidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

2.4 Procedimentos para análise dos dados

A construção escrita e analítica das informações obtidas foi feita processualmente através da análise compreensiva que tem suas bases na imaginação e rigor, tornando possível explicitar as informações e significações pertinentes de uma (auto) biografia e de uma entrevista qualitativa-narrativa. É através do exercício da imaginação sociológica que esteve presente em todo percurso da investigação, que mobilizei os recursos interpretativos que dispõe e acessam os conteúdos semânticos localizados no seu horizonte sob a ótica de cada interlocutor.

A reconstituição da estrutura diacrônica possibilita a busca de processos de encadeamentos que possam estar presentes em mais de uma narrativa, permitindo que essa imaginação realoque os percursos de vida em seus contextos sociohistóricos.

Pois, por que arquivamos nossas vidas? Para responder a uma injunção social. Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o que escapa ao controle gráfico. Arquivamos portanto nossas vidas primeiro em resposta ao mandamento 'arquivarás tua vida' – e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a vida a limpo, dirás a verdade (ARTIÈRES, 1998, p. 21 - 22).

Esse exercício analítico, que me guiou na análise dos dados, foi embasado no princípio fundamental da hermenêutica que elenca: "[...] as significações de um texto se situam no encontro de dois 'horizontes', o do sujeito e o do analista. O que está além do horizonte do analista não pode ser percebido por ele." (BERTAUX, 2009, p.107)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Bertaux aponta que as narrativas, norteadas para as práticas dos sujeitos e para os contextos sociais dessas práticas abarca *indícios* de fenômenos sociais. Esses *indícios* remetem a um mecanismo social que marca a experiência de vida, desse modo é preciso indagar sobre sua significação sociológica, isto é, a que eles se referem no mundo sociohistórico. (2009)

A análise das (auto) biografias e das entrevistas qualitativas-narrativas foram temáticas, operacionalizando generalizações e condensações de sentido. Afim de desenvolver uma sistematização interpretativa, ou seja, como tratamos nas escritas (auto) biográficas, a análise em núcleos de sentidos de acordo com os significados que os interlocutores darão às suas narrativas e dialogando com os objetivos propostos.

Com a perspectiva de interpretar os dados sob os olhares dos diversos interlocutores (alunos, professores e gestores), além dos registros da pesquisadora da observação participante, pude compreender o objeto de estudo nos diferentes micro contextos o que deu uma maior dimensão aos sentidos e significados dos dados produzidos.

As técnicas e instrumentos adotados, potencializaram também, na análise, a triangulação dos dados produzidos, recurso de análise que permitiu comparar dados de diferentes fontes com o objetivo de identificar as políticas de acolhimento na escola e como os jovens se encontram nessas relações, não perdendo de vista a sociologia e seu papel enquanto disciplina formativa do senso crítico dos jovens. Por isso, reforço a perspectiva de um olhar hermenêutico em que esta interpretação é contextualizada, historicizada, privilegiando o discurso dos sujeitos subjetivos e, para que tudo aconteça é essencialmente necessário garantir o rigor e não perder de vista o exercício do olhar e da escuta sensível.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Nesse entorno, cada movimento observado e descrito cuidadosamente foi analisado buscando rigorosamente a compreensão dos dados significativos e pertinentes ao objeto da investigação revelando o olhar dos seus sujeitos e os representando com rigor e sensibilidade.

3. IDENTIDADE DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: O SILÊNCIO QUE GRITA

No processo ensino-aprendizagem é indispensável saber lidar com novas situações, saber se modificar e ampliar conhecimentos, ter estratégias para resolver problemas, conviver em grupo e saber se relacionar e apontar sugestões. Também é de suma importância conhecer a si e ao próximo, desenvolvendo práticas de aceitação, interação grupal, alteridade e vivência social, entendendo as múltiplas facetas e a diversidade vivida na contemporaneidade. Fazem parte desse universo, a orientação sexual e identidades de gênero, que são questões particulares, mas também são elementos de grandiosa representatividade, visto que indissociam-se do ser social.

A escola interfere diretamente na constituição dos sujeitos a partir do momento em que delimita espaços, institui o que cada um pode ou não fazer, demarca o lugar dos meninos e das meninas, bem como quais as atitudes adequadas para cada um desses, como se estas fossem as únicas possibilidades presentes no meio social. Por isso, é relevante pensar o modo como os professores de sociologia trabalham as questões de gênero na educação escolar, que é um contexto de processo generificado, ou seja, um contexto em que a prática social é constituída e constituinte de gêneros, como sublinha Guacira Lopes Louro:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não apenas 'fabricam' sujeitos como também são elas próprias produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. (LOURO, 1997, p. 88)

A educação escolar não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as constitui e reconstitui, quando proporciona o entendimento de que a proposta da escola objetiva e explicita a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais. O tradicionalismo provoca a repetição das regras morais do binarismo imposto pelo patriarcado.

As instituições educacionais podem (e devem) fazer algumas reformulações, como desmistificar os discursos sobre o que é considerado característica exclusivamente masculina ou feminina, nos livros didáticos, nas brincadeiras, nas aulas, nos debates e nos mais diversos discursos. Sem dúvida, é muito difícil e desafiante adotar essa perspectiva questionadora, porque professores também são marcados pelo androcentrismo. Mas é necessário adotar uma postura de estranhamento, de distanciamento, para que não se reproduzam os saberes ancorados na visão genérica de sexo e de gênero imposta pela sociedade tradicional e moralista como sendo o único e verdadeiro discurso.

A escola também desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, pois, como parte de uma sociedade que discrimina, ela produz e reproduz desigualdades de gênero, raça, etnia e classe no seu cotidiano.

[...] gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos nos referindo ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo. (GROSSI, 2010, p. 5).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Não obstante a importância da escola, do processo educativo que acontece em seu seio e sua imprescindível contribuição para o fortalecimento da maturação social, é notório que nos deparamos com uma instituição em constante queda livre, no que se refere à aceitação e convivência entre os diferentes personagens sociais. O cenário de intolerância e falta de empatia ultrapassa os muros da escola e adentra um campo que, antes, deveria ser de segurança, local esse, onde o jovem deveria encontrar refúgio e apoio, exercendo seus direitos e tendo sua fala ouvida.

Trata-se de um quadro excludente e nada promissor, vivenciado com desesperança pela juventude contemporânea, que sente cada vez mais na sua carne, consequências do preconceito e da exclusão social gritante. Seriam ideais os programas de educação para o respeito e aceitação da diversidade que utilizassem a sociologia para proporcionar uma reflexão sobre a cultura sexual vigente e se guiassem pela busca da:

[...] desmistificação dos estereótipos sexuais (por exemplo, o machismo e a pré-determinação dos papéis sexuais em função de cada sexo; a dupla moral sexual; a discriminação social pelo fato de se ser mulher), através da procura do equilíbrio entre posições radicais de extrema moralidade ou vulgaridade. (RIBEIRO, 1990, p.20).

A Escola Arco-íris, pelos dados da pesquisa, também se encontra nessa paisagem de vozes diferentes, de corpos diversos, de um currículo praticado e desejado que não dá conta de todas as relações movimentadas e construídas no seu chão. Nesse entorno, para mim enquanto pesquisadora e professora, foi necessário, no processo de afetamento e análise dos dados, compreender os núcleos de sentido da identidade de gênero e da diversidade sexual e dialogar com falas teóricas que melhor representassem os interlocutores e minhas convicções epistemológicas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Assim, considero que construção da identidade de gênero, é socialmente constituída, na qual esse sujeito, o jovem, tem total liberdade para identificar-se historicamente formando sua analogia sexual e de gênero. Porém, é importante notar que as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. Deborah Britzman (1996, P. 74) afirma:

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (grifos da autora).

Enquanto se constrói, o jovem enfrenta muitos desafios dentro do espaço escolar, com a presença de tipos de violência pouco documentados quando se tem referência a escola, a homofobia, a transfobia e a lesbofobia, ou seja, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, transexuais, travestis, drags, lésbicas e outros, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência. São diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade, desrespeitam, ferem a dignidade do outro, compondo, para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida, dentro do binarismo imposto pelo velho patriarcado.

Muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

como violências. A estigmatização dos corpos se cristaliza e naturaliza dentro do que a sociedade aceita como “normal”.

[...]enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real [...] (GOFFMAN, 2008, p. 12).

A principal diferença entre quem é estigmatizado e quem não é, em relação à construção do autoconceito, é a reação recebida das outras pessoas do meio social, uma vez que essas reações, observações e avaliações podem ser negativas. Portanto, o que caracteriza uma pessoa estigmatizada é a reação recebida de outras pessoas na sociedade, o que entra em acordo com a concepção de Goffman (2008), quando este propõe o termo identidade virtual dada às pessoas que não são recebidas numa dada categoria por possuir atributos distintos. Essa negação pode tornar a relação bem difícil entre quem é estigmatizado e as outras pessoas que não são.

A existência de uma marca, ou seja, de um estigma, é enfatizada durante uma interação e, por isso, o autoconceito e o conceito dado pelos outros podem tornar-se variantes. Como e se o estigma será incorporado no autoconceito depende da configuração de si e das reações com respeito aos outros. Quando e como o autoconceito pode refletir a produção negativa de um estigma depende da natureza do estigma e das reações dos outros no meio social. O nível que esta ênfase acontece depende da natureza da interação social, e essa natureza é dependente do objetivo da interação e da relação entre os participantes. Até um determinado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

nível de ênfase, esta pode ser psicologicamente confortável e permissível à construção de um autoconceito estável e coerente

Considerando os aspectos sociais da construção da identidade homossexual, há um processo dinâmico entre os aspectos individuais e sociais, pois no processo de construção identitária, é relevante o reconhecimento desse sujeito no âmbito coletivo e o reconhecimento da coletividade pelo sujeito (PEREIRA, 2009).

Nesse sentido, Nunan (2003) conceitua a identidade homossexual como uma identidade estigmatizada, pela qual vários homossexuais vivenciariam determinados processos de ajustamento pessoal – como a aprendizagem do ponto de vista dos heterossexuais, da desqualificação da homossexualidade, de encobrimento e revelação do estigma – afetando suas perspectivas de mundo e contribuindo para a construção de uma identidade gay. Tal identidade não reduziria o indivíduo à dimensão sexual, porém a homossexualidade teria um forte impacto na construção da identidade, pois “afirmar-se como homossexual afeta grandemente a inserção social e a vivência psíquica destas pessoas, o que significa que não se pode ignorar a importância desta identidade, sobretudo para o movimento gay, fundado na construção de uma identidade possível” (NUNAN, 2003 p. 119).

Costa (1994) considera que a organização cultural das práticas eróticas, ou seja, a aprovação do que é ou não normal tem a ver com a nomeação de identidades, o que se dá de forma coletiva, não sendo ao azar que um dos receios básicos quanto ao lidar com uma identidade não aprovada seria os outros, ou seja, como se será considerado pelo grupo de referência no seu trato com o “estranho”.

Importante dizer que a concepção de diversidade sexual que adotei refere-se ao reconhecimento das diferentes possibilidades de expressão da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. A heterossexualidade – a relação sexual ou



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

afetiva sexual com pessoas do sexo oposto – é apenas uma entre outras formas de sexualidade, que se legitimou amplamente na sociedade em vista da associação entre sexo e procriação. A homossexualidade, a pansexualidade, a assexualidade e a transexualidade e a bissexualidade são outras possibilidades, total ou parcialmente desvinculada da relação homem-mulher. Sobre isso, Xavier Filha afirma:

[...] os conceitos ou nomes que damos às coisas são [...] invenções culturais, fruto de redes de saber-poder que legitimam certos enunciados como verdadeiros, especialmente devido à chancela de várias ciências. Em muitos casos essa demarcação linguística é limitadora; em outros, possibilita que se tenham condições de entender processos pelos quais nos constituímos como sujeitos sociais. (XAVIER FILHA, 2009, p.90).

É preciso considerar também as diferenças de expressão do desejo e da sexualidade dentro de cada grupo. Por exemplo, mesmo entre os heterossexuais, a satisfação sexual não é obtida sempre da mesma forma. Certas práticas, indispensáveis para a satisfação de alguns casais heterossexuais, são pouco interessantes, desagradáveis ou mesmo repulsivas para outros casais desse mesmo grupo. Portanto, não existe só uma possibilidade de expressão da sexualidade ao longo da vida, ou seja, um único modelo válido de experiência sexual.

Se conseguirmos entender a sexualidade em toda sua dimensão humana, vamos perceber que o modelo reprodutivo – que implica a participação de atores de sexos opostos – é apenas um modelo, e não necessariamente o único. Outros tipos de relacionamento são legítimos; não existe uma relação direta entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero.

A aceitação da diversidade sexual varia de acordo com os costumes de determinada época e com o tipo de sociedade. A identidade de gênero, ou seja, a maneira como o masculino e o feminino são vistos e vivenciados em determinado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

contexto, é prescrita pelos padrões culturais vigentes. A própria sexualidade é influenciada pelos valores e costumes de uma época.

Parece-me inquestionável que não existem valores sociais definitivos, Ou melhor, verdades absolutas em nenhum campo da experiência humana, no qual se inclui obviamente a sexualidade. Cada contexto histórico, com seus paradigmas, saberes, ambiguidades e intolerâncias, marca a complexidade da vida humana.

3.1 Os corpos diversos para além da estatística

Noticiários evidenciam a intolerância enraizada na sociedade que luta para admitir novos moldes familiares além daqueles idealizados pela tradição patriarcal nos quais a família pode ser composta apenas pela figura masculina e feminina. Segundo dados recolhidos em 2016 pelo Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação ainda em funcionamento, que atua desde 1980 em defesa dos direitos humanos dos homossexuais, a violência anti LGBTQI+ atinge todas as faixas etárias, cores, classes sociais e profissões, executados por armas brancas, armas de fogo, bem como espancamentos e outros tipos de violências brutais.¹⁴

De acordo com dados abrangidos pelo Departamento da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos¹⁵ em 2016, a violência psicológica representa 40,1% das

¹⁴ Dados de acordo com o Relatório de 2016 do Grupo Gay da Bahia disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2-17/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2019.

¹⁵ Os dados aqui apresentados se revelam um instrumento fundamental para o enfrentamento do preconceito, discriminação e exclusão que atingem lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis no país, por possibilitarem a visibilidade, quantificação e comparação da realidade das violações dos direitos humanos vividas por essa população (BRASIL, 2016)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

denúncias. Dentro desse tipo reportado, encontram-se as humilhações, hostilizações e ameaças, sendo esta última conduta tipificada pelo Código Penal, de acordo com o artigo 147: "Ameaçar alguém por palavra, escrito, ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico de causar-lhe mal injusto e grave". São pessoas cujos nomes e histórias de vida quase nunca aparecem nos noticiários que serão esquecidas em registros policiais e judiciários (GUIMARÃES, 2008 p. 3).

No Brasil, o debate em torno das questões relativas à sexualidade no âmbito da educação ainda é muito recente e tem sido impulsionado pelos movimentos sociais LGBTQI+ que se fortaleceram no Brasil na virada dos anos 1980/1990, e que foram impulsionados direta ou indiretamente em decorrência da epidemia da AIDS e da redemocratização do país, conforme destacado por *Henrique Caetano Nardi* e *Eliana Quartiero* (2012).

Embora a lei brasileira preveja a educação sexual nas escolas desde 1928, as ações realizadas apresentavam, até o final do século, um caráter predominantemente higienista. Quando não, há a tentativa de cerceamento por meio de leis como outrora já citado neste estudo. Importante observar que, embora o nosso Estado seja laico, há o predomínio de concepções morais e religiosas norteando a implementação das políticas educacionais, principalmente no governo atual declaradamente simpatizante do cristianismo.

[...] a decisão de se definir o conhecimento de alguns grupos como digno de ser transmitido às gerações futuras, enquanto a história e a cultura de outros grupos mal vêm a luz do dia, revela algo extremamente importante acerca de quem detém o poder na sociedade. (APPLE *apud* MAGALHÃES E RUIZ, 2011, p. 135).

Questões simples como o uso do nome social e do banheiro feminino pelos transgêneros e transexuais, têm provocado calorosos debates sociais. É cruel a existência destas vidas que devem lutar para se manterem vivas sem que sua



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

condição de seres humanos seja reconhecida. Vidas com um histórico de abandono pelos poderes públicos que são encontradas em situações de extrema degradação e só poderão contar futuramente com suas próprias precariedade pessoais.

É em meio a esse cenário sexista, heteronormativo, formador dos corpos e sexualidades, homofóbico, que estudantes e professores se constituem como sujeitos. Destaca-se, ainda, que esse processo é atravessado também pelas determinações de raça/etnia, geração, religião, entre outros marcadores identitários. Isso aponta para a docência, aqui, em particular, a docência em sociologia, novos desafios, entre eles a (trans)formação de professores que se apropriaram de valores morais e religiosos em sujeitos politicamente engajados com o que propõem as políticas públicas voltadas à garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

São muitas as histórias de pessoas que, de uma forma ou outra, sofreram ou sofrem com a homofobia no ambiente de trabalho e principalmente na escola. De acordo com Junqueira (2009),

[...] a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica (p. 36).

É nesse sentido que se faz necessária a problematização do outro, da diferença dentro da escola, uma vez que essa instituição trabalha na produção dos corpos e das identidades. Para Silva (2000, p. 97)

É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência [...] o outro é o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

outro gênero, o outro é a outra cor, o outro é a raça, o outro é outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Partindo dessas considerações, discutir as identidades sexuais e de gênero no âmbito escolar é uma forma de desestabilizar as “verdades” construídas sobre a sexualidade, possibilitando problematizarmos as múltiplas formas de viver os prazeres e desejos corporais. Vale ressaltar que o encontro com o outro, o/a homossexual, o/a bissexual, o/a transgênero é inevitável, uma vez que nossas escolas são plurais. Nelas nos deparamos com sujeitos diferentes, que muitas vezes não se enquadram na identidade sexual tida como normal, sendo discriminados, (re)produzindo a homofobia, a transfobia e a lesbofobia no contexto escolar.

Essa opressão toma proporções ainda maiores quando figuras públicas emitem discursos de ódio disfarçados de interpretações teológicas e liberdade de expressão, pregando medidas de repressão que influenciam o indivíduo alienado tomado por preconceitos.

Como afirma Bahia (2010):

Vale lembrar que a Declaração dos Direitos humanos aprovada em 1948 é marcada justamente por ser uma resposta às atrocidades cometidas pelo nazifascismo. Assim, esta Declaração, bem como todo o Sistema Internacional de Direitos Humanos, é marcado pela afirmação da igualdade e dignidade da pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de discriminação. (BAHIA, 2010, p. 91)

Outra questão interessante de ser observada é o problema diante de grupos extremistas que usam fundamentações completamente sem sentido para a não aceitação da homossexualidade e induzem outros ao mesmo erro. Também há a questão de o Estado se omitir na garantia de liberdade de identidade sexual por meio da não criação de medidas mais severas contra discriminação desse grupo minoritário. A homofobia, portanto, é uma construção, que se faz a partir dos múltiplos discursos produzidos pela sociedade em geral, ela



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

[...] diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2007, p. 9).

No entanto, hoje, as chamadas "minorias" sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. A denominação que lhes é atribuída parece, contudo, bastante imprópria. Como afirma em seu editorial a revista La Gandhi Argentina (1998), "as minorias nunca podem se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho - gay, étnico, de gênero". Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais se renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanha de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gêneros e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual os sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

O fato é que, se todas as pessoas refletissem, depararíamos com a constatação evidente de que cada indivíduo pertence a um grupo minoritário, seja pelo gênero, identidade sexual, etnia, religião, cor, pensamento, entre outras características subjetivas, podendo ser elas a própria vítima do preconceito. Hannah



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Arendt, em sua obra ilustre intitulada *A condição humana*, reverbera tal entendimento:

Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que já existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar necessidades imediatas e idênticas. (ARENDT, 2007, p. 188).

3.2 A escola e seu papel social e (trans)formador

E a escola? Será que está preparada para enxergar as diferenças, valorizá-las e, mais ainda, despertar a consciência social no ser transformador em potencial – o jovem?

A escola é, ou deveria ser, uma construção social. Um local de diálogos não só entre professores e alunos, mas também com a comunidade, com as famílias, oportunizando uma construção democrática da educação. É importante reconstruir práticas educacionais com base nas interações sociais, na verdadeira e efetiva participação da comunidade escolar.

Não há como pensar a escola independente da sociedade na qual ela se insere. O que acontece no ambiente escolar é mais que uma analogia a situações sociais mais amplas; é um reflexo da sociedade no seu todo. Evidencia-se, nas leituras acerca do assunto, o quanto os problemas e situações atuais da contemporaneidade relacionam-se diretamente aos encontrados nas escolas. A partir de estudos contemporâneos e conversas com profissionais da área, é possível pensar e discutir com clareza sobre o que se passa nas escolas nos dias de hoje.

Os tempos mudaram, mas a estrutura de ensino não. Isso também se estende ao currículo trabalhado durante o ano letivo. Analisando-o atentamente percebemos que além de construir conhecimentos, nosso currículo acaba também produzindo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

estigmas e desigualdades. Mais que isso, exclusões e discriminações são produzidas justamente pela forma como construímos o conhecimento nas nossas escolas. Embora a escola muitas vezes não seja vista como um lugar onde a sexualidade seja – ou deva ser - expressada ou discutida, em seu aparente silêncio, em verdade, ela fala o tempo todo sobre sexualidade.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios, os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. (FOUCAULT, 1999, p.140)

Remetendo à nossa época, mais “moderna”, a divisão por sexo nas aulas de Educação Física - e os esportes atribuídos a meninos ou meninas; as filas de meninos e de meninas na Educação Infantil; ainda na Educação Infantil, o uso das cores rosa e azul o tempo todo em relação à meninos e meninas; as distinções sexistas de vestuário - meninos não podem usar brincos nem cabelo comprido; a forma dos professores tratarem alunos homens ou mulheres, com rispidez ou com delicadeza; a tolerância da violência, verbal e até mesmo física, entre meninos; a preocupação constante com a manifestação da sensualidade das adolescentes; a perseguição sistemática vivenciada por homossexuais – ou pessoas assim identificadas. Só para citar alguns exemplos. Portanto, a questão não está em se a escola deve ou não falar sobre sexualidade, mas sim em perceber como ela já fala – e com que efeitos, para podermos repensar nossas práticas.

A escola é um dos principais espaços de formação da cidadania e de socialização de crianças, jovens e adultos. Mas, no entanto, ela nem sempre se mostra capaz de lidar com as diferenças, particularmente com as questões ligadas à sexualidade e à orientação sexual. Esta dificuldade traz sérios prejuízos aos estudantes, desfavorecendo a aprendizagem, integração e bem-estar. Isso também



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

é empecilho para que a escola desempenhe adequadamente uma das suas mais importantes funções: contribuir para o fortalecimento na sociedade de uma cultura que saiba respeitar e valorizar a diversidade.

O silêncio das instituições escolares, por vezes, é proveniente do tradicionalismo impregnado na sociedade. A atribuição aos indivíduos do gênero masculino e feminino de maneira que corresponda ao sexo biológico, é feita ainda antes do nascimento no plano familiar. Esse processo de ensinar e aprender a como ser menino ou menina é definitivamente reforçado pela escola enquanto instituição normativa, que pode inclusive ser apontada como grande reprodutora do sexismo e dos papéis de gênero, do que é socialmente considerado adequado e conveniente para um homem e para uma mulher, os modos adequados de ser, pensar, agir, se comportar e decidir. Como afirma Louro (2007):

A declaração 'É uma menina!' ou 'É um menino!' também começa uma espécie de 'viagem', ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de 'fazer' desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um 'dado' anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse 'dado' sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. (LOURO, 2007, p.15)

Sabemos que há a cultura de aceitação do tido como "normal", que seria a heterossexualidade e os gêneros masculino e feminino. O que sai desse padrão, passa a ser considerado "anormal" e mesmo excludente. Há valores sociais incorporados, e a crença das pessoas, em sua grande maioria ligada à religião, faz



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

com que haja a confusão entre gênero e sexualidade. O embaraço parece residir no fato de que costuma-se associar sexualidade à natureza ou biologia. E a partir desse pensamento, entende-se que a biologia e/ou a natureza, são um domínio à parte, algo fora do campo cultural.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos 'naturalmente'. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo 'dado' pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções[...] Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente 'natura' nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. (LOURO, 2000, p. 04).

A incorporação dos valores femininos e masculinos está no que Bourdieu chama de habitus. Bourdieu é figura representativa de muitos aspectos do que discorrerei ao longo deste estudo. Ele considera as relações de poder que permeiam a produção científica como relações de teor heteronormativo. Isso se reflete dentro da instituição escola, reproduzindo comportamentos de dominação e tradicionalismo. Bourdieu aponta ainda que: "A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la." (BOURDIEU, 1997, p. 9).

No caso dos estudantes, interlocutores da pesquisa, é possível refletir esses conceitos nas atividades que eles desenvolvem, como se comportam em sala de aula, suas opiniões políticas, bem como, seus modos e estilos de vida. Ainda sobre isso, Bourdieu aponta:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

[...] aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a família, a igreja, a escola, e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo (estas noções abstratas sendo simples designações stenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica) e reinserir na história e, portanto, devolver a ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (BOURDIEU, 1997, p. 02).

Como já dito, todos os espaços da escola expressam essa diferenciação, as atividades realizadas, a forma de condução das aulas, são inúmeros os indicativos dessa preponderância dicotômica tradicional. Essas características, ora proporcionam interações, ora limitam espaços na medida em que as diversidades de gênero e de sexualidade se defrontam.

Não obstante a isso, na representatividade do que Bourdieu chama de “violência simbólica”, temos vários episódios diários dentro das escolas de todo o Brasil, e que a escola Arco-íris também não se distancia, que poderiam servir de exemplos à este axioma. A LGBTfobia, uma forma violenta de demonstrar aversão ao diferente, não se originou de forma espontânea e pontual na sociedade brasileira e não pode ser considerada uma peculiaridade dos tempos atuais, em que as lutas em prol das minorias ganha cada vez mais espaço. Isso se deve ao fato de existir toda uma construção histórica de consolidação da intolerância por meio do discurso de ódio, prontamente veiculado no nosso meio de convívio, através das práticas culturais religiosas, de ditos populares, de brincadeiras despretensiosas ou do mero exercício da liberdade de expressão.

Ela falou que eu tinha uma pomba gira. No meu corpo. Ela falou na frente de todo mundo. Ai todo mundo da igreja se juntou e veio pra orar em mim. E minha mãe ficou lá olhando, com a maior vergonha de mim. Eu sabia que além de passar vergonha lá, quando chegasse em casa ainda ia ouvir briga e grito. Nesse dia eu me senti muito mal, eu comecei a achar que eu era do demônio. Que eu estava amaldiçoado e por isso que nada na minha vida



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

dava certo. Ai eu até tentei me endireitar. Que eu queria gostar de menina. Eu não queria tranca rua e nem pomba gira dentro d'eu não. Eu queria ser normal, ter uma namorada, sabe? Eu queria ficar bom dessa doença. mas eu não consegui, não consigo. Eu não gosto de mulher. Eu digo assim, pra namorar. Ai tem dias que eu nem durmo, fico ouvindo a voz daquela mulher e eu até sonho que o demônio vem me buscar em casa e me leva pro inferno por causa do meu pecado. Eu tenho medo de ir pro inferno. (SUJEITO VERMELHO. NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA, 2019)

Essas ações deliberadas podem gerar ou nutrir em terceiros o mesmo ódio violento e o tratamento sub-humano aos já afetados. E as formas como são demonstrados no dia a dia vão da maneira mais comuns, como piadas e provocações, até as mais radicais, feitas por ameaças, violências físicas e extermínios, gerando consequências extremamente penosas para as pessoas visadas, seja no aspecto social, político e definitivamente, pessoal do cidadão, esta é a violência simbólica “bourdieuiana”.

No ano passado um menino até me bateu. Eu ia passando no corredor, aí ele pegou e gritou: Vem cá, baitola. Tava cheio de gente na porta da sala porque era intervalo e aí eu fiquei morta de vergonha. Eu tava até sem maquiagem esse dia porque saí de casa nas agonias. E meu cabelo tava preso de trancinha que eu não gosto de sair à toa não, mas minha unha tava pintada, né? Eu gosto de pintar de rosa, vermelho, azul turquesa. Eu gosto de colorido, não gosto de cor clarinha não. Nesse dia eu tinha pintado de rosa choque e passei um brilhaolho da Colorama, eu tava me achando linda e nem tava ligando pra nada. Mas aí quando ele me gritou meu coração chega bateu ligeiro. Que eu sabia que ele tava com desaforo e esse menino ele já tinha fama de ser valentão. Que ele batia no povo, xingava, brigava até com professor. Aí eu fiquei mortaaaa de vergonha, mas eu não tinha como desviar dele, porque ele tava na porta da sala do lado da minha, tinha que passar por ele pra entrar. Aí pra piorar não tinha professor ainda, porque tava no recreio. E os colegas dele tudo rindo lá, tirando a maior onda com a minha cara. E ele dizendo as do fim, que eu não era mulher não, que eu era uma aberração, uma bizarrice. Aí nem deu tempo d'eu pensar, ele já veio de lá pra cá e me deu um murro bem forte nas costas. E ficou gritando que ali não é lugar de viado, que eu era sebosa, me chamou de doente, falou que eu não tinha... não tinha... Ah! Professora, que eu não tinha xereca pra ser mulher. Aí ele ficou me segurando pela camisa e eu tentando livrar. Ele pegou minha mão e troceu, disse que ia tirar o esmalte com uma faca, e eu não conseguia livrar dele, ele tava trocando minha mão com bem muita força. Aí apareceu a coordenadora e gritou com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ele, mandou me soltar e mandou ele ir pra sala da coordenação. Ele olhou bem feio pra mim e falou que se fosse expulso que eu ia pagar, que me pegava lá fora. A coordenadora veio e conversou comigo, disse pra eu ficar calma, que ela ia resolver. Mas fiquei com medo né? Nesse dia nem esperei, peguei minhas coisas e me piquei, passei quase um mês sem pisar na escola. Mas tinha que voltar né! Minha mãe não entende, ela acha que é frescura que isso acontece porque eu quero, que eu sou a culpada. (SUJEITO LARANJA, NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Nesse âmbito, a escola, muitas vezes, torna-se lugar de diferenças, é uma arma de poder para reforçar discrepâncias. O que deveria ser espaço constitutivo de equidade, aberto à todas as vozes, lugar especial de acolhimento, libertação e liberação de pensamentos, torna-se ambiente onde não há entendimento e nem liberdade de escolhas ou de modos de pensar. E a violência simbólica e a violência física se alargam no chão da escola, e o pior, como sentimos nas narrativas acima, é que os corpos violentados, por proteção acabam por se afastar da escola, por muitas vezes considerar que de fato, não pertencem a este lugar.

Lançando ainda uma luz sobre essa discussão, fundamento o debate na teoria do poder de Michel Foucault, visto como o historiador das proibições e do poder repressivo porque buscava o discurso das "verdades" produzidas e analisava como o poder, que se exerce sobre a loucura e a sexualidade, produziu o discurso "verdadeiro" da sexologia. Em consonância com a fala de Bourdieu, Foucault afirmava que nas sociedades ocidentais, durante séculos, se ligou o sexo à busca da verdade.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1976, p.09)

O autor enfoca a questão da homossexualidade, ponderando que, em torno de 1870, os psiquiatras passaram a considerá-la como objeto de análise médica, ponto de partida para a introjeção de novas intervenções e controles. Os homossexuais passaram, assim, a ser percebidos como loucos ou doentes do instinto sexual. Antes, eram considerados libertinos ou delinquentes. Surge, então, a invenção estratégica da "mesma" vontade de verdade. O mesmo acontece com as demais minorias: a mulher, o negro, etc. Os mesmos mecanismos levam à patologização da mulher ao considerar seu sexo frágil, quase doente.

Nesta perspectiva, Foucault está considerando que um mesmo dispositivo produz fenômenos semelhantes. Ou seja, a estratégia que produziu a "patologização" do homossexual, produziu também a da mulher, da criança e de outras minorias. Não é seu propósito distinguir e questionar as diferentes correntes dos movimentos de libertação. Nesta visão, parte do pressuposto de que o mecanismo que origina a opressão é o mesmo que gera a libertação. Sobre isso, Guacira Lopes Louro se posiciona:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os 'outros' sujeitos sociais que se tornarão 'marcados', que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como 'o segundo sexo' e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO, 2000, p. 07).

Sabendo que há um interesse investigativo sobre as questões de gênero e como elas são importantes para o questionamento de um padrão de poder historicamente construído, temos a heterossexualidade tradicional ou heteronormatividade, que produz e classifica tipos diferentes de sexualidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

De um lado, a sexualidade dita “normal” e “saudável”, a heterossexualidade, pautada na relação de complementariedade reprodutiva entre homens e mulheres, onde as mulheres ocupam o polo dominado e desvalorizado desta relação complementar. Do outro lado, a sexualidade “anormal” e “desviada” daqueles que desejam o mesmo sexo, sexualidade temida e combatida uma vez que foge e transgride a base na qual se assenta toda a estrutura social, como Pierre Bourdieu discorre em sua obra. Segundo ele, para obtermos sucesso na compreensão dos mecanismos de reprodução da dominação masculina (e consequente internalização da heterossexualidade como o tradicionalmente correto) devemos estar cientes de que:

Esta constatação da constância trans-histórica da relação de dominação masculina, longe de produzir, como por vezes se finge temer, um efeito de des-historicização, e por tanto naturalização, obriga a reverter a problemática ordinária, fundamental na constatação das mudanças mais visíveis na condição das mulheres: na realidade, isto obriga a colocar a questão, sempre ignorada, do trabalho histórico, sempre renovado, que se desenvolve para arrancar da História da dominação masculina e os mecanismos e as ações históricas, trabalho este que é responsável por sua aparente des-historicização e que toda a política de transformação histórica tem que conhecer sob pena de se ver fadada à impotência (BOURDIEU, 1997, p. 61).

Estudando esses autores identifico que os discursos sobre relações de gênero e sexualidade ainda encontram respaldo nas diferenças biológicas e também na heterossexualidade como única possibilidade de viver os desejos e as práticas sexuais. É a partir deste pressuposto de que gênero e sexualidade devem ser objetos de estudo, pesquisa e intervenção na escola, que se fez importante as (auto) biografias dos jovens, interlocutores da pesquisa. Tudo que li teoricamente, tudo que vi nas observações participantes, não puderam traduzir o que esses jovens sentem nos seus próprios corpos que transitam margeados no chão da escola. Só



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

suas vozes poderiam dizer de si, enunciar os seus sentires. Vermelho, Azul, Laranja e Amarelo com os quais muito aprendi e com os quais constitui esta dissertação.

4. NARRATIVAS DE SI E O (DES)ENCONTRO COM OS OUTROS

O ato da escuta tem sido doloroso. Acompanhar estes jovens em suas angústias é por vezes perturbador. Muitos deles encontram fuga na escola. São famílias desestruturadas ou encharcadas de fundamentação moralista ou religiosa. Aqui na escola, muitos respiram aliviados. No entanto, ao mesmo tempo, se sentem invisíveis, ignorados ou silenciados por não encontrar o apoio que tanto buscam. Muitos relatam que o melhor caminho para o fim do preconceito é a informação. Mas estão desesperançosos. De onde poderiam vir estes informes, se os professores nem tocam no assunto quando diz respeito a gênero ou sexualidade? Ontem à noite durante a aula de sociologia no segundo ano do Ensino Médio, o professor debateu com a turma sobre a sociedade e as classes menos favorecidas. Havia alunos homossexuais na turma, porém a diversidade sexual e identidade de gênero não entraram em pauta. Senti a ansiedade destes pra serem notados. Senti também o desestímulo e tristeza no olhar dos jovens que se sentem sonegados, destituídos de valor nesse mundo imenso que é a escola. Por que são diferentes? Eles são tão iguais! (*DIÁRIO DE CAMPO, 2019*)

A palavra “sexualidade” não esteve sempre no nosso vocabulário. Evidentemente as pessoas faziam sexo antes de a palavra aparecer. É claro que existiam valores e significados com relação ao prazer, ao afeto e ao relacionamento antes dessa palavra surgir. Mas essa palavra simboliza a criação, num determinado contexto histórico, social e cultural de uma nova maneira de lidar, falar e viver esses prazeres, esses afetos, essas relações e nosso próprio corpo. Quando se conta a história da sexualidade, em geral a primeira ideia que nos vem à cabeça é: repressão. Há no nosso senso comum a percepção de que, ao longo da história, o sexo e o prazer foram sumariamente perseguidos, proibidos, castrados, silenciados. Foucault defende que, nos últimos séculos, ao contrário de uma sistemática repressão sexual, o que houve foi uma produção massiva de discursos sobre o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

sexo. Porém, minhas observações e estudos comprovam que na escola ainda há a necessidade de se falar sobre sexo, sobre a sexualidade e principalmente sobre a diversidade sexual tão presente na contemporaneidade.

Apesar da globalização e desenvolvimento mundial, é inegável que a sociedade brasileira vive um período de retrocesso quando se trata das questões de identidade de gênero. Como outrora colocado, a falta de informações e o preconceito arraigado pelo tradicionalismo e religiosidade, imprimem à diversidade sexual o caráter do pecado, do erro, do sujo.

Esse processo ocorre em diferentes espaços sociais. Na família, na comunidade, no trabalho e, também, na escola. Há muito mais sendo ensinado nas nossas escolas do que o que está escrito nos parâmetros ou nos planejamentos pedagógicos. A escola não ensina só conteúdos, mas também modos de agir e de ser. Nossa ação educativa forma comportamentos e incide sobre identidades, trazendo no currículo “normas e valores que são implícitos, porém, efetivamente transmitidos e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins ou objetivos “. (APPLE *apud* MAGALHÃES E RUIZ, 2009, p.133). Ensinaamentos que precisam se ater à diversidade contemporânea, e não tentar “reconduzir” opiniões por simples medo de gerar polêmicas em sala ou por falta de formação dos professores no que se refere aos debates promovidos, principalmente durante as aulas de sociologia. Esta disciplina deve ser usada como suporte no trato às questões emergentes na sociedade. Infelizmente, mediante a comunidade escolar, a sociologia se expressa claramente como um conhecimento marginal, periférico, face aos demais saberes já há muito tempo constituídos e consolidados na vida escolar. Assim, fui ao campo empírico querendo entender qual



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

é o suporte dado nestas aulas à um tema tão complexo, provocador e por que não dizer, urgente.

A sociedade contemporânea legitima o comportamento heterossexual tendo como parâmetro de normalidade, as relações entre sexos opostos. Assim sendo, cria-se uma obrigação de que todas as pessoas devam ter o sexo biológico como fator determinante do gênero, e compulsoriamente, precisam desejar alguém do sexo oposto para manter suas práticas sexuais. Estas práticas apontam para a dimensão de algo múltiplo, ou seja, de um processo que se constrói continuamente trazendo em si, um incômodo social, que se configura na medida em que os padrões heteronormativos fortemente instituídos são confrontados. Imersos nesse cenário, Vermelho, Azul, Laranja e Amarelo me trazem o caleidoscópio de suas narrativas.

4.1 Os corpos que somos

Foram entrevistadas quatro pessoas declaradamente diversas em sua sexualidade na faixa etária de 15 a 18 anos. Duas delas identificaram-se como homossexuais, uma como mulher trans e uma como bissexual. Dentre os homossexuais um deles, aos 17 anos cursa o primeiro ano do Ensino Médio. O outro, aos 18 anos está cursando pelo terceiro ano consecutivo o segundo ano. A mulher trans, 15 anos, cursa o primeiro ano do Ensino médio, trabalhando também como manicure. A jovem bissexual tem 16 anos, cursa o segundo ano do Ensino Médio e trabalha como Jovem Aprendiz.

Na pesquisa, optei pelo uso do termo identidade de gênero ao pedir que os interlocutores se autoidentificassem. **Vermelho**, homem com orientação sexual homossexual, viveu os primórdios da idade em São Paulo capital. Porém, na idade



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

escolar veio residir em Petrolina, cidade do interior pernambucano, local de onde provém a família do seu pai. Referiu que durante a infância era muito apegado à mãe, porém passou por uma grande crise familiar quando houve a separação dos seus pais, aos 4 anos de idade.

Ao chegar na primeira escola que frequentou, logo nos primeiros dias de aula, teve alguns problemas, pois um colega o importunava diariamente por ele gostar de bonecas. Daí em diante, chorava todos os dias em que precisava ir para a escola. Quando a mãe o vestia para ir ao colégio, escolhia suas roupas e ele ficava deprimido; não brincava, não falava com ninguém e no intervalo ficava embaixo de uma árvore, isolado de todos. Ele queria ter a liberdade de se vestir e usar as roupas rosas que sua irmã vestia. Esse isolamento se prolongou até quando ele cresceu e decidiu exibir um pouco mais da sua personalidade, fazendo amizade principalmente com meninas e participando das brincadeiras destas.

Sofreu muitas discriminações e, segundo ele, era apenas tolerado pelos demais, pois se aproximava deles somente para realização de trabalhos em grupo quando obrigado pelos professores, pois também nunca foi bom aluno, a escola não interessava à ele, sentia-se mal, como uma “boneca fora da casinha”. Tentava ser extrovertido e expansivo para fazer amizades, mas suas tentativas foram frustradas e ele foi ficando cada vez mais retraído. Chegou a ouvir de um professor que existiam somente dois padrões aceitáveis de pessoas: homens e mulheres que já nascem assim e que teria que se encaixar em um dos grupos, porque não existia um terceiro padrão.

Mais adiante, resolveu entrar no time de vôlei e se esforçou para ser o melhor. Nesse contexto, os colegas o admiravam, apesar de o chamarem de “menininha”, porém as meninas sempre o chamavam para participar do time.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Durante todo o período escolar sofreu discriminação e preconceito, tanto por parte dos colegas, quanto por parte da equipe educativa. Não era convidado para festas e se constrangia ao usar o banheiro masculino. Foi se fechando cada vez mais, ao ponto de chegar à adolescência sem um único amigo dentro da escola que considerasse próximo, exceto uma colega de sala de quem gosta muito e com quem brinca e conversa sempre, porém mantém certa distância, tem medo de se magoar.

Hoje, Vermelho se considera um jovem triste e introvertido, não sai muito de casa e vive situações complicadas dentro da própria família, pois nem sua mãe e nem sua irmã aceitam sua homossexualidade, agindo com preconceito e truculência diariamente.

Azul: não se recorda muito da infância, mas do que se lembra, sempre foi uma criança entendida como afeminada. Cresceu na periferia de Petrolina e seu cotidiano era brincar na rua. Sempre gostou das brincadeiras com bonecas, especialmente as de Barbie e de casinha. Ficava em espaços e envolvido com atividades compreendidas como femininas, na companhia de suas amigas e primas. Na escola, retraía-se e sentia que era diferente dos demais. Ouvia piadas, chacotas e permanecia num canto da sala fingindo que não ouvia as ofensas. No banheiro, sempre deixava para fazer suas necessidades após o término das aulas, pois tinha vergonha de interagir com os outros meninos naquele ambiente. Sofria calado e não conseguia reagir ao preconceito.

Até que um dia apanhou de um colega que o esperou fora da escola e o espancou com um pedaço de madeira, afirmando que ele tinha que se endireitar, que homem não tinha voz fina e nem andava com roupa apertada. Após esse episódio sua mãe tomou as rédeas da situação. Abandonados pelos pais desde a mais tenra idade, sua mãe era a chefe da família e tomava as principais decisões



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

dentro de casa. Ela foi até a escola, procurou a direção e pediu uma conversa com os pais da outra criança, chegando inclusive a registrar um boletim de ocorrência na delegacia. Segundo a mesma, quem decidia o futuro era seu próprio filho e ninguém se meteria nisso, ela era sua mãe e estava ao lado dele para apoiá-lo em qualquer situação. Afirma que só depois desse episódio é que libertou seu “verdadeiro eu”.

Ele faz o segundo ano do Ensino Médio e durante os anos de escola, não teve problemas com a discriminação dentro da escola ou fora dela, pois sente-se amparado e feliz por ter a aceitação da mãe. É muito seguro de si e apesar de algumas provocações feitas pelo próprio irmão dentro de casa, não se abala, pois sua mãe sempre sai em defesa de quem ele é e briga com vizinhos, professores e colegas para ver o seu filho tratado com dignidade. Para azul, a atitude da sua mãe mudou completamente sua vida, assim como sua aceitação própria. Considera sua família uma benção muito grande, pois lhe proporcionou ser querido e respeitado.

Amarelo: é a filha caçula de uma família cujo pai, que é caminhoneiro, provê com dificuldades. Guarda boas lembranças de sua infância. Tinha como referência de educação sua mãe, seu avô e suas tias, já que o pai viajava muito e chegava a ficar seis meses longe de casa. Brincava com bonecas que sua irmã descartava ou com bruxinhas feitas com espiga de milho, mas também gostava muito de brincar com carrinhos, bolas e jogos considerados masculinos.

A mãe era uma pessoa extremamente asseada e não a deixava brincar na rua, rolando na terra como os outros meninos. Aos 14 anos começou um namoro com um adolescente um pouco mais velho, apesar dos protestos do pai, que sempre foi muito ciumento. O namoro foi aprovado pela família e formalizado, era um namoro “de portão”. Passou algum tempo nesse relacionamento e acabou terminando, pois o ciúme e necessidade de controle do namorado a incomodava.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Ele seguia cada passo dela, acompanhando-a mesmo quando não era convidado, o que acabou se transformando em perseguição.

Na escola, sempre foi desenvolta, faz amizades com muita facilidade. Por ser considerada bonita, é sempre muito galanteada. Relata que durante uma festa de aniversário de uma colega, conheceu uma garota por quem se sentiu atraída e assim se descobriu bissexual. Atualmente namora uma garota, mas escondida de sua família, pois acredita que seu pai nunca irá aceitar e corre inclusive o risco de ser expulsa de casa. Trabalha como Jovem Aprendiz em uma agência bancaria e diz que todos os seus amigos e colegas de trabalho sabem da sua orientação sexual. Se sente oprimida por não poder externar à família quem de fato é.

Laranja: na infância, só procurava a companhia de meninas. Não gostava de brincar com meninos, afirma que as brincadeiras eram violentas e sem graça e ela nunca teve forças para se defender. Já nesta época, sofria preconceito por parte dos pais dos amigos, que a chamavam de “Mariquinha”, por ter sido atribuído o gênero masculino ao nascer, mas desde quando se lembra, possui identidade de gênero feminina. Quando criança, todos já percebiam suas características mais delicadas, voz fina e comportamento entendido como mais feminino. Gostava de ajudar a mãe nos afazeres domésticos e suas brincadeiras favoritas eram montar casinha e fazer comidinha, o que na organização binária de nossa sociedade é atribuído às mulheres. Também usava escondida as saias da mãe e os sapatos de salto alto.

A mãe julgava que a forma como se portava se tratava apenas de uma fase e, que com o passar do tempo, ela se convenceria de que era um menino e que deveria se comportar adequadamente feito homem. Enquanto isso não acontecia, a mãe a levava para a igreja, coisa que ela detestava.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Tinha pouco diálogo com o pai, que mal falava com ela. Como amigo na escola, tinha um menino que também era discriminado pelos outros, por possuir uma dificuldade de aprendizado. No início do Ensino Médio, em relação à orientação sexual, identificava-se como homossexual e surgiram as primeiras dúvidas a respeito de sua identidade de gênero.

Laranja começou a se identificar como mulher trans a partir do momento que conheceu um grupo de travestis e percebeu que possuía vivências parecidas com as dessas pessoas. Na hora da chamada sempre que é anunciada pelo nome masculino, se sente incomodada, ainda que não tenha assumido formalmente seu nome social (e nem informalmente na escola, por medo de repressões).

O diretor da escola chegou a chamar a mãe para revelar o comportamento da filha. Ela ficou muito depressiva porque queria revelar ela mesmo sua relação com a sexualidade e com o gênero, apesar de entender que a mãe obviamente sabia, mas preferia ignorar o assunto. Para ela a escola tem sido a pior fase de sua vida, tanto é que não tem intenções de concluir o Ensino Médio.

No momento atual, trabalha como manicura, e está morando temporariamente com um grupo de amigas, pois foi expulsa de casa.

4.2 Estabelecimento de relações: Núcleos de sentido

Após a primeira etapa de fragmentação textual e descrição das unidades de sentido, procedi à definição e nomeação de categorias, observando as propriedades da validade e pertinência de acordo com os objetivos do presente estudo. Reunir elementos semelhantes buscando uma relação entre eles, e procurando entender a posição dos jovens sobre a temática discutida. Os núcleos resultantes foram:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

4.2.1 As brincadeiras e os comportamentos: o “sinal” de que algo está “errado”

É comum na fala dos jovens entrevistados, a noção da percepção durante a infância de que algo era “diferente”. Ao conviver com outras crianças e com sua própria família muitos começam a fazer comparações e a entender que não corresponderiam ao esperado por suas famílias. Por meio das brincadeiras, da experimentação lúdica do brincar, eles começam a se conhecer em relação à sexualidade.

[...] eu lembro que só queria brincar usando aquelas maquiagens bem cheirosinhas e coloridas. Vestia as roupas da minha mãe, da minha irmã, calçava os sapatos de salto, né. Adorava também brincadeiras de arrumar o cabelo, mas minha mãe sempre cortava o meu bem curtinho e eu morria de ódio, ahhh... Na rua só brincava de casinha, de boneca com as meninas, elas ficavam tudo dizendo coisa comigo, rindo de mim, falavam que não era pra eu tá lá, que era coisa de menina. Aí eu dizia que eu era menina também.
[...] (LARANJA. NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Inegavelmente, na contemporaneidade, nota-se uma maior visibilidade nas questões referentes à sexualidade, à identidade de gênero e seus modos de expressão, tanto afetivas quanto de intimidade sexual. Esse movimento provém da retroalimentação das mudanças culturais e históricas e dos padrões que delimitam as relações sociais, o que possibilita maiores discussões acerca das questões de gênero e das sexualidades, bem como suas repercussões na vida das pessoas junto com suas famílias.

Os estudos acerca da temática LGBTQI+ se configuram hoje como um campo consolidado de pesquisa, adquirindo cada vez mais espaço no âmbito acadêmico e legitimidade junto aos movimentos sociais. No entanto, ao mesmo tempo em que tais questões vêm ganhando espaço e visibilidade na literatura científica, as relações



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

familiares, por vezes, se estremecem no momento em que a orientação sexual ou identidade de gênero é revelada ou descoberta. O universo familiar organizado de forma binária, a “família natural”, atribui um sentido extremamente negativo ao brincar com os gêneros. A naturalização binária oprime não só as pessoas diversas em sua sexualidade, como também a todas as pessoas, já que muitos assuntos referentes à sexo viram tabu dentro de casa. É o que Vermelho relata:

Ai, em relação a isso eu sou meio traumatizado, sabe? É tanto que eu nem gosto muito né de lembrar da minha infância. Eu morria de medo, porque meu pai separou da minha mãe quando eu era pequeno, mas tinha os dias que ele me pegava né... pra levar com ele né...No começo, depois ele largou de mão. Ai eu mesmo pequenininho já sabia que era errado brincar com coisa de menina... Mas eu só gostava disso né Me dessem um brinquedo de menino, carrinho, revolver, eu já dava um jeito de quebrar ele né pra não ter que carregar aquele troço. Vixi! Minha irmã percebia, e as vezes ficava me ameaçando, ela me chantageava e tudo né. Toda moeda que eu pegava tinha que dar a ela em troca de brincar com as barbies dela (risos). Era o ó. Menino do céu, era o maior drama. Agora pra minha mãe mesmo, eu não tinha coragem de falar né. Ai eu pegava as roupas da minha mãe, vestido, sapato. Apesar de ela tinha um gosto horroroso (risos). Até hoje né, que já tentei melhorar o visu dela e tudo, mas num tem jeito. Ai eu acho que no fundo, no fundo, ela sabia que eu sou gay, mas ela nunca falou comigo disso quando eu era guri. Acho que ela achou que quando eu crescesse, eu melhorava (risos).” (SUJEITO VERMELHO- NARATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA))

Se um menino gosta de bonecas, por que não deixar que ele brinque com elas? Se uma menina gosta de bola, que mal há em jogar bola? Uma criança é apenas uma criança. Pode brincar como quiser, pois não tem ainda a noção dessa divisão dicotômica e estereotipada socialmente construída.

As pessoas do sexo masculino não são divididas em duas populações descontínuas: os heterossexuais, de um lado, e os homossexuais, de outro. O mundo não está dividido em bons e maus. (...) Só o espírito humano inventa categorias e se esforça por fazer corresponder os fatos a escaninhos separados. O mundo do ser vivo é, integralmente, um continuum em seus menores aspectos. Quanto mais cedo compreendermos que este princípio rege o comportamento sexual do homem, mais cedo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

chegaremos a uma compreensão sadia das realidades do sexo. (KINSEY citado por COSTA, 1995a: 14-15)

Porém, diante da significação do adulto, as crianças interiorizam e naturalizam as normas previstas para cada gênero, naturalizando também os estereótipos. Ao não corresponder aos mesmos, as diferenças são compreendidas socialmente e por eles próprios como anormalidade, como um atributo/jeito de ser que não deveriam possuir. Desde muito cedo suas percepções constituem, pautadas na heteronormatividade vigente, sentimentos de “estar desencaixado”, “fora do lugar”. “[...] eles na época eles já percebiam que eu não era uma criança que se igualava no...no perfil das demais porque eu não gostava nada relacionado a brincadeiras de menino...” (AZUL- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA).

Então só poderiam ser considerados “estranhos” dotados de uma dada forma de existência significada pejorativamente pelo fato de não reporem a performatividade esperada para as pessoas que nascem com aquele determinado genital. Assim diz Laranja:

[...] Engraçado, eu achava que eu era uma mulher... né... eu me via como uma mulher [...] a gente ia brincar de casinha né, cada um fazia uma coisa, tinha as filhinhas que eram as bonecas e tinha as mães. A gente fazia comidinha, costurava roupinha e tudo [...] então meu pai falava assim que a gente ia brincar, eu era pra ser o pai né, o chefe da casa, ele falava. Então meu pai falava assim, que não era pra eu brincar assim que eu tinha que olhar as meninhas, querer ter namorinho com elas, essas coisas, você entendeu? Eu detestava ouvir isso, ‘não quero pai, eu gosto de fazer as comidinhas’ e aí quando ele não tava vendo eu ia brincar escondida com as meninas, e ficava morrendo de medo de ele chegar e me pegar lá. [...] (NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

As falas acima, evidenciam que a questão dos estereótipos de gênero pautados em uma organização binária se reproduz nas percepções dos sujeitos sobre suas infâncias. Em seus relatos, apresentam de forma bem distinta aquilo que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

seria próprio das meninas do que seria próprio dos meninos, inconscientemente achando errado quando fogem a esse circuito, enxergam também como falha a apropriação do gênero socialmente dissonante ao previsto para o seu genital de nascimento, o que se dá, portanto, a partir dessa divisão separatista e rígida do que seria feminino e masculino.

Notoriamente, desde o ventre materno estamos sujeitos a uma construção de nossa existência que tem como referência instituída o órgão genital. Assim, são criadas expectativas baseadas nos discursos de o que é ser homem ou mulher. Essas expectativas quando não cumpridas, muitas vezes trazem frustração e angústia à família. No entanto, ainda que a relação estabelecida com os corpos e com o gênero desestabilize a ordem binária e questione os modelos heteronormativos de explicação, as percepções dos sujeitos entrevistados sobre suas ações e sobre o ser homem e ser mulher reforçam o senso comum. Temos Azul que reitera, em sua fala, padrões heteronormativos incutidos pela sociedade, separando as “coisas de menino” do que seriam as “coisas de menina”: [...] eu já andava com as meninas, a gente brincava de cantora, de ser atriz famosa, fazia tudo que uma menina mesmo fazia... (AZUL- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA).

Butler (2003, p. 27), questiona que “existe uma região do ‘especificamente feminino’, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença por uma universalidade indistinta e consequentemente presumida das mulheres”?

Nas narrativas analisadas, está muito presente esse posicionamento de “certo” ou “errado” mediante o que os sujeitos pensam ser aceitável ou não em sociedade. Essa argumentação favorece a manutenção de relações de dominação. Louro (2000) discute que determinadas práticas e linguagens constituem sujeitos masculinos e femininos e são produtoras de “marcas” de determinado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

comportamento. Para que essas “marcas” se efetivem, a autora indica a escola, dentre outras instâncias como a família, a igreja, a mídia, etc, como produtoras de uma pedagogia que investe de forma articulada na reiteração de práticas hegemônicas que recusam outras identidades e práticas que são consideradas divergentes.

Retomando a questão do brincar, para além da função diagnóstica que a mesma assume no processo de reposição performática dos gêneros e da sexualidade, há todo um movimento dos adultos na tentativa de reprimir as brincadeiras que ameaçam o binarismo de gênero. Como refere Vermelho: “[...] bola eu odiava, a história de bola, uma vez o meu pai me obrigou, mas isso aí já é um pouquinho mais pra frente, ele me obrigou a jogar bola e aquilo me matou de vergonha, fiquei triste, na maior deprê... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

É tangível preponderar o que diz Junqueira (2009, p. 488):

Atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos, cores, que poderiam ser indistintamente atribuídos a meninos e a meninas, tornam-se, arbitrária e binariamente, masculinos ou femininos. São generificados e transformados em elementos de distinção, classificação e hierarquização. A distribuição tende a ser binária e biunívoca, e os critérios podem ser improvisados e imediatamente assumidos como naturais. A criatividade é facilmente posta a serviço da heteronormatividade.

Laranja se sentia, apesar de participar de algumas brincadeiras envolvendo o universo masculino, mais à vontade nos espaços femininos: “[...] brincava de Barbie, brincava de várias coisas assim e não só de brincar, como também é... estava nesses espaços só de mulheres, só tinha minhas amigas, andava com as minhas primas. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Noto que além de terem a percepção de serem destoantes, sentem-se incompreendidos por não entenderem direito o que se passava com elxs, o porquê



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

de serem tratados de forma diferente. Isto causava muita angústia e desconforto em suas relações sociais, como amizades, família, escola:

[...] quando eu entro no banheiro feminino as meninas me olham torto, assim muitas meninas, e a gente percebe isso assim sabe, de tipo... as pessoas tá desconfortável com o seu corpo naquele espaço.[...] nos corredores também as pessoas quando eu vou com algumas roupas, tal, as pessoas comentam, as pessoas falam... (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

O relato de Laranja, mulher trans, me faz pensar sobre a aproximação da existência destoante com o “monstro”, que apesar de causar fascínio, também causa repulsa, vinculando o corpo transexual à práticas libidinosas e pervertidas. Percebo também que a angústia é ainda maior na condição de criança, quando os sentidos ainda são mais fluidos e os sentimentos e possíveis razões para o que se vive ainda não foram nomeados:

[...] Antes de entrar pra escola? A gente já sofre antes, né, antes eu já andava com as meninas, a gente brincava de lojinha, de vestir roupinha em boneca, fazia tudo que uma menina mesmo fazia. A gente já vinha sofrendo dentro de casa, sofria na rua mesmo... [...]Que os pais de colega falando que era Mariquinha, Viadinho e sabe... (AZUL- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Assim, os estereótipos que oprimem também vão sendo reconfigurados na direção da busca de um lugar de mais reconhecimento e pertencimento. Estão presentes nas situações de rejeição, exclusão e vexatórias, nas relações com os pais, entendidas como atos que deixam profundas consequências no desenvolvimento das pessoas diversas em sua sexualidade e identidade de gênero. Peres (2009, p. 238) afirma que as expressões da homossexualidade, da travestilidade e da transexualidade frequentemente resultam, quando percebidas pelos adultos na infância e na adolescência, em atitudes excludentes por parte de familiares em relação às crianças e jovens LGBTQI+. Esse processo se propaga “da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

família para a comunidade, da comunidade para a escola, para os serviços de saúde e demais espaços e contextos de relações com que essas pessoas venham a interagir”. Como afirmam:

[...] As pessoas me confundiam muito com menina. Desde antes da fase da escola, né, porque... por causa da delicadeza do jeito, tinha um cabelo muito cacheado na época e... às vezes quando alguém falava “nossa, que menina bonita!” E aí o meu pai, principalmente meu pai, “Não! Não é menina, é menino, mostra o pau pro cara vê se é menino” né, então isso aconteceu praticamente até minha adolescência. (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

[...] Minha mãe falava que era só uma fase. Falava que ia passar, que ia... que depois de um tempo eu ia ser um menino normal, né? [...] Ela me levava pra igreja muitas vezes, que nem a mãe da Laranja, sem eu querer porque eu não gostava de ir, ela me levava e a gente brigava muito [...] Meu pai conversava muito pouco comigo [...] Porque ele falava que tinha um filho, naquele momento eu não estava sendo filho dele! (VERMELHO-NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Segundo Winck (2009), as relações familiares da nossa sociedade são pautadas em uma moral patriarcal, na qual a sexualidade assume um caráter essencialmente reprodutivo. As questões de identidade de gênero e da diversidade sexual são impensáveis para grande parte dos pais, pessoas que, teoricamente, seriam responsáveis pelo bem-estar e segurança da criança. Ao se depararem com a orientação sexual dos filhos e a relação que estabelecem com o gênero, na maioria das vezes resistem em aceitá-los, não manifestando suporte e solidariedade frente a essa realidade, afastando-se daquilo que consideram como um problema.

É unânime entre os entrevistados a percepção de que a condição da identidade de gênero e de orientação sexual foi motivadora de preconceitos e discriminações, que foram vivenciadas muito precocemente na relação com suas famílias. Relatam histórias de incompreensão e negação das identidades de gênero nas relações familiares, mesmo que por vezes de forma velada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Oliveira (2017) diz que o temor de que seus filhos sofressem discriminação ou eles próprios fossem acusados de má criação mostrou que as questões de identidade de gênero se constituem em um tabu difícil de ser vencido, e assim, os familiares atuam no sentido de tentar encaixar seus filhos na norma heterossexual. Muitos pais estão presos às regras “normais” da sociedade e têm conceitos incorporados que entram em conflito com o processo de formação e transformação de seus filhos. Assim refere Azul:

[...] Meu pai, a gente já brigou muito... Só meu pai sabe, minha mãe é de boa... na época do início da escola, quando eu era pequeno, a gente brigou muito mais, brigamos muito, muito mesmo de um ofender o outro... ele falava que eu não participava daquela família mais, que ele não me fez pra isso... Ai minha mãe tinha que se envolver pra tentar me defender e os dois brigavam né... Era muito fuá. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA).

A vivência da diversidade sexual e da orientação de gênero diversa ao binarismo é para muitas pessoas uma experiência traumática. Mesmo que, na infância, não tenham uma definição clara sobre sua sexualidade, percebem que seus comportamentos são diferentes das outras crianças e também que o trato dos familiares está repleto de posicionamentos que visam às correções de posturas e comportamentos que não se aplicam às demais. Assim, leva-se as crianças a reproduzirem o preconceito e o estigma formulados pela sociedade, que se transforma em algo temível e muito vergonhoso. Dessa forma, a falta de informação e o preconceito sustentam visões limitadas de sexualidade e gênero que os concebem como estritamente biológicos e, portanto, naturais (OLIVEIRA, 2017).

Em alguns casos não há qualquer aceitação da família, o que acarreta na expulsão de casa. Em outras, a negação da condição sexual/de gênero se impõe, não havendo possibilidade de dialogar sobre essa questão. Vermelho comenta que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

os pais percebiam sua condição, mas não deixavam transparecer seu desconforto com a situação:

[...] Meu pai e minha mãe [...] o tratamento dos dois sempre foi como menino. Eu ajudava meu pai capinar, ele queria que eu fosse bruto né, feito homem, como ele falava. Tanto é que quando fui contar pra minha mãe, 'ó mãe, sou gay [...]' ela disse, 'ai, eu não percebi'... foi até engraçado, ela falou 'mas você não vai deixar cabelo grande assim não, feito mulher' [...] Mas assim, eu sempre percebi que meu pai e minha mãe viram essa mudança, mas 'vamos deixar assim, não vamos mexer na ferida não'. Isso eu sofri... (VERMELHO- NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Em relação à Laranja, a mãe externou sua estranheza e angústia com uma ação impulsiva para tentar extinguir seu desejo de ser mulher:

[...] É... sempre ajudei... desde os cinco anos de idade sempre ajudei minha mãe a limpar a casa, a fazer as coisas, coisa que meus outros irmãos não, já iam pra rua, cuidar das coisas, tentar arrumar emprego... [...] desde criança usava os saltos dela...[...] As saias, assim, tudo... tinha um sutiã que antigamente o povo usava, o sutiã era um bojo, mas acho que era pra dar mamar, ele era pontudo... Época da Britney, né, então eu amava aquele sutiã, até que um dia ela me pegou usando e... sumiu com ele! Não sei. Acho que até pôs fogo. [...] Minha família e todo mundo, os meus irmãos às vezes que estranhavam demais o meu comportamento. (Sujeito Laranja)

Dessa maneira, reforça-se a construção da sexualidade imposta pelo binarismo de gênero que desconsidera e incrimina a transitoriedade identitária e as orientações sexuais que visivelmente participam do momento de narrativa biográfica, no qual os entrevistados refletiram sobre sua trajetória na infância.

4.2.2. A escola, a Sociologia e a percepção de “anormalidade”

Ao começar o trajeto escolar, xs entrevistadxs não tinham clareza e percepção do que acontecia com elxs. Por conta das reações dos seus responsáveis, ficava uma suspeita de que havia “algo de errado”. O sentimento de serem portadores de defeito, que existia como suspeita na experiência familiar, confirma-se na escola, resultando em isolamento frente à percepção de que não



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

cabiam naquele espaço. Como afirma o sujeito Azul: “ [...] Aí quando foi pra escola é... eu costumo dizer que as crianças são maldosas. É... e tudo aquilo que não se encaixa no perfil que foram passados pra elas, é diferente. Então sofria muita perseguição”. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Assim, ao longo das vivências escolares, foram se consolidando percepções de que eram “anormais”. O ingresso na escola despertava vários sentimentos. Mostrava-se como um local não familiar e de temor, ainda que por vezes trouxesse também curiosidade. Sobre isso, Amarelo diz:

[...] Primeiro dia de aula. Meu pai me levou. Como meu pai fez com a minha irmã também, né, então ele acompanhou; minha mãe não foi, quem foi, foi meu pai, ele me deixou lá dentro da escola e tchau, tá, aquela coisa carinhosa e foi embora, montou na moto e foi embora. Esperei meu pai sair e fugi da escola. [...] Minha mãe foi sempre a minha proteção. [...] Que... que aconteceu: o desespero de ficar longe da minha mãe. [...] (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Em suas percepções, a não reprodução dos padrões heteronormativos motivava punições, rejeições e processos discriminatórios por parte de professores e colegas. Contudo, inicialmente não compreendiam com clareza os motivos para que isso ocorresse: “ [...] E a professora começou mesmo a me deixar de canto, me escantear sabe? Só que chorando eu fazia a lição, eu copiava porque eu tive aquele pezinho na frente que a minha mãe me ensinou. (AZUL- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

O sentimento de desajuste no ambiente escolar também se concretizava constantemente na trajetória de Laranja: [...] Então é que muitas vezes no começo, que eu estava tentando... entender... o que estava acontecendo comigo, só que eu estava tentando... entende... tentando fugir de mim e das pessoas daquela escola (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Imagine o sofrimento de uma criança que acorda, põe o uniforme da escola e pensa, enquanto se prepara: “mais um dia em que terei que suportar aquele menino me chamando de veadinho; mais um dia em que terei que ficar o recreio inteiro sozinho porque ninguém gosta de brincar e ficar comigo”. Essa é a sensação descrita por pessoas que vivem a experiência da homossexualidade, da diversidade sexual e das diferentes identidades de gênero. (BENTO, 2011, P. 555).

Nesse sentido, podemos depreender que, por muitas vezes, a criança não entende o porquê de provocar a ira e a intervenção dos pais e educadores com seu comportamento dissonante; ela não quer ser rejeitada. Essas interdições se repetem ao longo da vida, principalmente na vida escolar. Ainda como constata Junqueira (2009), essas crianças têm que “mostrar o algo a mais para que sejam aceitas como normais” (p.26).

A vigilância de suas brincadeiras e comportamentos, já percebida na família, comparece em suas percepções de forma ainda mais ampliada na escola, ambiente em que necessariamente estão envolvidos em situações de maior exposição em face ao contexto de contato social ampliado:

[...] Aí vem aquele... aquela hora do recreio. ‘Vai vamos brincar? Vamos. Do que você quer brincar?’, ‘Vamos sentar...’ as menina falavam ‘vamos sentar ali e ficar conversando’. Eu não... não era minha praia. Então eu ia onde os menino iam. E era onde eu onde eu ficava nessa de vou ficar junto com os meninos... aquela hora do recreio [...] mas nas cabeças dos meus professores, eu era uma lésbica e que gostava de andar com os meninos e... (pausa) elas queriam de qualquer jeito me... me colocar junto com as meninas. (AMARELO- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Entende-se, assim, que a equipe educacional tem como direção o único padrão que é considerado “normal” e “sadio” para vivenciar a sexualidade: o heterossexual (LOURO, 2004). Permanecendo na seara da educação e investigando



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

como se dá o trabalho com sociologia na escola, como essa disciplina contempla as discussões a respeito da sexualidade e das questões de gênero, Vermelho afirma:

[...] assim, é meio... é meio até chato dizer isso, porque a senhora também é professora né... Mas o professor Verde, ele nunca que fala disso não. Ele é crente, parece que é pastor e tudo. Falar de sexo na aula dele, vira uma pimenta de tão vermelho e logo muda de assunto. As aulas dele de sociologia são poucas e ele mais que fala sobre sociedade, ética né, essas coisas. E o pessoal mal presta atenção, é muito aluno e ao pessoal da noite é muito desinteressado, acha que é porque só tem uma aula de sociologia, né, que aí não reprova. Também esse assunto assim, nem tem no livro, sabe. Já até procurei, eu queria muito que falasse, pra acabar com essa história que a gente é doente, que a gente precisa de viver isolado. As pessoas acham que se andar com a gente vira gay também, as vezes os próprios pais pede pros filhos não falar com a gente né...[...] (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

O sentimento de inadequação já experimentado na família se acentua na vivência escolar, e a disciplina de sociologia que poderia ser usada como aporte para discussões fica diminuída do seu valor e não tem uso prático para nortear estas questões.

[...] eu mesmo na aula de sociologia, eu já tentei falar. Por várias vezes eu tento me expressar, eu tento me manifestar, mas ninguém acredita. Fala que é muita delicadeza minha, que é pra mim tomar atitude de homem, que é pra resolver meus problemas sem meter a escola no meio. O professor Verde também não ajuda, quando eu tento falar desse assunto, ele muda tudo, embola e no fim eu ainda saio de ruim, que o povo diz que faço drama, que quero ser o centro da atenção, sabe. Mas aí eu quero falar disso, porque eu acho que se em sociologia a gente fala de sociedade tem que falar da gente né, dos gays, das bichas porque as pessoas tem que entender nós, tem que conhecer nós, em vez de ficar dizendo que é mimimi né, que tudo agora é mimimi é... em relação aos outros professores [...] Eu chorava muito, sempre chorei muito[...] então quando às vezes a professora mesmo de português ou história ia corrigir, já abria a boca a chorar, né, mais ouvia muito, né, 'homem não chora' era um termo que a gente escutava muito, né, em relação ao professor. Mais agora em relação à gurizada, a gurizada é terrível... (AZUL- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Observo que as diferenças de gênero e as expectativas sociais em relação ao comportamento de homens e mulheres baseados na normalização são evidenciadas na escola e atingem todo o corpo escolar: alunos e professores. Inclusive a disciplina de sociologia, entra nesse cerceamento de discussões, visto que há um desconforto, desconhecimento ou medo por parte dos docentes. Destaco também a relação de vigilância estabelecida também entre os jovens, que vigiam a si e também uns aos outros, marcando e expondo aqueles que se comportam de forma distinta àquela prevista pelos padrões heteronormativos. Esses, que rompem com o esperado, em geral são alvo de preconceito e discriminação: “[...] Eu estava estudando, tal, o sujeito saía do segundo andar, ele saía do andar de baixo, ia pra escola, passava lá, ele olhava pra mim, “você é viado, né?” (VERMELHO-NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Essa indagação remete a uma atitude rotineira pela qual o objeto alvejado é desqualificado. Ao mesmo tempo, aquele que proferiu o discurso se mostra “perfeitamente adequado às normas de gênero” (JUNQUEIRA, 2013, P. 448).

Para esses alunos as relações entre os colegas se tornam cada vez mais difíceis. Além de a equipe educacional reforçar a heteronormatividade, os jovens acabam compondo esse processo de diferenciação em que aqueles que se encontram nas normas sentem-se adequados e “normais” e atribuem aos outros o local de anormalidade: “[...] eu costumo dizer que as pessoas são maldosas. É... e tudo aquilo que não se encaixa no perfil que foram passados pra elas, é diferente. Então sofria muita perseguição [...]. (LARANJA- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Indica-se o desconforto gerado pela presença de um ser que não é importante para manutenção do (sis)tema normativo, ou seja, o sistema que reforça a genitália de nascimento como único parâmetro legítimo para a construção da identidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Aqueles que rompem são lançados à condição de abjeto e, portanto, da invisibilidade como pessoas. Como afirma Peres (2012, p. 541):

A abjeção se incumbe da desapropriação de qualquer reconhecimento ou direito que um ser humano possa ter devido inexistir para a inteligibilidade lógica das compreensões normativas, ou seja, sem visibilidade não é reconhecido como sujeito, se não é sujeito não existe, logo, não pode ser tomado como ser de direitos. Situa as pessoas no interstício entre corpos que parecem não ter importância devido a suas dissidências frente ao normativo, e corpos que importam enquanto marcadores das fronteiras da normalidade.

Os entrevistados se entendem como pessoas retraídas e tímidas. Muitas vezes ficam em um canto da sala de aula sem serem notadxs, isoladxs e receosxs em ter sua integridade física e emocional violadas não só pelos alunos, como também pelos professores. Como afirma Laranja:

[...] mas eu sempre fui mais retraída assim, não sei... Nunca fui uma pessoa muito popular e ao mesmo tempo extrovertida assim [...] eu não tinha voz ativa pra me defender [...] sei lá... Eu fico mais observando do que participando assim, né... Eu vivo com medo, com muito medo. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

A falta de habilidade da equipe educativa em lidar com as dificuldades para a integração desses alunos na escola reforça o desamparo e confusão. Assim afirma Vermelho:

[...] fui e logo nos primeiros dias de aula, já começou as piadinhas, xingamentos. Se passava no corredor era “olha a bichinha pra lá, olha a bichinha pra cá” e isso só ia piorando né... Você imagina né, na primeira semana de aula já tinha sofrido até com agressão... é porque teve um aluno que botou o pé pra eu cair e dei de cara no chão de terra. Comi areia, mas levantei indignado. E era o segundo dia de aula! A escola tava na cara que não sabia receber os estudantes. Eu acho né, que devia ter umas palestras, chamar aquele povo pra falar com os alunos, conversar e tudo. Que é pra eles entenderem que nós é gente, pra que ficar agredindo assim à toa? Como se a gente não tivesse direito de existir no mundo... Isso me deu a maior tristeza, sabe... Fui e falei na direção com o diretor, ele disse que tá certo, que ia ver, mas senti que não deu ligância não, sabe ... aí eu acho que ele deve ter pensado que era viadagem minha né, como todo mundo fala (risos sem expressão) é, já tô acostumado, que tudo é viadagem minha. E



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

eu penso que essa escola não me acolheu bem não, fizeram de conta que eu não tava lá né, era mais fácil não falar de mim, dos outros gays, que lá tem bastante né... olha eu conheço no mínimo um grupinho de uns dez, fora uma menina trans que tem lá e várias lésbicas, bi... Mas essas pessoas se escondem né... elas tem medo de mostrar a cara feito eu. Também, nessa escola a gente não é ninguém, a gente é invisível todo mundo acha que nós é problema. E a professora de sociologia, a Lilás, ela nem fala em questão de sexo. Num tem um assunto... deixa ver... aquele que fala que uns tem mais e outros menos... ah! Desigualdade. Pois então, ela foi falar de desigualdade, falou de rico, pobre, preto, branco, feio, bonito e não falou de hetero e homo. Não fala da gente não, corre com medo. Por isso que te disse, professora. Se eu pudesse escolher, não seria.[...] (SUJEITO VERMELHO)

É visível na voz dos estudantes entrevistados que se sentem incompreendidos e invisíveis dentro da esfera escolar. Muitos apontam a omissão da gestão e direção da escola. Durante minha observação, presenciei inúmeros casos de agressão verbal e física que resultaram apenas em conversas esporádicas com os envolvidos, sem que fosse tomada uma atitude mais enérgica.

A própria fala de Vermelho mostra que eles gostariam que a escola oferecesse mais orientação à todos para desmistificar a diversidade sexual e as questões de identidade de gênero. Isso vai causando cada vez mais retração nos estudantes. Dentro desse caldeirão, a disciplina de sociologia permanece estática, apática com as situações de discriminação e violência dentro da própria sala de aula. É o que reafirma Laranja:

[...] Ah, professora, eu ainda tenho muita dúvida, sabe. Eu quero fazer a transição completa, tudo direitinho, fazer cirurgia e tudo, tomar hormônio. Mas primeiro que não tenho dinheiro e nem informação. Só sei as coisas que vejo na internet, que eu pesquiso muito sabe... Quando tem internet, porque na escola, nem isso tem. Eu acho que os professores podiam ajudar né... Já que em casa a gente não tem, podia ao menos ter na escola. Que as vezes a gente vem pra escola, pra fugir das brigas em casa, das violências, sabe. Aí os professores nem tchum pra gente. O professor Verde mesmo, de sociologia, ele nem liga pra eu ser mulher trans sabe, me chama no masculino mesmo, mesmo vendo que os colegas me chamam já no feminino, os que falam comigo né, que a maioria me ignora. E teve uma vez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

que ele tava falando de democracia e eu quis que ele falasse do governo, da ministra sabe, foi bem na época daquele negócio que ela falou de menina ter que usar rosa e menino ter que usar azul né... E sabe o que ele respondeu? Que política, futebol e religião não se discute! Eu fiquei passada, porque ano passado, a professora Lilás sempre dizia que a sociologia era lugar de debater as coisas da sociedade né. E política não é coisa da sociedade não? E toda vez que eu tento entrar no assunto, ele corta. Aí, eu já perdi a esperança mesmo, nem falo mais, porque ele levou pro lado pessoal, parece que eu tô querendo desafiar ele, sabe... Nossa, é muito... Muito chato né... (LARANJA- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

Peres (2012) revalida que a gestão escolar frequentemente se furta do compromisso de discutir questões difíceis de serem enfrentadas pela escola, tais como: uso problemático de drogas, ações de violência, marginalização de classe, sexo, gênero, etnia, geração ou por ser do grupo LGBTQI+. Desta forma, a escola, ao silenciar sobre as questões da diversidade sexual e delimitar como parâmetro de normalidade o padrão heteronormativo, coloca todos aqueles que fogem à regra, em um local reservado ao desvio, ao transtorno e à perturbação.

É nítido que, para quase todos os entrevistados, a escola se mostra como um lugar de não inserção, opressão e também construtora da diferença e do preconceito em relação às diversas identidades de gênero (JUNQUEIRA, 2009). O desajuste e a dificuldade em se adaptar são mantidos também pela ação dos professores inclusive os de sociologia, grupo específico que fez parte da minha pesquisa, que repõem a heteronormatividade. Azul também apresenta em seu relato esse obstáculo:

[...] Desde o começo eu tentei me adaptar, tentava puxar assunto sobre a homossexualidade. Uma vez levei até uma revista para a professora Lilás. Porque sabe, ela sempre dizia que era pra gente discutir, e toda aula, ela gostava de fazer aquela coisa de roda de conversa e tal... Aí um dia eu levei uma revista sobre um casal homossexual que tinha adotado uma criança, mas ela falou que a aula daquele dia já tava planejada, que não podia mudar, se não ia dar tempo de dar o assunto todo da prova. Mas eu senti que não era isso, ela ficou com vergonha, sabe... ela não sabia como falar dessas coisas na aula. Nesse dia ela falou sobre ética. Ai eu pergunto professora: e ética não é conviver bem em sociedade não? Ética não é aceitar o outro do jeito que ele é? Ou ética é você tentar obrigar uma



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

pessoa a ser o que ela não gosta? Ética é só casamento de homem e mulher porque de homem com homem é safadeza? Essas coisas me fazem achar que tudo tá perdido já viu. Nesse dia até procurei a coordenadora, mas ela ficou de falar com a professora e ficou por isso. Acho que eles não sabem como tratar a gente, sabe. Eles têm medo de criar alguma polêmica, e aí nessa historinha acabam ignorando a gente...(NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Mais uma vez, há a constatação de que as experiências transfóbicas, homofóbicas ou de invisibilidade enfrentadas nas relações com as famílias se acentuam nas instituições de ensino, marcando profundamente a trajetória escolar desses estudantes. Como afirma Bento (2011, p. 556), “na escola se aprende que a diferença faz diferença”. O ambiente escolar valora as diferenças como desigualdade e desvios, trazendo a percepção de anormalidade aos alunos diversos. Como afirma a autora:

Estranho é ser igual e na intensa e reiterada violência despendida para se produzir o hegemônico transfigurado em uma igualdade natural. Quando compreendemos a produção das identidades de gênero marcada por uma profunda violência, passamos a entender a homofobia enquanto uma prática e um valor que atravessa e organiza as relações. (BENTO, 2011 p.556)

Nesse contexto, em que a diferença é marcada como anormalidade, os desejos vão aflorando e o “cantinho escondido” responsável pelo silenciamento dessas vivências não é capaz, em sua totalidade, de ocultar ou proteger aqueles que são divergentes provocam-se questionamentos, inquietações e indignação. Laranja conta:

[...] Sentei. Aí um menino veio atrás de mim e falou: você é menino ou menina? Dali então todos os dias eu chorava [...] tipo assim, eu não entendi essa pergunta, eu não entendia porque que tinha essa perseguição, porque que eu tinha que explicar o que é que eu era, o que eu deixava de ser [...] e porque que não tinha esse tipo de pergunta com os outros colegas, né... (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

As pessoas diversas em sua sexualidade e identidade de gênero, negadas no discurso escolar, quando procuram acolhimento por parte dessa instituição frequentemente são alvos de repreensões por parte da equipe e dos colegas. Como afirma Vermelho:

[...] Eu era afeminado, gostava de vôlei, mas eu sempre recebia correção dos meninos [...] 'Você está andando feito mulherzinha', 'vem jogar futebol', então tipo eh... meio que forçando eh... não era forçado, porque eles não pegavam na minha mão, 'faça isso'... (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

Conforme Junqueira (2009), o processo de ocultação da posição de dissonância à matriz heterossexual regula a vida social das pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo ou que rompem com o binarismo de gênero, submetendo-as ao segredo do silêncio ou expondo-as ao desprezo social. Ainda reitera que o reconhecimento das violações a que estas pessoas estão submetidas pode reforçar os processos de reconhecimento também de suas existências, assim como de sua condição de sujeitos de direitos, sendo fundamental para o enfrentamento da invisibilização que o "cantinho escondido" produz. Laranja, inicialmente escondia sua identidade de gênero:

[...] Engraçado eu achava que eu era uma mulher... né, eu me via como uma mulher. [...] Só que eu... isso só eu sabia... é como se fosse um segredo meu, entendeu... que até então eu não conseguia falar o que eu sou... eu falava que era gay. Mas eu não aceitava ser chamado de viado. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

4.2.3 O enfrentamento do preconceito e discriminação

Por meio das narrativas, pude perceber uma fala em comum a todos os entrevistados: eles relatam que a escola menospreza suas existências diversas ou até mesmo os ignoram, por não saber ou querer discutir a temática da diversidade sexual e da identidade de gênero, tarefa nada fácil, mas super necessária. A escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

acaba priorizando identidades masculinas e femininas “normais”, ou seja, estabelece como único modelo de identidade sexual normal: a heterossexual. Louro (1987, pp. 81-82) reitera que:

Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido ‘gravados’ em suas histórias pessoais. [...] Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero. [...] Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve. [...] Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos.

Na maioria das falas, os jovens relatam relações com professores e colegas marcadas por preconceito e discriminação, o que atravessa toda trajetória escolar. Isso também ficou bastante evidente em relação à disciplina de sociologia, meu foco da pesquisa. Laranja refere: “[...] Então é que muitas vezes no começo, que eu estava tentando... entender... o que estava acontecendo comigo, só que eu estava tentando... entende... tentando fugir de mim e das pessoas daquela escola” (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Segundo os interlocutores, havia um tratamento desigual deles em relação àqueles que eram compreendidos como “normais”. Como afirma Vermelho:

[...] ‘Que que você tá usando batom’ e eu falava assim ‘ah, sou eu!’ [...] aí nisso, foi no oitavo ano [...] eu não era assumido ainda, mas todo mundo já sabia da minha... da minha... da minha orientação... E aí, teve um dia, que um aluno do turno da manhã, veio pra uma gincana na escola. E eu tava maquiado, porque gosto de usar uma maquiagem pra corrigir a cara né... Ai esse aluno veio e me empurrou, me chamou de bichinha safada e tudo, que eu até caí no chão, fiquei morto não sabia onde enfiar minha cara. Se eu pudesse, tinha cavado um buraco e me enfiado. Aí fui na direção e reclamei com o diretor, pedi pra ele falar com o garoto, que isso não era jeito de tratar ninguém. [...] e ele falou que isso era devido eu ser uma... uma LGBT afeminada e eu estar numa escola que era uma escola séria, que eu



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

deveria me portar na escola porque eu vou fazer o ensino médio e no ensino médio [...] eu não ia ser respeitado na sala e não ia ser respeitado nos corredores, nenhum espaço que eu tivesse se eu tivesse com batom. E olha profi que meu batom era clarinho, um nudezinho...(NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

Alguns professores, desinformados sobre a diversidade de gênero e impregnados pela heteronormatividade, também colaboram para o sentimento de desprezo de alunos LGBTQI+ e chegam a ser cruéis. Infelizmente um dos casos é o de um professor de sociologia. Conforme relata Azul:

[...] Teve um trab... prova, né, quem fizesse a prova, tivesse a melhor nota o professor de sociologia ia dar um prêmio. Então o primeiro semestre ele deu uma caneta relógio e eu ganhei. No segundo ele ia dar outro prêmio. Aí eu falei 'nossa, vou lutar também, vou ganhar'. Ganhei. Ele me deu um estojo de ferramentas, aquela coisa bem machão, sabe... [...] Eu não entendi a lógica. Sempre ele dava caderno, ele dava caneta, ele dava calculadora, ele dava... tinha uma régua muito bonita que ele chegou a dar, né, tal, por que que comigo na hora que eu ganhei, um estojo de ferramenta... Senti como se ele estivesse mandando eu virar homem né.. porque... porque assim... ele nunca que ele fazia isso com outros alunos né.. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Laranja também narra a relação heteronormativa por parte de professor:

[...] Os professores se tornaram mais críticos, né, nessa fase inclusive na época eu escutei que existia dois padrões de... de... de pessoas, homem e mulher. Não tinha nenhum terceiro padrão. Ou eu me encaixava em um determinado grupo, ou no outro, não existia um terceiro grupo. Isso quem disse foi o professor Verde, de sociologia. Aí eu perguntei porque né... porque tinha que ser assim... porque a gente não podia escolher ser o que quisesse... Aí ele falou que tava na bíblia... que fora o que tava lá era aberração... mas tipo... tipo... tipo, ele não entende né... eu não escolhi ser mulher, eu nasci mulher num corpo de homem... não é culpa minha... (pausa triste) (lágrimas nos olhos) (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

Laranja não se conformava com o entendimento de alguns professores que insistiam em reduzir o heteronormativo como padrão único. As percepções dos interlocutores, vão ao encontro do que afirma Araújo (2017). Segundo o autor, muitos professores praticam, em suas práticas pedagógicas, por terem uma



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

formação insuficiente para lidar com a diversidade sexual e de gênero, violência com alunos que se comportam fora dos padrões heteronormativos e podem trazer danos à vida futura dos mesmos. Essa postura propicia uma internalização e naturalização do heterossexismo por parte dos colegas que passam a reproduzir a rejeição e a repulsa. A fala de Vermelho corrobora com essa reflexão:

[...] eu tive um colega e a gente brincava, conversava, trocava material e tal, parece que alguém falou alguma coisa pra ele, ele pegou nesse dia, eu fui pegar a caneta, sei lá, lápis, ele olhou pra mim assim: 'Não!' [...] eu peguei fui perguntar pra ele, 'nossa o que que eu te fiz né, o que aconteceu', 'não fala mais comigo'. Então eu falei 'que desgraça que eu fiz com esse menino...' né, não sei... eu acredito que seja por causa do preconceito [...] porque a gente tinha essa amizade... ele foi na minha casa, eu fui na casa dele, a gente fazia trabalho, tudo, acho que alguém falou 'você vai ser chamado disso também [...]'. Perdi muitos amigos, muitas amigas. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

Reforçam-se, desta forma, o sentimento de exclusão e a culpa por essa rejeição. É triste pensar que a culpabilização das vítimas compõe os pressupostos psicossociais da exclusão. A vítima acaba sendo seu próprio algoz, na medida em que sofre o preconceito e se culpa por isso, em um ciclo continuum de desmerecimento. A pessoa LGBTQI+, em idade escolar, muitas vezes segue sem saber ao certo porque foi preterida de forma tão radical. O preconceito gerado por conta da internalização transfóbica, homofóbica, lesbofóbica, legitima a condição de marginalizado, produzindo uma apreensão constante e reforçando as marcas do estigma. Assim narra Laranja:

[...] É... em relação aos colegas de sala, em relação ao pessoal da escola aí ficou pior, que inclusive eles descobriram a música do Nay Matogrosso *Telma Eu Não Sou Gay*, então a gente era muito perseguida por causa dessa música, toda hora que passava ou um gritava e cantavam um pedaço da música. Eles não entendem que eu não sou gay. Eu sou mulher. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Além do sofrimento causado pela exclusão, alguns alunos LGBTQI+, ao expressarem sua identidade de gênero, também são alvo de julgamentos perniciosos por se portarem de forma destoante, sendo entendidos pelos colegas como exibicionistas. Vermelho afirma:

[...] foi quando eu percebi... [...] por eu usar batom na escola, sempre tinha muito as risadinha dos colegas, as pessoas olhavam, pensavam: 'tá querendo se aparecer' [...] E aí é... nos corredores também as pessoas quando eu vou com algumas roupas, tal, as pessoas comentam, as pessoas falam, as pessoas enfim, mas nunca na minha cara, né? E pessoas também que não colam nos debates que eu chamo né, que eu já chamei pra conversar sobre isso, mostrei vídeo, passei zap zap, fiz várias coisas, tentando conscientizar sobre a importância de falar sobre gênero e sexualidade, muitas pessoas não querem entrar este espaço porque é um gay que está falando, sabe... (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)

De acordo com Junqueira (2013), o preconceito, a discriminação e a violência restringem os direitos básicos das pessoas LGBTQI+. Por construírem seus corpos da forma como se identificam não passam despercebidos e suas maneiras de ser os situam no patamar da inferioridade. Nos ambientes escolares enfrentam obstáculos para ter suas identidades respeitadas, pois a modificação do corpo, dos jeitos, das falas, dos trejeitos e dos modos, não encontra aceitação em uma instituição que se constitui a partir de valores heteronormativos.

Laranja começou, ainda no Ensino Fundamental, a perceber que seu corpo não condizia com a expectativa de sexualidade masculina. Identificava-se ainda como menino, mas sofria chacotas dos colegas que não a entendiam. Conforme afirma:

[...] muitos amigos perguntavam 'ai, você gosta... você é viadinho', eu falava 'não, não sou!' Eu tinha medo, que tinha aquela coisa do 'armário' né, eu estava no 'armário' nessa época [...] na minha escola não tinha tanto LGBT, então não tinha como eu me reconhecer. (LARANJA- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

A verdade é que muitos estudantes aprendem, muito cedo por meio da pedagogia do insulto traduzida em pedagogia do preconceito, a construir elementos que engatilham o heterossexismo e a homofobia e agem como dispositivos de desqualificação do diverso.

Como afirma Junqueira (2013, p. 70):

‘Você é gay!’. Essas crianças e adolescentes tornam-se, então, alvo de escárnio coletivo sem antes se identificarem como uma coisa ou outra. Sem meios para dissimular a diferença ou para se impor, o ‘veadinho da escola’ terá seu nome escrito em banheiros, carteiras e paredes, permanecerá alvo de zombaria, comentários e variadas formas de violência que a pedagogia do armário pressupõe e dispõe, enquanto sorrateiramente controla e interpela cada pessoa.

E assim, cada vez mais se isola o diverso e o coloca em uma posição de destaque negativo, como uma aberração que deve ser combatida e normatizada. Assim, excluídas e preteridas, essas pessoas se recolhem à margem do convívio social. Na fala que segue, Azul expressa um grande desconforto ao ser associado à pedofilia:

[...] eu não pegava criança no colo. [...] Você sempre vai na casa de uma colega, então tem sempre um irmão pequeno, é porque eu fui na casa de uma colega, ela tinha um irmãozinho pequeno, todo mundo pegando a criança no colo, brincando, a mãe estava ali rindo, tudo beleza, quando eu falei ‘deixa eu pegar’, a mãe gritou: ‘não, não, não, pode deixar, pode deixar’... [...] Eu não entendia direito. Por que, por que, que me foi negado isso. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

A diferença traz para as pessoas LGBTQI+, quando explicitada de maneira tão brutal, um sentimento de que seu corpo se configura em uma abominação, aproximando-se à ideia de monstruosidade:

[...] Porque hoje além do preconceito, tem a maldade.[...] eu sofri esse tempo todo por falta de informação. Eu não tive acesso, eu não tive... né, inclusive não só informação de me entender, de saber quem eu era, o quê que eu era, que raio que eu sô... (AZUL- NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

4.2.4. O cotidiano de privações, negações e violências

Os alunos da escola Arco Íris relatam suas experiências escolares como: opressoras, invasivas e as associam ao medo e castigo. Apontam a divisão rígida dos jovens, no cotidiano escolar, em dois grupos, sendo a única referência o genital de nascimento. Colocam a disciplina de sociologia como neutra em sua responsabilidade por não abrir espaço para discussões concernentes à diversidade sexual e identidade de gênero. Essa forma de organização, que reproduz a ordem binária hegemônica, naturaliza a diferenciação entre aqueles que são compreendidos como meninos dos que são significados como meninas. Esse processo de diferenciação naturaliza também hierarquizações.

Segundo Azul:

[...] Então, era o único amiguinho hétero que eu tinha, né, na época, e depois os... os outros meninos não queriam é... como tinha que jogar bola na escola, aí eu era o último a ser escolhido, porque ninguém me queria no time. (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

Vermelho também afirma que "[...] Mas ao mesmo tempo eu jogava futebol, já joguei handebol, já joguei vôlei [...] enfim, fiz várias coisas que... ditas femininas ou ditas masculinas". (NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA).

O sujeito Azul exemplifica bem essa divisão entre as práticas escolares, principalmente em se tratando de esportes, como no caso do futebol, atribuído predominantemente como masculino. O sujeito vermelho já descreve a ambiguidade de seu comportamento praticando jogos de preferência masculina ou feminina, desafiando a divisão rígida do binarismo. Bento (2011, p. 553) argumenta que:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo e o gênero e só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas.

Além da hierarquização entre os gêneros binários, há outra ainda mais acentuada entre aqueles que constroem sua identidade de gênero em consonância às expectativas para o seu genital de nascimento e aqueles que atravessam, que constroem sua identidade em discordância com as expectativas sociais para os que nasceram com aquele determinado genital.

Assim, as hierarquizações promovidas entre os “normais” e os “anormais” – seres excrementícios – autorizam também práticas de violência. Afinal, conforme Butler (1999), os excrementos – seres abjetos – podem legitimamente ser alvo de toda a hostilidade e violência. Por serem a escória, o não humano, o nojo pode ser atuado. Laranja relata uma situação vivenciada na relação com a professora de sociologia (Lilás)¹⁶ que denota o lugar de abjeção ocupado, na escola, por ela e outros que rompiam com a heteronormatividade. Segundo ela:

[...] porque tinha sete meninos que era da sala à frente, que se diziam neonazistas, e eles fizeram inclusive um ato na porta da minha escola... da minha sala, que um deles colocaram um echarpe, que eu andava de echarpe também na escola...[...] Colocou um echarpe, e passou batom e os outros começaram a bater nele. Na, na frente da minha sala e eu entendi que, se eu fizesse isso novamente, eu iria apanhar, né... É o ditado: para um bom entendedor, pinga é letra. Aí quando eu procurei o diretor pra falar que tava me sentindo ameaçada, ele nem ligou né. Falou que isso era besteira, que era modinha dos meninos por causa de Bolsonaro, como se isso não pudesse virar uma coisa séria e eu apanhar. Aí a professora de sociologia na aula da semana, fez foi citar esses meninos como se tivesse apoiando, por eles saberem de política sabe, coisa super estranha que eu

¹⁶ Aos professores de sociologia que participaram da pesquisa, foram atribuídos os pseudônimos Lilás e Verde, a fim de mascarar sua identificação, face às exigências do Conselho de Ética em Pesquisas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

entendi como se ela tivesse me dando um recado que tava do lado deles. (LARANJA-NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA)

Os jovens se referem a percepção de um esforço da equipe educativa para que se enquadrassem no padrão heteronormativo binário, utilizando-se de várias estratégias na promoção dessas tentativas de enquadramento. Essas tentativas e estratégias são percebidas como invasivas e violentas. Vermelho relata suas vivências com o gestor de sua escola, as quais lhes traziam desconforto e favoreciam que os colegas fizessem chacota de sua condição homossexual. Como afirma:

[...] Desde o começo eu tentei me adaptar, mas era uma coisa que eu não conseguia fazer. Me adaptar na escola. [...] Então foi uma fase difícil. Quem mais se intrometia era o diretor. Ele várias, várias e várias vezes me chamou pra conversar com ele na sala dele. Não foi pouco. Foi muitas vezes! Ele sentava e perguntava se era isso mesmo que eu queria... só que eu não sabia o que eu queria. Eu sabia que eu gostava de menino! [...] eu estava em sala de aula, no recreio ele me chamava. Então pra eles era como se eu tivesse feito alguma coisa. Tipo assim: 'você tá indo de novo na diretoria, porque você deve ter feito alguma coisa de novo'. Então aquilo pros meus colegas era mal visto. (VERMELHO- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Na intenção de disciplinar expressões de gênero dissidentes a escola invade o espaço emocional dos alunos LGBTQI+, trazendo consequências gravíssimas, como relata Vermelho:

[...] E aí é... a gente foi, fez duas manifestações, na... fora da escola assim, e... e a direção resolveu chamar a minha mãe na escola.[...] E nisso minha mãe sabia que eu era gay, não sabia que eu era afeminada, que eu passava batom, enfim... E aí foi horrível, meu pai não sabia, meu pai era super machista, e aí eu cheguei em casa, minha mãe chorando, minha mãe tinha ido na escola e nesse dia eu pensei em suicídio, assim, foi no dia tipo, que eu quase me matei... E aí a direção passou por cima de todo esse processo meu, porque a direção tinha falado que inicialmente ia me dar algum tempo pra mim falar com minha mãe, porque eu falei pra ela que não sabia, tal... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Sabemos que a escola além de difundir conhecimento por meio do currículo escolar, que privilegia a produção de saberes e que atua na área pedagógica e social, também constrói diferenças e distinções sociais que interferem na produção do desempenho escolar, e isso ficou bem evidente nas narrativas dos jovens participantes desta pesquisa. Há também o currículo oculto, que se configura em um conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não constam da “parte explícita do currículo, mas que são implicitamente ‘ensinados’ através das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola” e que “contribui para as aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2002, P. 33).

Situações vividas, pautadas nas regras binárias, colocam em risco a integridade física e emocional dos alunos que destoam da uniformidade heterossexista, favorecendo injúrias e marginalizações, em uma visão educacional em que a sexualidade é naturalizada. Ainda que a escola se intitule como espaço democrático, institucionalmente seu cotidiano se mostra disciplinar, normatizador e enfática na demarcação das diferenças, desqualificando outras maneiras de expressar a sexualidade. Ela reproduz padrões de masculinidade ou feminilidade que devem ser seguidos como “normais”, ou seja, definem-se como ser o homem ou a mulher. Ainda reitera um ideal de existência e descarta o estranho, produzindo e veiculando significações que remetem à valorização heterossexual (SANTOS, 2013, P. 7).

Ações de reiteração da norma se tornam constantes por parte da equipe educativa, para que a regra binária vigente na escola se perpetue. Conforme narra Vermelho:

[...] Já chamou minha mãe. Sobre esse assunto. A minha mãe... ela... e... eu não tinha falado nada pra minha mãe ainda, então ela não sabia... hã... e foi aí que ela começou a descobrir... então... a escola me fez muita coisa... muita, viu... porque eu queria falar pra minha mãe, mas não fui eu que falei



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

pra minha mãe, foi o diretor, o nojento que se intrometia na minha vida... ele também foi um carrasco, o diretor pra mim foi um carrasco. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

O silenciamento e a legitimação institucional da violência contra as pessoas LGBTQI+, também comparece no relato de Laranja. Após vivenciar situações de violência de colegas contra ela, afirma que o diretor manteve também uma ação discriminatória que colaborou para a manutenção da violência vivida no cotidiano da escola.

Segundo ela:

[...] E ele [o diretor] foi no dia seguinte já chamou minha mãe... passou por cima de mim esse tempo todo e... sem preparo nenhum assim, só chamou a minha mãe, não chamou a mãe dos meninos que... que fizeram a performance [...] Tipo, não chamaram as pessoas que estavam me violentando, me ameaçando dentro da escola [...]e até hoje, sabe, os pais dos meninos não sabem. A gente abriu um boletim de ocorrência contra eles, e eles não sabem [...] porque a escola não avisou. A escola não falou que tipo, eles estavam ameaçando uma LGBT dentro da escola que eles estavam, enfim... desenhando a bandeira da suástica na lousa [...]foi horrível assim, esse período. Eu tinha medo de ser eu mesma. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Também Azul, ao ingressar na Escola Arco Íris, sofreu violência na relação com o professor de sociologia. Segundo ele, o professor afirmou que ele deveria estar em outro lugar. Assim relata:

[...] aí eu terminei o Fundamental, não tinha condições de estudar em escola particular e eu fui fazer o Ensino Médio na Escola Arco Íris e eu nunca tinha tido aula de sociologia... e no Ensino Médio, assim... nessa aula mesmo, que era novidade, eu achava que ia ser legal né... poder discutir. Mas que nada... foi o golpe... assim... que ou eu tinha cabeça na época, ou eu não tinha, porque na aula inicial na hora que fez a roda pra todos se apresentarem o professor Verde, quando chegou a minha vez de eu me apresentar, ele virou pra mim, eu já tinha cabelão na época, eu tava de maquiagem, tudo...[...] E ele virou pra mim na frente de todo mundo e perguntou se eu não estava no lugar errado. [...] Que o meu perfil era mais, é... Curso técnico de estética, corte e costura, moda... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Desta forma, percebe-se que a vivência de violências nas escolas contribui para que alunos LGBTQI+ internalizem a transfobia, a homofobia e a lesbofobia e, em consequência, podem enfrentar intensa angústia, depressão, autoestima baixa, isolamento, insegurança e/ou posturas agressivas. A vivência de violências também é uma das grandes responsáveis pelos problemas de aprendizagem ou evasão/expulsão da escola.

Laranja compreende que carregou para sua vida pessoal e social, por ter passado por vários infortúnios no ambiente escolar, traumas vivenciados nessa ocasião. Segundo ela, essas dificuldades se manifestam especialmente quando a situação coloca em questão a necessidade de se expor. Afirma:

[...] Aí você procura no livro de filosofia, sociologia, algum assunto sobre as pessoas LGBT e percebe que essa é uma luta que é tipo... só nossa, sabe... as pessoas não enxergam a gente dentro de nada... eu mesmo não vejo textos com esse tema em matéria nenhuma. Eu até tentei chamar o professor Verde pro diálogo, mas ele sempre pede pra deixar pra outro dia, que tá com pressa, que tá atrasado, que planejou outra coisa. Sinto que eu não tenho voz nenhuma. O professor Verde mesmo não sabe se me chama como homem, como mulher... e eu não entendo sabe.. não entendo essa necessidade de determinar isso pra você... de enquadrar você assim, ou assado... Ele me violenta todos os dias sem perceber... Ele finge que eu não tô na sala, ele só fala em homem ou mulher, trans pra ele não existe. Sempre que ele tá falando desse assunto que eu puxo papo e falo que também existe o trans, ele fala que é melhor não tocar nesse assunto, que ele aprendeu diferente. Que pra ele ou nasce homem, ou nasce mulher, sabe... aí eu penso que sou transparente. Assim... sou invisível, ninguém tá me vendo, ninguém quer me ajudar, ninguém quer falar sobre mim.. Namorar então, na frente deles, jamais. Acho que chamava até a polícia pra me prender... na escola eu tenho medo, sabe professora. Tenho medo de ser eu. E apanhar e ser humilhada e sofrer na frente dos outros. Mas eu finjo que não ligo, me finjo que sou forte, que não tô nem aí, me maqueio, me arrumo bem bonita, porque ainda quero ter dignidade, porque eu sou uma pessoa que nem eles lá. Mesmo que eles achem que não tenho valor, né... (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Vermelho faz referências em sua fala à repulsa, ao nojo, ao ódio por um corpo não inteligível:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

[...] aí eu comecei a perceber quanto aquele simples ato de passar batom, que pra mim estava fazendo muito bem, pra outras pessoas estava causando um outro sentido assim, que era um sentido de repúdio, de ódio, de... [...] Repulsa contra esse corpo né, corpo que ninguém tá conseguindo enquadrar o que que é, porque como eu apresentava muita... muitas, muitas, é... símbolos né, tipo as pessoas não enquadravam mais enquanto mais gay né, as pessoas falavam assim: 'ah, que que você é?' (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Entre os constrangimentos vivenciados no cotidiano da escola pelos alunxs LGBTQI+, o uso do banheiro comparece como um dos pontos críticos, na medida em que explicita da forma mais intensa o binarismo de gênero que opera, classifica e patologiza pessoas. Corpos invisíveis não têm como se apropriar de espaços que não o reconhecem. Ao negarem acesso aos banheiros do gênero com o qual esses alunos se identificam, negam-se suas existências enquanto sujeitos. Desta forma, ao se coibir o uso do banheiro e vestiários de forma confortável para esses alunos, reitera-se uma forma de controle da sexualidade e do gênero bipolarizado. César (2009) afirma que:

Alunas/os e professoras/es gays, lésbicas, bissexuais e transexuais [e travestis] compõem a diversidade contemporânea da instituição escolar; entretanto, para esta instituição que nasceu disciplinar e normatizadora, a diferença, ou tudo aquilo que está fora da norma, em especial, a norma sexual, mostra ser insuportável por transbordar os limites do conhecido. (p. 48)

Assim, determina-se um não espaço para esses alunos, que não têm lugar para suas necessidades fisiológicas, reafirmando-se, assim, a negação da diversidade de gênero na escola. Constatamos, então, que os banheiros e vestiários da escola mantêm-se, por serem locais interditados para alunos LGBTQI+, centrados na perspectiva do sexo anatômico.

Alves e Moreira (2015) dizem que o espaço arquitetônico do banheiro escolar possui em suas instalações representações e regras de uso que não permitem a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

abertura para uma alteridade, mas sim, um fechamento hermético, sendo refratário às desestabilizações.

Ainda sobre o uso dos banheiros, Laranja relata sobre sua dificuldade em adentrar o banheiro feminino, mesmo estudando em uma escola pública que julgou que tivesse uma abertura maior para o respeito à diversidade:

[...] Igual quando eu entro no banheiro feminino, as meninas me olham torto, assim muitas meninas, e a gente percebe isso assim sabe, de tipo... as pessoas estão desconfortáveis com o seu corpo naquele espaço. Porque aquele espaço não foi pensado pro seu corpo, né. Ele foi pensado pra um único corpo possível, pra esse corpo da tradição, que a... enfim, que é a questão do hetero, né. (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Pessoas LGBTQI+ geralmente evitam a utilização do banheiro escolar por questões diversas, como medo de serem agredidas e pelo constrangimento na exposição do corpo. Segundo Laranja:

[...] Eu entrava no banheiro e começavam a falar: 'ah... o viado chegou, chegou a bichona, aí cuidado gente que vai te agarrar'... então aquilo foi, teve vez de eu ir embora que eu estava passando mal porque eu não queria entrar no banheiro. Preferia ir embora, perder a aula do que entrar no bendito do banheiro. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Cruz (2011) pondera em relação à manutenção da generificação dos banheiros na escola indicando o modo binário de funcionamento do cotidiano escolar e das sociedades: meninos-pênis de um lado; meninas-vagina de outro. Os que fogem desta classificação é o não familiar. O estranho.

Laranja relata um posicionamento da equipe educativa frente a uma situação enfrentada na escola:

[...] Então... no banheiro dos homens, que só tinha esse escreveram meu nome, meu número de celular falando que eu fazia programa, falando que eu era viado, que odiava os viados, que era puta e várias coisas [...] Aí eu levei o caso pra direção... pra coordenação... mostrei pra coordenadora. Ela falou que isso era devido eu ser uma... uma LGBT afeminada que eu estava numa escola que era uma escola grande, tinha mil e seiscentos alunos, que eu deveria me portar na escola porque eu vou fazer faculdade, e na



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

faculdade [...] eu não ia ser respeitada e não ia ser respeitada no trabalho, nenhum espaço que eu estivesse, se eu estivesse com maquilagem. (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Nessa situação em específico, observamos o silenciamento que acaba por trazer ônus e culpabilizar a própria vítima da discriminação. Muitas vezes a própria escola ensina, aos que são apontados como “estranhos”, a ocultação da sua identidade, acarretando efeitos como a abjeção e a invisibilidade. Outra questão que se impõe aos alunos LGBTQI+ e que permeia a permanência escolar é o uniforme. O trajar-se a partir das normas estabelecidas, de acordo com o genital de nascimento, resulta em vivências bastante dolorosas para as pessoas LGBTQI+. Há bem pouco tempo havia a distinção entre uniformes masculinos e femininos na maioria das escolas, o que hoje se mantém em algumas.

Essa questão se tornou menos impactante, pois a maioria das escolas tem adotado o uniforme unissex, porém o uso de acessórios ditos masculinos/femininos por pessoas LGBTQI+ ainda é recriminado. Na escola Arco Íris há regras específicas a saber: não é permitido ao estudante entrar na escola usando boné, calças com rasgos ou acessórios de cabeça como bandanas ou turbantes; não é permitido customizar a camisa da farda (retirar a gola e punhos).

Azul relata seu desconforto perante o uso do uniforme, já que na escola onde estudou o ensino fundamental era generificado:

[...] Bom, aí começou roupa, farda, roupa, que roupa vestir. A roupa que minha mãe colocava na cama eu vestia. Calça larga. Ficava em depressão, ficava debaixo de uma árvore e não saía de lá, não brincava, não fazia nada. Short de elanca, coladinho. Era o dia mais feliz da minha vida. Corria, brincava, nossa, aquilo lá era tudo de bom. (AZUL- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA.)

[...] A minha mãe, ela pegava... do jeito que ela queria que eu fosse. [...] E aquele jeito que ela queria que eu fosse não era o jeito que eu queria ir [...] ela queria que eu fosse com aquelas calças folgadas de bolso, que eu odeio



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

isso até hoje, cabelinho cortado curto, aquela coisinha bem hominho, sabe e aquilo pra mim não era legal, então eu ia, ela me fazia tudo o que ela queria e eu chegava lá na escola e eu desarrumava tudo. (VERMELHO-NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

A Resolução nº. 12 de 2015 em seu Art.7º determina que, caso haja distinção de uniforme e demais elementos de indumentária, o uso de vestimentas deve ser facultado de acordo com a identidade de gênero do sujeito em questão. Porém esta Resolução ainda é recente e ainda não é realidade em muitas escolas dos municípios brasileiros.

Apesar de haver tal aparato legal que garanta a proteção das pessoas LGBTQI+ em relação ao vestuário escolar, pais, equipe educativa e colegas muitas vezes desconhecem ou negam a informação.

Destaco aqui o princípio da dignidade humana e o direito de não ser discriminado em razão da identidade de gênero ou orientação sexual são garantidos pela Constituição Federal do Brasil de 1988, Carta Magna que também fundamenta o aparato legal que garante o direito ao uso do nome social. O Decreto Federal 8.727/16, que dispõe sobre o uso do nome social, constitui-se em uma medida paliativa que tem por intuito garantir o direito das pessoas trans a serem chamadas da forma como se identificam, ainda que não tenham alterado seu nome de registro civil. Trata-se de uma medida paliativa dado em que em seus documentos permanece o nome do gênero distinto ao qual se identifica.

No caso de Laranja observou-se uma desilusão por parte da estudante ao adentrar no ensino médio, o qual ela julgava ter um respeito mais extenso no que se refere à diversidade sexual. O seu relato demonstra essa indignação:

[...] Eu mesma fiquei foi passada, que na escola o diretor, coordenadora e até os professores são assim, atrasados. Não sabem nem lidar com uma trans. Quando não pisam em ovos, me ignoram... Eu não me senti acolhida não, não vou mentir! Achei uó o professor verde não querer falar de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

casamento entre duas pessoas do mesmo sexo né... Se ele é do tempo antigo, tinha que ter ficado no passado... Agora se quer continuar a ser professor, tem que ser reciclar, inovar... Olha professora, em acolhimento, a nota dessa escola é zero... (LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Importante notar também a questão do prejuízo ao aprendizado escolar gerado pelo cotidiano de violências em que estão inseridos os jovens. Segundo Laranja:

[...] Então não consegui aprender muita coisa. Sociologia e filosofia eu também [...] aprendi muito pouco na escola Arco Íris. [...] porque ou eu estava saturada na sala de aula por conta do preconceito que eu sofria, estava psicologicamente desestabilizada, não conseguindo prestar atenção no professor, porque a escola também não tem um auxílio psicológico pra lidar com LGBT, com estas questões e [...] a gente vê que a gente tem um ensino defasado, sabe... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Como é destacado pela literatura já mencionada ao longo do texto, a escola é um dos maiores depositários da heteronormatividade e esses estudantes, por não suportarem tanta hostilidade, acabam deixando os estudos sob o discurso de que há a “evasão”. Também é relatado por um dos jovens que, às vezes, o nível de sofrimento diante da violência se torna insuportável, configurando-se situações que podem ser entendidas como “expulsão escolar”. Esse é o caso de Vermelho. Segundo ele:

[...] o que mudou na minha vida depois do ingresso escolar? [...] É... até hoje, né? Tudo! Tudo que eu falei antes, eu passo hoje. [...] chegou um ponto que eu não queria mais. Chegou num ponto que aquilo estava me fazendo mal e eu decidi acabar. E aí parei de estudar... Aí voltei depois, a pulso, porque minha mãe me obrigou... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Os relatos dos jovens vão ao encontro das considerações de Bento (2011), quando discute homofobia e transfobia na escola:

No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala de escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que ‘contaminam’ o espaço escolar. Há um processo de expulsão,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

e não de evasão. É importante diferenciar 'evasão' de 'expulsão', pois, ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia. (p. 555).

Percebi que as negações, privações e violência vivenciadas por essas pessoas, tendo início nas famílias, são depois perpetuadas na escola, resultando em processos de internalização da transfobia, homofobia e lesbofobia que causam prejuízos na escolarização e até o abandono escolar (expulsão), reverberando em suas trajetórias de vida. Esses corpos não são aceitos nas relações cotidianas da escola e por não serem aceitos, não são acolhidos.

4.2.5 Estratégias de enfrentamento e busca de reconhecimento

Nas narrativas dos jovens é comum a utilização de estratégias para o enfrentamento das violências e discriminações que vivenciam no ambiente escolar. Também procuram encontrar meios na busca por reconhecimento da equipe educativa e de colegas.

Uma das estratégias utilizadas para a sobrevivência na situação de desigualdade e violência é a aproximação a outras pessoas que também eram discriminadas, mas não necessariamente pela orientação sexual ou identidade de gênero. Como afirma Vermelho:

[...] a V. L., ela é uma senhora assim negra, gorda... É engraçado né, porque são os grupos que se apoiam... Ela me acolheu [...] Então eu consegui isso. Esse abraço dessa servente, Dona S. [...] tinha um cara como fala... inspetor de aluno. Ele é homossexual, então a gente teve uma aproximação também. Porque que eu te falo: eu nem sabia que ele era, entendeu, mas pelo jeito dele ser hostilizado também. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Nesse mesmo sentido, Azul relata sobre sua articulação a outras pessoas que também sofriam discriminação. Assim, formam um grupo que foi chamado “os desprezados”. É sabido que o que faz um grupo ser grupo são as relações que nele se estabelecem. No grupo em questão, a relação foi constituída pelo reconhecimento da discriminação comumente vivenciada. Como afirma Azul:

[...] Bom, agora no primeiro ano, como a filha da faxineira estava na mesma sala [...] E ela, eu sentia que [...] as pessoas desprezavam ela por ser a filha da faxineira [...] e tinha um menino chamado... L. C., era gordinho né e tal, então também ficava: a filha da faxineira, ele e eu. [...] Então a gente se juntou... [...] Fez um grupinho e ficou nós três, os desprezados.
(NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Entre as estratégias utilizadas, tem-se, conforme relatou Azul, a busca por destaque nos estudos visando o reconhecimento por parte do professor. Vermelho, como já foi dito, lançava mão de conhecimentos prévios, aprendidos na relação com sua mãe, para se destacar perante os outros alunos. Assim, foi colocado como uma espécie de monitor para os colegas que tinham dificuldades nas matérias escolares. Também se esforçou para ser um “talento no vôlei”, esporte no qual impressionava as meninas, utilizando esses atributos como uma “armadura/ proteção” contra as agressões que pudessem ser a ele dirigidas.

[...] sabe, tive situações com professoras que me excluíam né, quando eu era criança [...] ela... não tinha aquele tratamento como tinha com os outros. [...] Então, né eu comecei a me destacar das outras crianças só porque eu já sabia ler, eu já sabia escrever, então mesmo eu chorando, eu ficando no canto quando ela perguntava alguma coisa eu respondia, com vergonha, mas eu queria que ela me visse ali. Então ela via que tinha essa diferença, né... então ela começou a me tratar melhor. [...] aí a professora me colocava pra ensinar. (SUJEITO VERMELHO- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Azul narra uma situação de estranhamento e decepção com o professor de sociologia por esperar deste uma relação diferente com seus alunos e com a disciplina ministrada:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Aí quando vim pro ensino médio e dei de cara com o professor Verde, tentei mesmo, sabe... tentei participar, tentei ser visto né... Mas não adiantava, ele não dava espaço... Não consegui ser visto, eram menas aulas, né... e eu achava que sociologia é pra isso, pra discutir as coisas da sociedade, né. Eu via assim, que isso é muito importante né... porque na escola mesmo tinha muitos como eu, né... então na minha cabeça, a escola tinha que falar disso... mostrar a verdade pros alunos... informar as coisas para as pessoas deixarem de achar que a gente é doente né... ver a gente como gente normal. Mas o próprio professor Verde calava a gente, ele mesmo olha e acha que a gente é aberração! Assim, ele não disse desse jeito, né... Mas ele fala direto na Bíblia, que isso é certo ou errado e na mente dele os LGBT não entra sabe... a gente tá entalado na garganta dele, sabe... Professora, um dia ele perguntou porque é que eu sou assim, porque eu não me conserto... aí ele disse que um rapaz tão bonito, devia se ajustar... aff!!! Aquilo me matou por dentro, que eu entendi que ele me vê tipo como uma coisa sabe, como se eu fosse errado em ser assim, como se fosse coisa que a pessoa escolhesse né... nossa, eu fiquei arrasado... (AZUL-NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Outro relato semelhante é feito por Amarelo:

[...] Como eu comecei a sobreviver na escola: já que no primeiro ano por eu saber alguma coisa, a professora me incluiu, então eu comecei a fazer coisas pra me chamar atenção, pra desviar aquilo que eu era, que eu nem sabia o que era né, mas... [...] era desprezada por isso, aí eu comecei a estudar, bom, vou fazer alguma coisa daí eu entrei na banda da escola, né. Aí já estava um pouco mais enturmada, tal e... nessa escola eu vi, puxa, que as pessoas me admiravam porque eu tocava mais, então eu sempre tive que fazer o 'a mais'. Pra poder ser aceita naquele ambiente. Aí tipo, a professora Lilás de sociologia né, eu percebi que ela vê a gente como anormal né, não sei se é porque ela é do tempo antigo né... Mas eu acho que o professor deve se atualizar, e ela não entende eu ser bissexual. Ela chegou um dia pra mim e veio perguntar se era verdade, que alguém falou para a coordenadora e a coordenadora falou para ela e aí né, ela veio falar comigo assim, né... Que tava bege, que tinha ouvido falar e não acreditou. Ela até me invadiu sabe, ficou com pergunta que eu achei horrível... Qual era a graça de botar as aranhas para brigar... Que eu acho que esse tipo de palavra é coisa de gente preconceituosa e sem informação, aí né... Eu acho que ela como professora devia não ser assim, de violentar os outros, né... Fiquei triste e com mais medo ainda, né... porque para mim ficou claro que ela faz parte dos que acham que a gente escolhe ser LGBT, que é opção, ela não sabe o que é a diferença de opção e orientação. Então eu fiquei abismada que dentro da escola é assim né, aí você imagina o que os outros pensam da gente... a gente se sente só... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Em especial, os alunos citaram o professor Verde e a professora Lilás de sociologia por contribuírem com hábitos da heteronormatividade e não estimularem as discussões concernentes à sexualidade de gênero em uma aula que deveria ser pautada pelo estudo e discussões referentes à organização e funcionamento da sociedade humana e à análise da sistemática que rege determinados comportamentos sociais

O isolamento e a busca pela “invisibilidade” também são uma estratégia na luta contra a discriminação. Junqueira (2009) nos diz sobre dificuldades para viver as homossexualidades e, também, as transexualidades no período da adolescência. Como pondera, trata-se de um período de muitas dúvidas em que, frequentemente, os jovens se sentem pouco à vontade para se expor. Assim, muitas vezes se esconde a orientação sexual, reforçando-se a invisibilidade e crenças de uma suposta heterossexualidade natural.

Vermelho reforça a busca por uma posição de “neutralidade”, o que implica em não se envolver nas situações polêmicas entre os alunos, colaborando para que se mantenha isolado em seu “canto”. Essa maneira de se posicionar, segundo o jovem, tem reverberações até hoje. Segundo ele:

[...] eu falo assim que era automático, o que acontece, eu não me identificar com os meninos... entendeu... eu não conseguia ter amizade com os meninos. Eu era um menino com um jeito delicado, muito discreto [...] Eu já era mais contido, mas chamava bem menos atenção, que era uma pessoa que realmente procurava sempre ficar neutro, ficar por fora nas situações. (VERMELHO- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA).

Evitar lugares e situações também compunha o rol de estratégias que os jovens construíram ao longo de suas trajetórias. Muitos desses alunos, por exemplo, encontravam meios alternativos para não adentrar no banheiro escolar frente ao medo de agressões, hostilidades e/ou constrangimentos. É inegável que o banheiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

se constitui em um espaço simbólico na construção das diferenças de sexo e gênero. O binarismo do banheiro atualiza e reforça a heteronormatividade.

Como afirma Laranja:

[...] É... 'eu não consigo entrar no banheiro masculino e eu não quero causar constrangimento pras demais alunas da escola'. Porque infelizmente, essa história do banheiro ainda é um tabu muito grande. [...] Eu não vou na escola no banheiro. Fico segurando. Quando eu estudava fora né, é... eu comprava um chiclete no bar depois que terminava a aula e pedia pra usar o banheiro do bar. E se eu não conseguir ir no banheiro das mulheres, mesma coisa no banheiro dos homens. Se eu conseguir entrar! Também não é pra ir lá ver o genital do povo. Porque quando você tem uma necessidade, você quer aliviar aquela necessidade, né... Aí você não tá preocupada. E tem pessoas doentes, sabe... que não tem necessidade nenhuma e que fazem uso dos banheiros só pra se aproveitar da situação, né... Mas no nosso caso não, sabe... Eu queria fazer uma necessidade que eu estava sentindo no momento. (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Além do medo da humilhação presente e real no imaginário desses estudantes, há também a vergonha em expor o gênero que não se coaduna com sua performatização. Ainda no que se refere aos caminhos encontrados para evitar o uso do banheiro, Vermelho diz:

[...] Eu não gosto de ir no banheiro masculino, né... Eu seguro o intervalo, seguro o xixi, tudo mais, pra não ir no banheiro, porque é muito menino, é muita zoeira e tudo mais, eu não me sinto bem com isso, eu tenho, eu sinto envergonhado de interagir com eles assim, então eu não vou no banheiro. Quando dá pra segurar né... que as vezes não dá mesmo (risos) Aí espero dá o sinal que daí com todo mundo já entrando já na sala, aí eu vou no banheiro... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Estratégias semelhantes de esquiva também eram utilizadas nas aulas de Educação Física. Segundo Laranja:

[...] Na época eu não estava com esta aparência porque eu comecei a transição agora, né. Na época mesmo o uniforme junto com os meninos, tudo, tal, eu não trocava na frente deles. Na hora que eu chegava eles viravam. E vendo este constrangimento pra eles e pior pra mim, eu evitei entrar. Aí então eu ia praticamente só com a roupa por baixo e só trocava a camisa dentro do banheiro. Aí então eu fingia que ia lá pra fazer xixi e pegava e trocava... (NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Em relação às situações injuriosas, localizam-se posicionamentos de não responder à ofensa, colocando-se perante outros como se tomasse a agressão como uma brincadeira, de modo a não se mostrar fraco frente aos demais. Junqueira (2013, p. 486) afirma que “Tais ‘brincadeiras’ ora camuflam ora explicitam injúrias e insultos, jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo”. A fala de Azul nos exemplifica essa forma de lidar:

[...] Porque quando as pessoas me maltratavam me xingando, me chamando ‘ah, bichona, gayzão’, ou...ou...ou, baitola, seja lá o que for, vinha aqui o choro (*gesto indicando a garganta*), aquilo eu engolia e fingia, né, como se nada tivesse acontecido. Eu estava estudando tal, o sujeito saía o segundo andar. [...] ele olhava pra mim, ‘você é bicha, né?’. Aí eu fingia que não era comigo, disfarçava [...] eu tentava colocar pras pessoas que aquilo era uma brincadeira, não que era uma ofensa. [...] num sei se me mostrando fraco daria o direito pras pessoas pisarem também junto com ele, então assim eu tive muita fama de cara de bravo. [...] A forma que eu era tratado na escola, a agressão, tudo é, eu não me escondi. Aí não é que não me escondi, eu fiquei no meu canto, só que eu enfrentei, entendeu, só que colocando uma armadura. Sendo o aluno que tirava dez, sendo o enfrentante... É, aí então eu trouxe isso como uma defesa, uma máscara que eu colocava na cara... (AZUL- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

Como uma forma de proteção à hostilização, esconder a condição de LGBTQI+ também aparece, como na fala de Laranja. Louro (2001) complementa afirmando que a escola é um dos lugares mais difíceis para que jovens de gênero dissonantes assumam sua condição, pois a mesma supõe que só pode haver um tipo de desejo inato, o do sexo oposto. Segundo o relato da jovem:

[...] no início eu tentei sempre camuflar [...] não expor a minha transexualidade [...] preconceito a gente sempre sente, sempre existe isso, né, que as pessoas elas gostam né, de... de fazer piadinha, ou você passa, faz aquela risadinha [...] Porque eu tinha medo das reações das pessoas né, as pessoas não me aceitarem, vou de me hostilizar, essas coisas todas e então eu procurava sempre tomar cuidado.(LARANJA- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Vermelho encontrou como estratégia de enfrentamento performances de repúdio à regulação heterossexista que vivenciava na escola. Iniciou sua inserção nos estudos LGBTQI+ em busca do reconhecimento de sua identidade:

[...] e aí a gente organizou um batonzaço, né, na escola que era um ato que tipo todo mundo que se importava com a causa assim, hétero, homo, usava o batom, só usava o batom e nesse dia só eu não usei o batom. Fiquei com uma faixa andando pelo intervalo e aí foi um ato performance o batonzaço, como tipo... por que todo mundo tá usando batom e só uma pessoa não pode? [...] e aí a gente fez um... dois atos na escola, pediu uma palestra sobre as pessoas LGBT. (VERMELHO- NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA)

O que fica evidente nas relações de sobrevivência, existência e enfrentamento dos interlocutores no cotidiano escolar, é que seus corpos violentados, além de invisibilizados, estrategicamente, em muitas situações, se invisibilizam para se esquivar dos outros reconhecidos como “normais”. É perceptível a inexistência de políticas de acolhimento em todos os aspectos curriculares na Escola Arco-íris o que leva os estudantes, na sua diversidade sexual, na sua identidade de gênero, a entenderem que o espaço que deveria ser de proteção e cuidado, cognitivo e social, torna-se ambiente de marcas violentas.

5. A ESCOLA E A SOCIOLOGIA: TESSITURAS DAS POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO

Por meio das minhas observações participantes e contato direto com jovens, percebi que a escola não tem sido compreensiva ou até mesmo receptiva às questões de sexo e gênero que os jovens trazem.

O estado não chega junto. O governo não oferece nenhum suporte em relação à programas... é... políticas, como você mesmo falou aí, não tem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

não viu? Acho que o próprio governo tem é medo de falar dessas coisas. A diversidade sexual existe, a gente sabe, eles sabem. Mas não querem trabalhar isso nas escolas né... Melhor deixar assim, porque a escola nem tem condições de responder um processo de um menino desses. É... tô dizendo isso porque hoje em dia tudo é processo, e essas pessoas LGBT né... são cheias de direito... tudo pra eles é bullying, é errado... uma chatice... Mas se for pensar no que você diz, seria bom ter um projeto né... um programa de acolhimento... Sei lá...Eu tenho lá minhas dúvidas se isso funcionaria... (GESTOR DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

O contexto das aulas de sociologia apresentou-se como também lócus da minha pesquisa, visto que essas aulas se constituíram o espaço onde as relações de gênero foram analisadas para compreender em que medida o gênero está operando a partir dos conteúdos ministrados na aula de sociologia, não nos desviando do que afirma Scott: “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.”(1995, p. 86)

A sociologia em específico, enquanto componente essencial do currículo escolar, incide diretamente nas reflexões acerca das representações sociais dos estudantes do ensino médio que estão relacionadas às percepções de mundo e de sociedade, sendo elas internalizadas de acordo com as experiências vivenciadas e os universos simbólicos compartilhados em seus contextos sociais. Dessa maneira, analisar as aulas de sociologia a partir da categoria gênero, subteme-se assumir uma perspectiva transversal em que outras categorias sociológicas como: classe, raça, gênero, religião e geração devem ser consideradas relevantes para se analisar as desigualdades.

Uma questão que Louro (1997) enfatiza na argumentação de Scott (1995) é a oposição binária rígida entre masculino e feminino retratada na sociedade. O caráter dicotômico insere o gênero em um sistema de dominação e submissão que precisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ser desconstruído. Romper com a lógica polarizante conduz atenção para as diversas pluralidades de gênero, e não somente as singularidades existentes entre feminilidades e masculinidades. Portanto, no espaço da escola, pode-se (e deve-se, claro) dar visibilidade a outras identidades de gênero. A coordenadora da escola Arco-Íris afirma:

Mulher... assim... Eu queria muito apoio da secretaria de educação sabe... porque não tem nenhum. Não vou botar panos quentes e nem dourar a pílula.(risos) Eu sempre quis uma semana de acolhimento com palestras, oficinas, ações, sabe... lutei tanto que até desisti, viu... Os alunos LGBT não tem nada específico pra eles... ficam aí sendo recebidos do jeito que a gente pode... Sabe, esse projeto Cultura de Paz, ele existe já tem uns cinco anos... Mas é trabalhado superficialmente, porque trata de paz em geral. Não fala especificamente de orientação sexual. Os professores não querem falar disso, dizem que não tem preparo... aí a cultura de paz que a gente faz é mais voltada pros valores, né... É aquela coisa, a gente não tem suporte, é muito difícil quando o estado não abraça a causa. Nem aqui na escola e nenhuma das escolas do estado que eu conheço tem uma política específica de acolhimento para receber esses jovens LGBT e nem pra trabalhar as questões de diversidade sexual. É triste, mas não vou mentir pra você, né... (COORDENADORA DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

A autora Judith Butler (2003), a partir de uma abordagem pós-estruturalista, contribui para pensarmos gênero no sentido performativo para além de identidades fixas ou categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade que perpassam a estrutura binária, mas enquanto expressividades e significados. Conforme Bittencourt (2013), Butler questiona essa estrutura que oferece uma legitimidade para o sujeito existir, enquadrando-o em uma categoria que reforça a ideia de masculino/feminino de matriz heterossexual (2013, p. 183).

Depreendemos que a instituição escolar sofre com binarismo da heteronormatividade que incide diretamente no acolhimento e movimentações educativas. Sobre isso o gestor relata:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Nós procuramos envolver toda a comunidade escolar no acolhimento dos estudantes, sem diferenciar pobres, ricos, grandes, pequenos, pretos e brancos... Essa questão de sexualidade também, né... Veja, a escola tem regras e aqui, se a gente for privilegiar João e Maria não, começam os embates... Por isso que eu acho que não deve ter diferenciação não. Os gays e sapatões aqui são tratados como os outros. Não somos preconceituosos, nós tratamos todos bem. Mas veja, aqui ninguém é especial ou mais importante. A gente tenta acolher os problemas, mas tem coisa que não é da nossa conta. Essa questão de gênero mesmo eu não me envolvo é delicado falar sobre isso... E eu como homem, né... Assim... tenho mais dificuldade... não gosto muito. No meu tempo não falávamos sobre isso não. Meu pai e minha mãe nunca chegaram para explicar o que era um homem, o que era mulher. Aí essas coisas assim, deixa mais pra a coordenadora mesmo... (GESTOR DA ESCOLA ARCO ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

A fala do gestor reforça a ideia de que o sujeito que usufrui da instituição responsável pelo saber e aprendizado é também conduzido por um conjunto de regras e valores, pelos quais, como afirma Durkheim (1978), produz e reproduz indivíduos de acordo com padrões de socialização e um modelo de educação adequado para sua inserção social.

A escola é reprodutora da cultura dos grupos e classes dominantes, do mesmo modo que proporciona a reprodução da estrutura das relações de força, como afirma Bourdieu (1997). Na visão do autor, há a compreensão de que a escola é mantenedora da cultura imposta pela classe dominante, e dessa forma, sustenta o sistema social de desigualdades que refletem diretamente na construção do aprendizado e das relações sociais. Sobre o sistema escolar, Bourdieu ainda reforça que "é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade as desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o do social tratado como do natural" (1997 p. 41)

Quando se deparam com a escola e o perfil educacional proposto para orientá-los a determinado conhecimento, Louro (1997) esclarece que esses sujeitos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

aprendem a incorporar discursos, modos de ser e agir, preferências e identidades que se formam sob arranjos de normas, regras e os "bons costumes" que a escola tende a preservar. Isso foi notório na fala da equipe gestora:

Temos na escola o projeto cultura de paz no início do ano letivo, no qual procuramos trabalhar transversalmente a aceitação, o respeito, a boa convivência. Nosso público é diverso, mas fazemos o possível para acolher todos bem. Alguns acabam trazendo problemas de casa para nós. Às vezes, eu confesso que é difícil, nós tentamos apoiar de todas as formas. Agora essa questão da diversidade sexual é complicada né... Tem gente aqui na escola que não gosta de falar não, né. Eu mesma fico com medo. Da gente falar e os pais dizerem que estamos incentivando os meninos a serem homossexuais. Para ser sincera, acho que falta preparo na nossa formação mesmo ...tem que ter muito tato para lidar com isso. Procuramos incluir todo mundo, mas não trabalhamos diretamente esse tema não. Aqui sabe, até mesmo com os professores é difícil lidar com esse tema. Muito são extremamente tradicionais e até preconceituosos. Aiii, é sério falar isso né? Mas não podemos negar. Uma vez no final da unidade houve um trabalho das disciplinas eletivas¹⁷. Em uma turma com alguns alunos LGBT, né. E eles queriam falar sobre essa temática. Daí a professora me procurou espantada sabe... Preocupadíssima, tinha nem cor, parecendo uma cera, me dizendo que o tema era polêmico, que incentivar as crianças da escola a serem LGBT. Ela disse isso porque os estudantes do oitavo ano iam assistir à apresentação dos trabalhos e ela não queria aceitar de jeito nenhum que houvesse uma apresentação com esse tema, porque ela disse que escola não era o lugar de ensinar coisa errada. Foi bem complicado... Tive que procurar os alunos e conversar com eles para saber que apresentação era essa que todo mundo ia fazer coisas LGBT. Ahhhhhh, pra quê? Os meninos ficaram revoltadíssimos. Falaram que ninguém podia mais ser gay em paz, teve um até que chorou. Que eles já estavam com tudo pronto né... Eles acharam que não ia servir. Acho que se sentiram agredidos, né. Como um deles mesmo falou, que a escola queria calar eles. Aí com muito jeitinho eu consegui convencer eles de que não era assim. E aí vamos levando né. (risos sem expressão) Tentando contornar os problemas. Mas muitos alunos se fazem de vítima, se escondem atrás do gênero para se fazerem de coitados. Também não somos obrigados a aceitar todas as reclamações deles não. E tem umas que são pura besteira. Bom, mais daí você tira, né... Eu mesmo procuro receber todos bem. Mas não tem como abrir mão de certas coisas. A escola tem regra, né? Aí essa questão aí fica muito difícil

¹⁷ Disciplina idealizada por um ou mais professores que seja interdisciplinar e que faz parte do currículo do Novo Ensino Médio proposto pela BNCC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

né... Acolher bem a gente acolhe. Mas não dá pra fazer milagre.
(COORDENADORA DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA
QUALITATIVA-NARRATIVA)

O medo da professora citada pela coordenadora da Escola Arco-Íris talvez seja explicado por um dos mitos que a pesquisadora Deborah Britzman (1996, p. 79-80) analisa na cultura escolar, ou seja, de que a heterossexualidade é “normal” e “natural” e que

(...) a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de ‘recrutar’ jovens inocentes (...). Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora-da-lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos.

É fato que a escola está para além de somente produzir e transmitir conhecimentos. Como pude comprovar, ela “fabrica” sujeitos, molda-os de acordo com as convenções e padrões sociais de “normalidade” fortemente instituídos. As narrativas dos alunos comprovam que muitos se sentem impelidos a se moldar em um padrão binário heteronormativo, no qual existe o “certo” e o “errado” e isso é tão opressor que muitos sentem culpa em ser o que são. Muitos deixam de entender que a orientação sexual independe da vontade, é algo natural, que acontece de forma particular para cada ser humano e não de forma genérica conforme o que a sociedade tradicional, impregnada muitas vezes de doutrina religiosa, procura impor.

Ainda precisa de muita informação. Os professores a maioria são pessoas de idade e a maioria alega não saber lidar bem com isso, né... também o estado não oferece um curso, uma reciclagem sobre isso... nesses anos todos nunca vi uma palestra voltada pra esse tema ser oferecida pelo estado. Eu busco muito informações extras, conversa com pessoas...pra tentar ajudar né... mas sei que não é suficiente...os próprios professores de sociologia não são formados na área, o estado de Pernambuco não exige



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

isso e a gente acaba colocando como complemento de carga horária mesmo, porque é uma dificuldade muito grande, essa de professor. Então eu fico sem saída, né... que preciso encaixar os professores e é melhor que o aluno ficar sem aula, né... (COORDENADORA DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

A escola silencia questões relacionadas à identidade de gênero que escapam da dicotomia feminino/masculino, assim como, de concepções de sexualidade que não se enquadram na perspectiva heteronormativa. E pelas falas, há sempre uma espera de um pacote do governo para abordar a temática na escola, evidenciando o medo, o despreparo e até o próprio desinteresse para lidar com esses corpos diversos no espaço escolar.

5.1 O espaço do “normal” e a exclusão do “anormal”

A instituição escolar é o espaço onde existem barreiras que impedem a expressão das diferenças. Os padrões são reforçados e reproduzidos constantemente. Ser e agir de maneira "normal", de sexualidade abolizada na heteronormatividade, é o que de fato orienta os comportamentos dos indivíduos o que é visto e compreendido como "fora" do padrão e o que condiz como o "diferente" não faz parte das práticas aceitáveis e sustentadas socialmente, reforçando ainda mais a afirmação da identidade de gênero como única, singular e, logo, permitida (LOURO, 2003).

Olha... a quantidade de alunos que comparecem à secretaria porque ‘fulano chamou disso’ ou ‘fez piadinha’ é muito grande, viu... A escola está sempre aberta às questões de gênero, mas há momentos em que fica difícil falar sobre isso. Temos outros focos, como as questões pedagógicas e os eventos do estado por exemplo. Aí...é... é dada atenção sim, mas ao mesmo tempo também trabalhamos outras coisas, existem também outros tipos de problema de bullying na escola... temos mais de 1500 alunos, imagine aí... (GESTOR DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Instrumentada nos estudos de gênero, trabalhados amplamente por Foucault, Louro (2001, p. 89) se refere especificamente ao tratamento dado pela instituição escolar a questões como gênero e homossexualidade:

O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola em relação aos/as homossexuais. No entanto, a pretensa invisibilidade dos/as homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim 'eliminar' esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas 'normais' os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie da garantia da 'norma'.

Bem além do foco em formar trabalhadores, o ensino médio tem a responsabilidade de formar sujeitos sociais, bem como auxiliar no direcionamento da vida desses jovens e também, contribuir para que formulem uma compreensão racional e crítica dos sentidos culturais e da natureza. Mas muitos ficam confusos a respeito do seu papel mediante esses jovens, como professor Verde, de sociologia:

[...] A gente faz o que pode né?! Não somos os pais, não temos obrigação de falar sobre essas questões de sexo, de gênero. Porque isso é coisa que aprende em casa, deviam vir educados de lá. Os pais pensam que a escola deve aguentar tudo. Eu mesmo respeito as pessoas LGBT, mas essas discussões não faço na aula, porque não tem no livro né... Aí você vai falar disso e cria a maior polêmica, posso até me prejudicar por causa disso. Porque esse pessoal LGBT, acham que tudo é preconceito, que tudo que a gente faz é porque estamos discriminando eles e não é assim, eu mesmo respeito, né, que todos são gente. Apesar de achar errado, que eu aprendi que só existe o homem e a mulher. A Bíblia diz isso. O que for fora disso é pecado. Mas eu evito falar isso, né. Porque cada um escolhe para onde quer ir: céu ou inferno. (PROFESSOR VERDE- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

O mais impressionante deste relato é a exclusão, o embaraço do "corpo desviante", travestido de neutralidade. O professor de sociologia parece ter uma visão distorcida sobre o objetivo dessa disciplina. Tendo como uma das



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

funções a de modificar os padrões de envolvimento e distanciamento dos jovens em relação à vida social, a sociologia representa a possibilidade de compreensão dos fenômenos sociais, trazendo novas explicações e uma maior aproximação com as diferentes realidades. Quando falo em distanciamento, me refiro à compreensão e estranhamento do meio social em que estão inseridos os conhecimentos aprendidos na escola, os valores religiosos, ou seja, fenômenos reconhecidos como "naturais".

5.2 Percurso formativo e didática pedagógica dos professores de sociologia

Percebo que há dificuldades institucionais que não colaboraram para que a pauta da diversidade de gênero e sexualidade esteja embasada nas orientações curriculares da instituição escolar, o padrão predominante das identidades masculina e feminina regem a instituição escolar e impelem os jovens ao ostracismo. A escola exclui.

Eles frequentam a aula normal né... Os que são assumidos, os pais nunca chegaram pra falar com a gente não. Já tentamos convidar um pessoal de psicologia pra conversar sobre isso, mas nunca dá certo. E também porque ano passado e esse ano precisamos priorizar a questão do suicídio, por conta do J., aluno daqui que se suicidou no meio do ano passado. Aí por isso que digo que não dá pra dar taaaanta atenção assim a isso, porque temos outras pautas também. (GESTOR DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Uma das dificuldades encontradas, diz respeito à formação dos professores de sociologia. É importante salientar que durante a execução da escrita dessa dissertação, no ano de 2020, o professor de sociologia da escola arco-íris do turno noturno, terceiro ano do ensino médio, passou a ser um professor da área de ciências exatas formado em química.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Sou formado em história. No estado de Pernambuco não precisa ter formação específica em algumas áreas como a sociologia, filosofia, artes... Esse ano ainda está bom, porque minha formação tem a ver. Ano retrasado quem dava aula de sociologia no primeiro ano era o professor de biologia, né. Mas mesmo assim, eu estudo né... para dar as aulas. Leio os livros didáticos. Eu gosto de fazer discussões na sala, rodas de conversas e tratar dos temas propostos no livro. Não saio do que está no livro não, porque preciso cumprir o programa. Só é uma aula por semana, aí não tenho muito como mudar o roteiro, sabe... Procuro ser flexível, mas não posso sair muito da rota. Porque aí, se eu sair, os alunos vão se prejudicar nos conteúdos, né... olha eu acho que se o professor de sociologia fosse formado na área, talvez fosse melhor né... A gente não é muito preparado pra trabalhar certo os assuntos. Eu dou o melhor, mas tem coisa que não dá. Mas se o estado permite, né... Na Bahia os concursos já cobram que a pessoa tenha formação em Ciências sociais. Mas não conheço o trabalho deles lá não, pra comparar, né... (PROFESSOR VERDE- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Formada em sociologia não sou não, que sou pedagoga. Mas já tenho cinco anos que pego essa disciplina. Eu até gosto de trabalhar com ela. A dificuldade é que é só uma aula por semana, aí quando tem feriado que cai nesse dia... É um bololô danado, sabe. Eu trabalho com foco no livro didático, sigo as sugestões de discussão que o livro oferece, mas gosto de levar pra sala também coisas atuais. Tenho assinatura da revista 'Mundo Jovem' e levo bastante textos, reportagens e matérias, porque os assuntos que a revista discute são interessantes, né. Agora... esses meninos... eles... não querem nada. Nada com nada. É complicado fazer eles participarem das aulas. Eles não gostam de falar. Aí a gente se desestimula né. E tem alguns assuntos que são delicados pra gente ir tratar... sabe, tem que pisar em ovos hoje em dia, porque os alunos levam celular, às vezes e a gente nem vê. Podem gravar o que a gente fala e tudo, né... A educação ficou perigosa. (PROFESSORA LILÁS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Os relatos dos professores e as minhas observações me levaram a analisar, refletir sobre esse sistema de ensino vigente e as possibilidades que a sociologia nos proporciona em trazer para a sala de aula um ensino voltado para a autonomia intelectual do estudante no sentido de questionar as estruturas consolidadas pelo modelo heteronormativo de sociedade. Entretanto, nitidamente essas oportunidades de desenvolvimento da autonomia dos estudantes, não são exploradas como



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

deveriam. O que me levar a pensar que antes de educar sobre a sexualidade, talvez os próprios educadores tenham que ser educados:

Se os/as educadores/as quiserem ser eficazes em seu trabalho com todos/as os/as jovens, eles/elas devem começar a adotar uma visão mais universalizante da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular. Assim, em vez de ver a questão da homossexualidade como sendo de interesse apenas para aquelas pessoas que são homossexuais, devemos considerar as formas como os discursos dominantes da heterossexualidade produzem seu próprio conjunto de ignorâncias tanto sobre a homossexualidade quanto sobre a heterossexualidade. (BRITZMAN, 1996, P. 92)

A discrepância existe a partir do momento em que o professor evita ou proíbe a discussão de assuntos que considera polêmicos. Entre estes estão a questão da diversidade sexual e identidade de gênero. Como afirma o professor Verde:

Bom... Assim, né... falar especificamente sobre esta questão de gênero, não falo não. Eu não concordo com a ideologia de gênero não. Aí é difícil até para mim trabalhar isso, porque não fui criado assim, no meu tempo não tinha isso. Aqui na escola, eu não faço diferenciação entre os alunos e o pessoal LGBT. Tem um no primeiro ano que me desafia o tempo todo. Ele quer porque quer se destacar, ser assunto né... usa batom e tudo, colega! Eu sei que cada um tem direito a andar do jeito que gosta. Mas a escola tem regras, não fui eu quem inventou. Eu procuro tratar todos iguais, sem diferenças. Mas esse tema de gênero em específico nem tem no livro didático!!! Aí fica difícil para mim trabalhar, porque só é uma aula. Como é que eu vou conseguir cumprir o programa? (PROFESSOR VERDE-ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Na escola arco-íris, observei que as aulas são dedicadas a debates, rodas de conversas, discussões sobre alguns conteúdos da sociologia que o professor elenca como fundamentais e que supostamente estão no livro didático. O uso de materiais de apoio se resume ao livro didático e alguns textos extras a exemplo da revista "Mundo Jovem". Não há uma diversificação no uso dos materiais de apoio para enriquecimento das aulas. Também verifiquei a ausência de incentivo ao desenvolvimento da escrita.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

A gente trabalha com os livros que recebemos do PNLD¹⁸, não tem material específico pra sociologia não. Quem acompanha aí os professores é a coordenadora. Se eles discutem esse assunto em sala eu não sei, mas fica a critério deles. Na metodologia e no trabalho dos professores, eu não me meto. Até porque também sou professor no estado da Bahia e sei meu trabalho, não gosto de ninguém se metendo não. (GESTOR DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

O ensino de sociologia tem um caráter de disciplina "mais liberal" na visão dos estudantes. Trata-se de uma aula considerada interativa e descontraída, em que os estudantes conversam entre si, manipulam aparelho celular a todo momento, se fixam nas redes sociais ou qualquer outra distração, exceto aula que o professor tanto se esforça em tornar atrativa.

Vejo que os professores fazem a parte deles né... muitos ainda precisam me chamar para resolver situações de alunos trabalhosos, principalmente agora a noite, os alunos da EJA¹⁹ dão um pouco mais de trabalho... muitos, é.. é.. muitos vem só por vir, não querem nada na escola, não pensam no futuro.. Tem muitos que cobram da escola, mas que não oferecem nada. O aluno Y. mesmo, eu sei que ele é gay, uma vez chegou aqui, chorou e tudo, parece que os pais brigaram. A gente fica com pena, né... mas o que podemos fazer? É uma questão familiar, a coordenadora já conversou com os pais, mas eles alegam que o menino não quer saber de estudo, que é gay, só quer andar com más amizades e não gosta de estudar. Um dia chegou aqui, tinha apanhado do pai, chega tava roxo. As vezes ele procura a gente, e a gente até escuta ele, mas levar pra casa eu não posso. Dou conselho, mando ele se consertar, buscar melhorar esse comportamento pro pai aceitar ele melhor, mas não tem jeito, né... até... até... até menino já peguei ele beijando por trás da quadra uma vez. É traiçoeiro, mente que vai ao banheiro e vai lá namorar outros meninos. Complicado... Com esse tipo de aluno não tem professor que se estimule a fazer aula boa. (GESTOR DA ESCOLA ARCO ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Todo planejamento a conversa é a mesma, fico incentivando os professores, pedindo que façam aulas dinâmicas, atrativas para os alunos. Mas acaba não tendo jeito, eu sempre passo nos corredores e vejo muita bagunça em sala. Não os culpo, porque nossos alunos são difíceis. Se eles

¹⁸ Programa Nacional do Livro Didático

¹⁹ Educação de Jovens e Adultos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

incluem a questão da diversidade sexual e orientação de gênero eu não sei, mas eu peço pra fazer isso né... sei que nem todos conseguem, muitos são relutantes sobre sugestões diferentes. Muitos destes professores estão há muito tempo na ativa e não gostam de mudar seus métodos. Penso que eles podiam incluir mais os adolescentes, mas não é bem assim. A juventude de hoje está complicada, os jovens tudo cheio de direito, querendo botar bocão em tudo, vivem reclamando das aulas, me procuram por tudo. Eu... eu... escuto, né.. e faço formações, converso, dou dicas. Mas tem muitos professores que são resistentes, tem medo de falar disso e eu não posso obrigar. (COORDENADORA DA ESCOLA ARCO-ÍRIS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

A proposta da aula geralmente é ser ensinada a partir de debates sobre assuntos pré-determinados pelo professor, em que este questiona os estudantes e os próprios estudantes dialogam sobre o conteúdo sem certa preocupação com os conceitos teóricos e as categorias sociológicas. A aula é um momento de descontração, o momento de expressar opiniões de cunho pessoal.

Porque é onde tem o debate mesmo sobre o nosso dia a dia, mas sinto falta de temas mais atuais, né... as aulas acabam ficando meio vazias, porque quando a gente propõe algum assunto, nem sempre ele nos atende, fica naquela de ter medo do que vai sair, né... Aí a questão da diversidade sexual é um exemplo mesmo, que já tentei que ele falasse disso na sala, mas não adiantou, sempre tinha uma desculpa, era prova, era tempo, era porque não tinha planejado, enfim... aí então eu acho que poderia ser bem melhor nisso né [...] (AZUL- NARRATIVA(AUTO)BIOGRÁFICA)

A respeito da relação entre a disciplina de sociologia e o trabalho com as questões de gênero e diversidade sexual, a professora Lilás diz:

Essa temática delicada, tenho um pouco de medo de falar sobre isso. Ainda mais nesse cenário de agora né... Eu às vezes faço discussões e os alunos acabam entrando nesse assunto, mas eu não me estendo não, até porque eu acho que para falar disso tem que estar preparado, e eu não estou muito não (risos). Em casa, na família, não tem ninguém LGBT, ainda acho muito difícil falar sobre isso, sabe... Mas tem muitos alunos na escola que são. Tem gay, tem... tem lésbicas, e até uma mulher trans, que ele que pede pra gente falar dele assim. Alguns não assumem a condição né. Acho que por medo dos pais. Eu acho que deve ser muito difícil ser LGBT nessa sociedade de hoje, tem que ter coragem para assumir e encarar né. (PROFESSORA LILÁS- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA

CEP 48.902-300.

E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Hoje em dia na escola tem muita diversidade né, mas não é só de gênero não... é... E nós professores, nós... precisamos acolher todos. Eu acordo e respeito. Mas não faço diferenciação não, pra mim todo mundo é igual. Eu vejo que alguns tem problemas em casa, mas eles não conversa muito comigo, não... acho que eles tem vergonha né, porque eu sou homem. (PROFESSOR VERDE- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

Sobre os alunos LGBT, os professores elencam algumas características que, segundo eles, identificam os referidos alunos como "diferentes":

Tem uma menina aqui na escola que ela aparece muito homem porque ela se veste que nem um menino, mas ela é uma menina. E ela se veste assim, mas olhando, quem não sabe... eu mesmo achava que ela era um menino. Eu fui perceber o ano passado, durante jogos escolares, quando ela jogou na equipe feminina. Mas os alunos convivem bem, nunca ouvi ninguém dizer nada com ela. (PROFESSOR VERDE- ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA)

É evidente nessa fala que o "diferente" passa a ser diferente quando se é revelado que a estudante não se enquadra em determinada categoria de classificação antes adequada ao seu perfil. A menina que antes o professor se referir ao gênero masculino devido o modo de vestir e se portar, passa a ser reconhecida enquanto a menina "que se veste que nem um menino". A percepção em relação a essa aluna é alterada, colocando em uma posição de "diferente" dos demais.

A partir dos relatos e observações fica nítida uma falsa noção de acolhimento por parte dos professores, que acham que respeitam e tratam todos os alunos por igual, porém não se detém às questões de diversidade sexual e identidade de gênero que são gritantes na escola e assim, acabam silenciando ou reduzindo esses alunos a meros sujeitos sem voz que continuam a ter perpetuado o preconceito e a discriminação em seu cotidiano, em casa e também na escola. O fato de não haver um trabalho sobre as referidas questões dentro da disciplina sociologia, também é



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

bastante preocupante, pois os professores não se enxergam como responsáveis por essas discussões, tendo a ideia de que é apenas necessário trabalhar os conteúdos presentes no livro, sem discutir outras categorias sociológicas e sem trabalhar de uma forma mais ampla as questões sociais que concernem a todos os alunos da escola.

De acordo com esse cenário, entendo que um exercício de resistência exigiria ver-se de novos modos, dizer-se de novas maneiras, experimentar-se de novas formas, estranhar a imagem refletida no espelho que recorta nossas infinitas possibilidades, recusar toda miragem de identidade que nos torna limitados. Ensaiai formas curriculares que possam convidar à produção de novas formas de subjetividade, de novas estéticas da existência, desconstruir criativamente as fronteiras sexuais e de gênero. E talvez, um dia, essa questão das diferenças sexuais e de gênero perca a importância para o docente e torne-se apenas mais uma questão sem sentido no espaço da educação. Como aponta Costa (1994, p. 122):

Neste dia, veremos nossas crenças presentes como vemos as crenças em feitiçaria, ou seja, como produtos obtusos e obsoletos da imaginação; como 'um erro do tempo'. Os indivíduos, nesta cidade ideal da ética humanitária e democrática, serão livres para amar sexualmente de tantas formas quantas lhes seja possível inventar. O único limite para a imaginação amorosa será o respeito pela integridade física e moral do semelhante. 'Heterossexuais, bissexuais e homossexuais' serão, então, figuras curiosas, nos museus de mentalidades antigas. Na vida, terão desaparecido como 'rostos de areia no limite do mar'.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – NOVAS CORES, NOVOS HORIZONTES

Em face da pesquisa realizada, após imersão no campo de estudos, munida das percepções que me aprofundaram como resultado das narrativas e das observações participantes, vem à tona a necessidade extrema de uma postura de se



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

combater preconceitos e promover uma cultura de maior tolerância e respeito à diversidade sexual e identidade de gênero na Escola Arco-Íris. A disciplina de sociologia deve servir como cenário para discussões e aporte para tratar de temas socialmente constituídos a exemplo deste.

É sabido que, quando se faz a constituição de uma ciência em disciplina escolar, é necessário que haja uma contextualização das teorias, discursos e conhecimentos próprios da ciência e posteriormente uma recontextualização no sentido de transformar tudo isso em conteúdo pedagógico a ser trabalhado nas escolas. O compromisso com um ensino de Sociologia sintonizado com a realidade deve ser mantido pela equipe escolar. Somente assim a Sociologia alcançará os seus princípios epistemológicos no ensino médio: o estranhamento e a desnaturalização. Este parece ser o ponto nodal da disciplina e sua razão de estar na educação básica: conseguir fazer com que a reflexão dos alunos chegue ao nível de estranhar a realidade que lhes é tão familiar, problematizando aspectos internalizados e, ao mesmo tempo, por meio destes questionamentos, desnaturalizar outras tantas questões naturalizadas seja pela ciência, pelos costumes, pela tradição, pelas religiões e pela política.

É oportuno pensar temáticas que estão na ordem do dia, mas não apenas isso, temáticas que possam levar às leituras da sociedade. Por meio dos debates sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual é possível ler diferentes representações da sociedade. Em vista disso, torna-se primordial o trabalho com as referidas questões. É importante que, ao gozar do lugar de uma disciplina efetiva no ensino médio, a sociologia possa ter as condições mínimas necessárias para propor reflexões e problematizar questões sobre temas que, se silenciados, certamente impedirão muitos grupos do efetivo exercício da cidadania.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Quando reduzimos o debate a respeito da diversidade sexual à "opinião pessoal" fundada no senso comum, podemos estar contribuindo para afastar mais ainda o educando de uma compreensão social da realidade e das relações humanas. Instalar um discurso politicamente correto pode produzir uma falsa sensação de consenso e, mais do que isso, pode manter preconceitos ocultos, questões não discutidas, dúvidas não resolvidas.

É importante destacar que a manutenção dos binarismos e fundamentalismos nas práticas pedagógicas, os quais oprimem as sexualidades divergentes no modelo heteronormativo, limita a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, isso é equivalente a dizer que no caso pesquisado, existe uma relação direta entre diversidade e desigualdade, visto que em uma cultura heterossexista, as condutas individuais e dinâmicas institucionais reproduzem o tempo todo, de forma não-intencional e despercebida, o parâmetro da heterossexualidade hegemônica como norma social e cultural. Tal naturalização acaba por distinguir, restringir, excluir e ou não-reconhecer os direitos humanos e liberdades individuais daqueles que não se adequam a esse parâmetro. Essa forma de discriminação indireta, reproduzida nos pormenores das condutas diárias pessoais, culturais e burocráticas relaciona-se com a discriminação institucional.

Quando o educador deixa claro a possibilidade de expressão de todas as falas – e não de apenas algumas que concordem com a sua própria visão de mundo – é que se torna possível a construção efetiva de um espaço de diálogo. Diálogo que é também confronto de ideias. Confronto que não se esconde atrás de um discurso superficial, nem de falsos consensos, mas que investe, de fato, no aprendizado que podemos ter uns com os outros. Confronto que enriquece, na medida em que põe em discussão diferentes visões de mundo, diferentes perspectivas e propostas de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

como significar e como agir nesse mundo. E tudo isso tendo a perspectiva do respeito à opinião de cada um e o reconhecimento do outro como sujeito, sujeito de ideias, sujeito que pensa, que age, que decide sobre sua própria vida e que, por isso, também é reconhecido como sujeito e junto com o coletivo constrói cultura, constrói um pouco o próprio mundo. Entretanto essa postura ainda é ausente na Escola Arco-Íris, visto que os professores de sociologia, além de nem serem formados na área, não se enxergam no pertencimento de gerar, dar aporte ou estimular estes debates, por se sentirem despreparados para tal.

A análise das narrativas revelou que gênero nem sempre é retratado pela perspectiva social e cultural, mas sim biológica, no que tangem as diferenças entre os sexos. Essa abordagem não é suficiente e não corresponde às demandas sociais que existem acerca da problemática. O modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre mediado pelas formas de pensamento historicamente construídas. Nesse sentido, é necessário discutir a maneira como a escola, as disciplinas e os professores abordam as diferenças.

O ocultamento das pessoas LGBTQI+ na escola é um fator que contribui para que esses estudantes se reconheçam como desviantes, indesejados e ridículos, pois estão confinados às gozações e aos “insultos” dos recreios, das atividades cotidianamente. Dessa forma, pode-se verificar que a homofobia, a lesbofobia e a transfobia são uma grande problemática vivenciada no cotidiano da escola. E neste sentido, há um receio ainda maior de se adentrar na temática da sexualidade e da identidade de gênero, desconsiderando a importância de se tratar essas questões por meio de um olhar social e político.

Ainda é comum as escolas tratarem gênero e sexualidade como sendo sinônimos, padronizando um modo único e adequado do que é o masculino e o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

feminino e possibilitando, de uma única maneira apenas, a forma de viver a sexualidade. Tece-se uma complexa trama normativa que estabelece uma linha de continuidade entre o sexo (macho e fêmea), o gênero (masculino e feminino) e a orientação sexual que se direciona “naturalmente” para o sexo oposto.

Considero que a Sociologia como disciplina escolar deve desenvolver conteúdos e metodologias que promovam uma reflexão mais aprofundada sobre essas percepções de gênero, porém, como já dito, esse ainda é um gargalo na Escola Arco-Íris. As inúmeras dificuldades relatadas nesta pesquisa estão sendo enfrentadas diariamente por pessoas diversas em sua sexualidade e identidade de gênero que esbarram na invisibilidade, na negação de direitos básicos de cidadania e no descaso de políticas públicas sinalizando enfrentamentos hostis e excludentes no processo de construção de suas identidades. A escola, enquanto espaço cultural supostamente neutro, não acompanha as respostas e questionamentos em relação à diferença, principalmente no que se refere ao gênero.

Como foi mostrado por meio dos relatos, a falta de informação nesse contexto leva alunos e educadores a seguir padrões convencionais que direcionam o trato às diferenças de gênero a produzirem estigmas, preconceito, discriminação, homofobia, lesbofobia e transfobia.

Verifiquei que não há nenhum parâmetro curricular que diga que a homossexualidade é um desvio. No entanto, a escola ensina esses valores quando exclui ou estigmatiza determinados sujeitos e grupos. E o que fazemos na nossa escola, sem dúvida, interfere na construção da nossa sociedade local, regional ou global.

O momento de encontro com os sujeitos centrais do meu objeto de estudo, foi de fato revelador. Pude entender suas angústias e comprovar em seus relatos a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

necessidade de serem ouvidos, a ânsia por serem atores protagonistas dentro da escola ao invés de pessoas renegadas, caladas e invisíveis, como se sentem. Essa invisibilidade traz grandes prejuízos à vida social dos sujeitos ouvidos, pois alguns deles relatam ter medo de conviver em sociedade apenas por não ter uma orientação sexual considerada “normal” ou “certa” por alguns.

Foi frequente nos relatos a informação sobre o uso de discursos preconceituosos no interior da escola, sendo consideradas “brincadeiras de adolescentes” sobre a diversidade sexual e de gênero, que se expressam por meio de chacotas, brincadeiras, piadinhas, como: “viado”, “gay”, “bichinha”, “lésbica”, “sapatão”, “mulherzinha”, “baitola” entre outras palavras. Também ficou evidente a discriminação e preconceito pelos próprios profissionais da escola, que embora sejam negados, aparecem frequentemente de forma implícita e “inconsciente” na fala daqueles e daquelas, que ao reproduzirem os discursos veiculados pela mídia e pela cultura observa-se que estão maculados de subjetivismos. Essa realidade demonstra a urgente necessidade de discutir, refletir, trabalhar, problematizar as questões da diversidade sexual e de gênero na Escola Arco-Íris numa perspectiva histórica e cultural.

A instituição escolar é responsável pela formação de cidadãos. É um lugar de conhecimentos e possibilidades voltados para uma ação reflexiva, tornando possível, através de dados, teorias, reflexões e práticas, construir no coletivo um amplo projeto de mudança social e cultural. Ela precisa de uma ação competente e socialmente comprometida para ter clareza sobre sua função social, ou seja, que tipo de pessoa quer formar. Cabe à escola garantir a aprendizagem de certas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

habilidades e competências que serão necessárias para a vida em sociedade e o exercício da cidadania.

Ao rever as práticas pedagógicas e de acolhimento é necessário se pensar na possibilidade de relações pautadas na igualdade e equidade de gênero e diversidade para se ter uma sociedade mais justa e solidária. A escola, como um local privilegiado para problematizar e desconstruir o preconceito, uma vez que sua responsabilidade social articula-se com a formação humana, precisa trabalhar sobre a questão diversidade sexual e de gênero, pois desempenha papel fundamental na formação da identidade e na atuação de todas as pessoas. É um local privilegiado para desenvolver a consciência crítica, além de práticas de respeito à diversidade e defesa dos direitos. É preciso reconhecer e adotar medidas necessárias para enfrentar o fato de que a escola brasileira configura-se em um importante lugar de opressão, onde existe um preocupante quadro de violência nos gestos, risinhos, piadinhas, mídia e nos discursos oficiais de aulas, palestras e murais.

A opinião da equipe gestora, quando se toca na temática das políticas públicas, é unânime: não há apoio institucional do estado para as questões nas quais a escola está envolvida. Percebi que os professores constroem estratégias para introduzirem questões que consideram pertinentes e buscam conquistar espaços pedagógicos, porém, quando a temática é identidade de gênero e diversidade sexual, evitam abordá-las. O que parece prevalecer é uma dinâmica de fronteiras bastante rígidas, fronteiras entendidas como entre “dois mundos”. Nesse contexto, as ideias de diversidade sexual e identidade de gênero, associadas a uma questão moral, estão bastante estabelecidas e fortalecendo o tradicionalismo. Uma abordagem da qual se lança mão é a dos saberes vindos do campo da religião, associando-se um entendimento de que os conflitos surgem por uma inadequação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

desse indivíduo em particular. A ele é dada responsabilidade de “se fortalecer”, posicionar-se frente à situação de conflito, pois, em última análise, é devido à sua “opção” que a vulnerabilidade surge.

A questão da falta de preparação dos professores para trabalhar temas específicos, como o das sexualidades e identidades de gênero, reapresenta-se, muitas vezes, para justificar a atitude omissa dos educadores, entendida como uma não atuação. As dinâmicas das relações dentro de uma sala de aula são atravessadas pelo lugar de autoridade do professor, conseguindo o “domínio da turma” ou não, é ele quem está autorizado a falar e “colocar cada um no seu lugar”.

O combate à homofobia, lesbofobia, transfobia e à heteronormatividade não é importante somente para os alunos LGBTQI+, mas para toda a escola. As relações de gênero, como relações de poder que são, envolvem todos os sujeitos dentro da comunidade escolar e afetam a todos. E não há como pensar uma educação que alcance uma diversidade de sujeitos, que vivenciam de diferentes maneiras a sua sexualidade, sem que necessariamente isso implique uma revisão dos conteúdos, das práticas e dos discursos que compõe o processo educativo. Esse foi um dos pontos principais da minha observação, a não observância dos próprios docentes e equipe gestora em relação à diminuição e inviabilidade das pessoas LGBTQI+ que eles mesmos contribuem para reiterar.

Os professores podem não ser especialistas em todos os temas, mas, antes de discutir um determinado assunto, é importante se apropriar mais daquela questão. No caso específico da diversidade sexual, é importante ter claros conceitos básicos, como a diferença entre sexo e gênero – e a perspectiva crítica sobre o conceito de sexo também como uma construção cultural; os conceitos de orientação sexual e identidade sexual – especialmente a perspectiva da identidade como



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

autoconstruída, e não como algo atribuído; a relação de todas essas questões com seus próprios conteúdos disciplinares.

É nítido que essa é uma urgência da Escola Arco-Íris, os professores precisam de mais informações básicas sobre gênero e sexualidade, pois alguns ainda referem orientação sexual como uma “opção”. É importante uma formação que dê elementos aos educadores para que possam de fato construir um trabalho transversal, articulado, científico e significativo, que vá além do senso comum ou do debate de opiniões. Nesse âmbito, um ponto negativo é a falta de formação específica para os professores de sociologia, visto que não é uma exigência do estado de Pernambuco, e no caso da Escola Arco-Íris, os professores não têm formação em Ciências Sociais.

Alguns relatos apresentados neste trabalho descrevem a ausência de discussões concernentes às questões de gênero e sexualidade nas aulas de sociologia. Os próprios professores admitem não abordar este tema em específico, evitando o debate em que diferentes perspectivas morais são postas em confronto. Os registros não falam sobre que conceitos são discutidos, se algum conhecimento ou informação nova sobre o assunto é trabalhada e é perceptível a decepção dos alunos que gostariam de ser objeto destes debates. Ensinar não se esgota no "tratamento" superficial do objeto ou conteúdo. A curiosidade diante de um tema mobilizante como este, precisa avançar de uma percepção ingênua ao que Freire chama de curiosidade epistemológica. Essa curiosidade epistemológica não ignora, mas parte do senso comum para superá-lo, a partir de um trabalho metodicamente pensado e construído. As questões que envolvem sexualidade e gênero, em especial a heteronormatividade - e todas as opressões, produções e violências a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

partir dela, são questões sociais - mesmo nos casos em que se materializam num indivíduo. Uma experiência individual é, ainda assim, social.

Trazendo estas reflexões para a análise das experiências que descrevemos ao longo deste trabalho, fica claro o quanto é preciso ainda nos formamos, enquanto educadores, em aspectos específicos do campo da sexualidade – no que diz respeito a seus aspectos sociais, biológicos, históricos e culturais - para que seja possível a construção de uma ação pedagógica que promova uma reflexão efetivamente crítica, culturalmente inspirada, cientificamente embasada e eticamente comprometida.

Pensar em discutir diversidade sexual apenas como uma forma de incluir alunos e alunas LGBTQI+ seria reduzir e empobrecer demais o que a realidade de hoje nos oportuniza. Provocada sim, sem dúvida, não pela entrada, mas pela mudança de atitude de muitos estudantes e educadores não heterossexuais ou enquadrados nos modelos de gênero, essa mobilização nos abre justamente a oportunidade de incorporar na nossa ação pedagógica uma nova perspectiva. Uma nova perspectiva baseada em conhecimentos construídos não apenas no movimento social, mas nas ciências sociais, na filosofia, na pedagogia, na história, nas letras, nas artes, nas próprias ciências biológicas. Isto significa romper com a perspectiva da heteronormatividade e repensar o gênero e a sexualidade na escola, não só pelo reconhecimento de determinados grupos, mas pelo quanto essas questões dizem respeito a toda a comunidade escolar, a toda a prática pedagógica, aos processos de constituição de cada sujeito ali dentro, estudantes ou profissionais da educação. Significa nos propormos a nós mesmos um desafio de repensarmos os nossos próprios paradigmas e tentar construir uma prática que não simplesmente inclua, mas que se repense, se reestruture a partir dos questionamentos que tem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

diante de si. Significaria não adicionar conteúdos ao currículo, mas construir um novo currículo e uma nova prática, a partir do diálogo e do encontro, sem ignorar a tensão trazida pelo conflito e, mais que isso, percebendo o próprio conflito, a própria diferença em seu potencial pedagógico.

Repensar a prática pedagógica significaria questionar o quanto a escola se constitui em um espaço de reprodução e normatização dos corpos, através do currículo, dos conteúdos, do material didático, das regras internas, das práticas institucionais e pedagógicas, das violências e dos saberes que legitima. E, ao mesmo tempo, como ela pode se constituir num espaço de resistência, de transformação social e histórica.

Na Escola Arco-Íris, não parece haver uma discussão acerca da postura dos professores frente a seus alunos, não se percebe reflexões ou questionamentos das atitudes do corpo docente frente ao alunado. Parece cristalizada uma visão de que o público atendido é difícil, então “se faz o que se pode”. O respeito que é trabalhado é aquele em que os alunos devem adquirir, não aquele que é preciso em relação às diferenças e independente dos pontos de vista de cada um. Não se coloca em pauta um possível preconceito ou desrespeito que partiria do professor, pois este está colocado no lugar naturalizado como adequado e os alunos daqueles que necessitam ser corrigidos. Assim, compreendo que tanto a sexualidade como as relações de gênero são construídos socialmente e, portanto, merecem ser problematizados e questionados, principalmente quando alicerçados em um discurso biológico.

Nesse caso, fica evidente um julgamento moral e uma menor legitimidade por se tratar de uma “opção”: o sujeito opta por ser “destrambelhado”, diferente de um “cadeirante” ou um “Down”, que não tem culpa de sua condição. Muitas vezes, as



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

peças LGBTQI+ são vistas numa situação de escolha, na qual poderiam, em algum momento, “se acertar”, serem mais discretos, não precisaria dessa “purpurina” toda. Alguns comportamentos são avaliados como desnecessários, muitos conflitos em sala de aula são percebidos como controláveis pelo sujeito que é alvo dessa situação. As explicações que os professores dão beiram à responsabilização do indivíduo pelos conflitos, já que ele chama, desnecessariamente, a atenção.

Não há, obviamente, um caminho certo ou errado. Mesmo educadores cheios de vontade e intencionalidade, são capazes de tropeçar diversas vezes, em sólidos discursos, representações e práticas heteronormativas, sexistas, misóginas tão naturalizadas e internalizadas, que se tornam invisíveis ao primeiro olhar (e talvez mesmo ao segundo, ao terceiro...).

Não há uma receita que pudesse ser descoberta. Supor que eu poderia aqui prescrever esse modo certo seria ignorar justamente aquilo que é mais central: para que um currículo e uma prática pedagógica sejam significativos, críticos e promotores da autonomia, eles precisam necessariamente ser construídos na relação direta com o contexto social, cultural, econômico e político em que estão inseridos. Mais ainda, eles precisam ser construídos pelos sujeitos que convivem, vivem, disputam e interagem dentro desse contexto.

Talvez seja importante pensar nessa questão não como um ponto, um objetivo a ser alcançado em algum momento, mas como um processo permanente, sempre inacabado, marcado por uma deliberada intenção de promover uma relação democrática entre grupos e não unicamente uma coexistência pacífica num mesmo território. Portanto, essa é uma necessidade imediata, que não pode ser relegada a segundo plano – ou a um momento indefinido quando tudo vai ser mais fácil. E se não há caminho certo, o que ainda há, certamente, é um longo caminho a ser



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

percorrido, não apenas na desconstrução das violências e desigualdades de gênero e sexualidade na escola, mas na construção de uma pedagogia que tenha o reconhecimento da diferença, a promoção da reflexão crítica e a superação das desigualdades como meio e objetivo. E superar a violência e a discriminação das relações interpessoais é apenas uma pequena parte do processo, não é nem de longe o fim, mas talvez seja um urgente começo. Ter no chão da escola esse movimento de corpos diversos é reconhecer o território em disputa, estar nessa escola e reconhecer esses diversos corpos e ser também afetada por eles, é também perceber que esse é um território de luta. Por isso, não pode ser neutro apolítico, despretencioso, precisa sim ser um lugar de contestação contra o que está posto nos macro e micro contexto políticos que atingem o chão da escola , principalmente a pública.

7. REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. ; GROSSI, M. P. ; GUIVANT, J. A teoria feminista e as perspectivas de gênero na teoria social contemporânea: contribuições e debates. In: Grossi, Miriam; Lago, Mara; Nuernberg, Adriano. (Org.). **Estudos In (ter) disciplinados: Gênero, Feminismo, Sexualidades**. 1ed.Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p. 21-40.

ALVES, C. E. R., & MOREIRA, M. I. C. **Do uso do nome social ao uso do banheiro:(trans) subjetividades em escolas brasileiras**. Quaderns de Psicologia, 17(3), 59-69. 2015.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**: Editora Liber Livros: Brasília, 2008. 68 p. (Série Pesquisa: Vol. 13).

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante** (Coleção Pesquisa Qualitativa, U. Flick, Coord.). Porto Alegre: Artmed, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

ARAÚJO, M. C. C. **A vivência, os desafios na educação escolar para os LGBT's: uma escola para todos.** Geoconexões, 2017, p. 5-11.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007b.

ARTIÈRES, P. **Arquivar a própria vida. Estudos históricos**, Rio de Janeiro: FGVCPDOC, v. 11, n. 21, p. 9 - 34. 1998.

BENTO, B (2011). **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, 19(2), 548-559. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=en&nrm=iso.

BERTAUX, Daniel. **Destins personnels et structure de classe.** Paris: P. U. F., 1977 (tradução para o português de José Saramago, Destinos pessoais e estrutura de classe, Edições Moraes, 2009).

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1997.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990, p.13.563. Disponível em .<<http://www.planalto.gov.br/ccvil/LEIS/L8069.htm>> Acesso em 25/06/2018.

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, J. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex".** New York: Routledge, 1993.

_____. **Subjects of desire: Hegelian reflections on twentieth-century France.** New York, Columbia University Press, 1999.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.**
São Paulo: Editora Record, 2003.

CÉSAR, M. R. A. **Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, sexualidade e educação sexual.** In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. (pp.49-58). Curitiba, PR: 2009. SEED – Pr.

CONSTITUIÇÃO, Brasil (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal.

CORREIA, M. C. **A observação participante enquanto técnica de investigação.** Pensar Enfermagem, 13(2), 30-36, 2009.

COSTA, C. L. **O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 2, p. 141-74, 1994.

COSTA, J.F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CRUZ, E. F. **Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola.** Revista Psicologia Política, 11(21), 73-90. 2011.

Decreto 8.727/16. (2016). Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, DF. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagem metodológica na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. (2010). Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica> Acesso em: 30 set. 2013.

DUNDER, Karla. **As polêmicas de Ricardo Veléz Rodríguez à frente do MEC.** Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/as-polemicas-de-ricardo-velez-rodriguez-a-frente-do-mec-08042019>> Acesso em: 05 de nov. d e 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

EVELLE, Monique. **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa**. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 25 de nov. de 2019.

EZPELETA, J., & ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1986.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal. cap. 16, p. 243-76: sobre a história da sexualidade, 1984.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. São Paulo: Graal, 1985.

FRANÇA, Carlos Eduardo (6 de março de 2008). **«O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos skinheads carecas do Brasil na sociedade paulista contemporânea»**. *Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista*. Consultado em 01 de novembro de 2019. Cópia arquivada em 01 de novembro de 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996, p. 10-59.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

GOFFMAN, E. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**.
Publicação original: 1988. Digitalização: 2004.

_____. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**. 14^a ed., Editora Vozes,
Petrópolis, 2008.

JOVCHELOVITCH, S. e Bauer, M.W., A entrevista narrativa (pp. 90-113), in: Bauer,
M.W. & Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som –um manual
prático**, Petrópolis, Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gêneros
e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Fabiane Ferreira da;
MAGALHÃES, Joanalira Corpes; QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). **Sexualidade
e escola: compartilhando saberes e experiências**. Rio Grande: FURG, 2007.

_____. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a
homofobia nas escolas** (Vol. 32). Secad/MEC, 2009.

_____. **Pedagogía do armário - La normatividad en acción**. Retratos
da Escola, 7(13), 481-498. 2013 Recuperado de
<http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/320/490>.

LOURO, Guacira Lopes. **Magistério de 1o grau: um trabalho de mulher.**
Educação e Realidade. Vol. 14(2), jul/dez 1987.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva
pósestruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo
Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Teoria queer-uma política pós-identitária para a educação**.
Red Revista Estudos Feministas. Recuperado de:
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639>, 2001.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

_____. **A emergência do “gênero”** In: LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003a. p. 14-36.

_____. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** Educ. Rev., v. 46, p. 201-218, 2007.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: Junqueira, R.D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** (pp. 85-93) Brasília: UNESCO, 2009.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação.** (pp. 41-52). 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **Os estudos queer e a educação no Brasil: articulações, tensões, resistências.** Contemporânea, v. 2, n. 2, p. 363-369, 2012.

MAGALHÃES, R. C. B. P. **Ditos e feitos da educação inclusiva: navegações pelo currículo escolar.** 2005. Tese de doutorado em educação. Faculdade de Educação. PPGE. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE. 2011.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D. & MYERS, D. J. **Psicologia social.** São Paulo: Pioneira/ Thomson Learning, 2005.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2009.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** Ciência & Educação, 9(2), 191-211. 2010.

NARDI, Henrique C. **O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no Brasil e na França: a comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa.** Psicologia e Sociedade, 20(n. Esp.), 12-23, 2012.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

_____.; QUARTIERO, E. **Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar.** Sex. Salud. Soc., v. 11, p. 59-87, 2012.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.) **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003. 360 p.

OLINDA, E.M.B.; CAVALCANTE JÚNIOR, F. S. (Org.). **Artes do existir: trajetórias de vida e formação.** Fortaleza: Edições UFC, 2008.

OLIVEIRA, V. **As políticas para o ensino médio no período de 2001 a 2014: disputas, estratégias, concepções e projetos.** Tese. (Doutorado em Educação). Universidade federal de Goiás. Goiânia, 2017.

PEREIRA, Luiz Guilherme Couto. Homoerotismo nas tirinhas de jornal. In: COSTA, Horácio; et al (Orgs.). **Retratos do Brasil homossexual.** São Paulo: Edusp/Imprensa Nacional, 2009. p. 599-604.

PEREIRA, A. V. **Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros.** Caderno Espaço Feminino, 24, 2011.

PERES, W. S. **Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira.** Diversidade sexual na educação. Brasília: MEC, Unesco, 2009, p. 235-263.

_____. **Transfobias, lesbofobias e homofobias invisíveis: o que a escola tem com isso?** Inter Meio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS, 17(34). 2012.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. (Orgs). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 215-53.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

PRAUN, Andrea Gonçalves. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder**. Revista Húmus. 2011. Disponível em: <http://www.humus.pro.br/201115565.pdf>. Acesso em: 2/07/2018.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual: além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIOS, Jane A. V. P. Narrativas e memórias da profissão docente no meio rural. In: FONTOURA, H. A.; LELIS, I. A. O. M; CHAVES, I. M. A. (Orgs). **Espaços formativos, memórias e narrativas**. Curitiba: CRV, 2014. p. 273-287.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira. (Org.). **Homossexualidades sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2014. p. 37-78.

SANTOS, C., OLIVEIRA, L. C., & PORTO, Y. C. Saberes docentes e formação inicial em sexualidade, gênero e diversidade sexual em Aracaju/SE. In: **Sexualidade, gênero e educação sexual**. CIED: Padu. Aragon, 2013.

SANTOS, M. C. B.; RIBEIRO, A. C. P.; GEBRATH, Z. L. **Quando a escola é um inferno: refletindo sobre acesso e permanência na escola numa perspectiva da diversidade de gênero**. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n.2, p. 71-99, jul-dez, 1995.

SILVA, Adriana Souza (7 de fevereiro de 2000). **«Skinheads espancam e matam homem em SP»**. Folha de S. Paulo. Consultado em 1 de novembro de 2019

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Autêntica, 2002.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

SOUZA FILHO, Alípio de. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org). **Homossexualidades sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. p. 11-36.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão; narrar a vida. **Revista Educação, Pesquisa (auto)biográfica, Experiência e Formação**, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2011. v. 34, n. 2, p. 213-220, 2011a.

SPÍNDOLA, T; SANTOS, R. da S. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Revista Esc. Enfermagem USP, v.37, n. 2, p. 119-126, 2003.

TAMARIT, José. **Educar o Soberano: crítica ao iluminismo pedagógico de ontem e de hoje**. Trad. José E.Ramão. São Paulo:Cortez. Instituto Paulo Freire,1996, p.15-61.

Winck, G. E. **Percepções sobre a família e rede de apoio social na transexualidade masculina**. Simpósio Sexualidades, Corporalidades e Transgêneros: Narrativas fora da ordem, 2009.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

XAVIER FILHA, Constantina. (Org.). **Kit de materiais educativos para a educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: UFMS, 2009e

8. APÊNDICES

APÊNDICE A

ORIENTAÇÃO ESCRITA (AUTO) BIOGRÁFICA

ORIENTAÇÃO PARA A ESCRITURA DO DIÁRIO DA VIDA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Prezado estudante,

Este diário é um importante instrumento de registro. Nele você vai escrever suas vivências referentes à diversidade sexual: os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio. Como introdução gostaríamos que narrasse quem é você, sua orientação sexual e como se sente sendo quem é. Após, narre suas vivências com referência a sua diversidade sexual na escola como um todo e como as práticas da disciplina de sociologia contempla essa questão. A escrita do diário é livre, pessoal e espontânea e só será acessado, além de você, pelos pesquisadores. É importante datar seus registros para possibilitar uma leitura temporal do seu escrito.

Obrigada e bons registros!

APÊNDICE B

ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA- GESTORES

OBS: O ROTEIRO ABAIXO FOI ELABORADA PARA ORIENTAR AS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS ACERCA DO QUE ME PROPUS A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

PESQUISAR, PARA EVITAR DESVIOS DE PERCURSOS CONCERNENTES À TEMÁTICA EM FOCO.

Questões gravadas oralmente:

Função:

Orientação sexual:

Tempo de atuação na escola:

Perguntas direcionadas ao objeto de estudo:

1. Como os alunos do ensino Médio são acolhidos em sua diversidade sexual?
2. A discussão da diversidade sexual e identidade de gênero é contemplado no Projeto político Pedagógico da Escola??
3. Como você vê a relação da comunidade escolar com os estudantes que têm diferentes orientações sexuais?

APÊNDICE C

ENTREVISTA QUALITATIVA-NARRATIVA- PROFESSORES

Questões gravadas oralmente:

Função:

Orientação sexual:

Tempo de atuação na disciplina de Sociologia:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Perguntas direcionadas ao objeto de estudo:

1. Como a sociologia oferece suporte para as discussões sobre identidade de gênero e diversidade sexual?
2. Como a escola acolhe esses estudantes?
3. Como essa questão é discutida e tratada entre os professores das demais disciplinas?
4. Qual a relação da sua formação (inicial e continuada) com o trato político e pedagógico da temática?

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RESPONSÁVEIS

Título da Pesquisa: “A diversidade sexual: os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio”

CAEE Nº:

Nome da pesquisadora responsável: Richelly Cavalcanti de Sousa

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que objetiva Investigar as políticas de acolhimento à diversidade sexual que acontecem na escola e as práticas pedagógicas do ensino de sociologia para a abordagem da temática, analisar as possíveis políticas de acolhimento da escola no que se refere a diversidade sexual dos jovens, identificar as políticas públicas que se destinam à garantia de equidade no âmbito da escola entre os grupos com opções sexuais distintas e verificar as práticas docentes e a configuração do trabalho com o ensino de sociologia com referência às questões da diversidade sexual. Essa pesquisa emerge da necessidade de se realizar discussões coerentes sobre a temática da diversidade sexual nas aulas de Sociologia e por notar, ainda, o cenário de preconceito e discriminação contra essa diversidade e se justifica na sua pertinência social, acadêmica e científica por contribuir com a reflexão sobre o acolhimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

dos jovens dentro das escolas na sua diversidade sexual; sobre a construção do debate referente a tal diversidade na disciplina de sociologia, e, acima de tudo, como a provocação de uma ressignificação da instituição escola e seu fazer pedagógico na construção das identidades dos jovens brasileiros.

A participação do seu(sua) filho(a) é importante, porém, você não deve permitir a autorização dele(a) contra a sua vontade ou vontade dele(a). Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar..

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada através da entrevista autobiográfica com alunos, professores e grupo gestor das escolas, ou seja, será feito uso da análise de dados levantados nas entrevistas, por meio de 3 etapas a saber: ETAPA 1: Aproximação com o campo empírico para diálogo sobre o objeto de pesquisa e identificação dos interlocutores que serão escolhidos mediante critérios: Gestores: participar dos processos integrais da gestão da escola: político, administrativo e pedagógico; Professores: Atuantes na disciplina de sociologia; Estudantes: Se autodeclararem com orientações sexuais diversas. ETAPA 2: Inserção na escola para observação e recolhimento das entrevistas (auto) biográficas. Observação participante: na sala de aula de sociologia e nos momentos extra sala. Todos os registros descritos no caderno de campo da pesquisadora; Entrega dos Diários de Vida, para os estudantes registrarem suas narrativas (auto) biográficas; Entrevistas qualitativas-narrativas: realizadas individualmente com professores e gestores, com o uso de gravador. ETAPA 3: Sistematização dos dados, análise e representação textual. As técnicas e instrumentos, adotados, potencializarão, na análise dos dados, a triangulação dos dados produzidos, recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de identificar as políticas de acolhimento na escola e como os jovens se encontram nessas relações, não perdendo de vista a sociologia e seu papel enquanto disciplina formativa do senso crítico dos jovens. A aplicação desses Diários



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

de vida, está prevista para ocorrer, em 3 meses. A previsão é de que esta inquirição dure 11 meses.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, contudo podem ocorrer riscos mínimos, nos aspectos éticos, de origem psicológica, intelectual ou/e emocional, tais como constrangimento ao responder o questionário; desconforto; estresse; quebra de sigilo; dano; cansaço ao responder às perguntas; e quebra de anonimato; invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado. Porém, o diário de vida não será identificado por o nome do seu filho(a) para que seja mantido o anonimato; seu filho(a) receberá esclarecimento prévio sobre a pesquisa- leitura do TCLE, caso necessite, seu filho(a) receberá assistência psicológica e/ou pedagógica gratuita, pelo tempo que necessitar; será visada sempre, a privacidade do seu filho(a), utilizando o diário para manter a confidencialidade das informações, visto que o mesmo poderá ser preenchido no conforto do lar; será mantido sigilo sobre as respostas do seu filho (a) e utilizado condinome para resguardo e o material coletado será protegido durante o armazenamento.

Para minimização dos riscos apontados, há a garantia da manutenção estrita do sigilo dos participantes da pesquisa. Passarei por um treinamento adequado, enquanto pesquisadora, para realizar as coletas (entrevistas) sem constranger o seu filho(a), estando atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, interrompendo as entrevistas caso seja preciso. Reforço ainda todos os documentos, instruções e/ ou indicação para o seu filho(a) (menor de idade) serão feitos com adequação à linguagem do grupo social em questão, evitando-se assim inconvenientes de interpretações equivocadas ou obsoletas, bem como será utilizado local apropriado, reservado e seguro durante as inquirições, visando mitigar o risco de quebra de sigilo ou constrangimento. Seu filho(a) será identificado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

através de pseudônimos, o nome da escola na qual a pesquisa será desenvolvida será suprimido, os diários de vida (que são instrumentos metodológicos de coleta de dados) serão identificados por cores e não por nomes e tais cores associadas a cada participante, informação de conhecimento exclusivo da pesquisadora.

Será garantida ao seu filho(a), assistência integral adequada (psicológica ou pedagógica) às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos. O estudo será suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do seu filho, enquanto participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento. Os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização. Sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade escolar.

Este estudo oferece ao seu filho o benefício de possibilitar um melhor acolhimento em sua diversidade sexual, a instituição escolar poderá refletir sobre suas ações e a partir dos sentimentos dos educandos buscar estratégias de envolvimento, recepção e hospitalidade que encadearão maior aceitação destes estudantes por parte dos seus colegas. Permitirá ainda compreender a diversidade com novos horizontes evolutivos, bem menos limitados e o conseqüente combate à discriminação e a violações de direitos fundamentais. Outro benefício é que a comunidade enxergue seus jovens como iguais em suas diferenças e evite as fugas por meio de drogas, depressão, evasão escolar entre outros problemas advindos da não aceitação.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas, você não necessitará de nenhum investimento financeiro e nem material, para a participação desta pesquisa. É garantido ainda o seu direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você tem liberdade de recusar a participação do seu filho(a) e ainda de recusar que ele(a) continue participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.



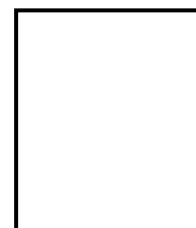
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente a pesquisadora terá conhecimento de identidade do seu filho(a) e se compromete a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Somente a pesquisadora poderá ler as repostas do seu filho(a), as quais serão armazenadas em armários, trancados com cadeados, bem como todos os documentos gerados por meio da participação dele. O acesso às chaves será exclusivo da pesquisadora. Posteriormente, o banco de dados obtido com a aplicação desses questionários, será mantido em computador pessoal da pesquisadora, protegido por senha restrita. É garantido ainda que você e/ou seu filho(a) terá acesso aos resultados com a pesquisadora. Sempre que quiser poderá adquirir mais informações sobre a pesquisa com a pesquisadora do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas, uma das quais ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que seu filho(a) participe desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

_____, ____ de _____ de 20____



Polegar Direito

Assinatura do Participante da Pesquisa

Richelly Cavalcanti de Sousa - Pesquisadora responsável pela aplicação do TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Profª Me. Vanderlea Anbrade – Orientadora da pesquisa

Pesquisador Responsável: Richelly Cavalcanti de Sousa

ENDEREÇO: Rua 28, nº 42 Bairro Alto da Boa Vista Petrolina-PE

E-mail: ri.chelly@hotmail.com

Telefones para contatos: (87)99644-6664, (87)98823-3223, (87) 3863-9050

Orientadora da pesquisa: Profª Me. Vanderlea Andrade Pereira

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIVASF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF

Av. José de Sá Manicoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar

Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A diversidade sexual: os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio”

CAEE Nº:

Nome da pesquisadora responsável: Richelly Cavalcanti de Sousa

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que objetiva investigar as políticas de acolhimento à diversidade sexual que acontecem na escola e as práticas pedagógicas do ensino de sociologia para a abordagem da temática, analisar as possíveis políticas de acolhimento da escola no que se refere a diversidade sexual dos jovens, identificar as políticas públicas que se destinam à garantia de equidade no âmbito da escola entre os grupos com opções sexuais distintas e verificar as práticas docentes e a configuração do trabalho com o ensino de sociologia com referência às questões da diversidade sexual. Essa pesquisa emerge da necessidade de se realizar discussões



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

coerentes sobre a temática da diversidade sexual nas aulas de Sociologia e por notar, ainda, o cenário de preconceito e discriminação contra essa diversidade e se justifica na sua pertinência social, acadêmica e científica por contribuir com a reflexão sobre o acolhimento dos jovens dentro das escolas na sua diversidade sexual; sobre a construção do debate referente a tal diversidade na disciplina de sociologia, e, acima de tudo, como a provocação de uma resignificação da instituição escola e seu fazer pedagógico na construção das identidades dos jovens brasileiros.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada através da entrevista autobiográfica com alunos, professores e grupo gestor das escolas, ou seja, será feito uso da análise de dados levantados nas entrevistas, por meio de 3 etapas a saber: ETAPA 1: Aproximação com o campo empírico para diálogo sobre o objeto de pesquisa e identificação dos interlocutores que serão escolhidos mediante critérios: Gestores: participar dos processos integrais da gestão da escola: político, administrativo e pedagógico; Professores: Atuantes na disciplina de sociologia; Estudantes: Se autodeclararem com orientações sexuais diversas. ETAPA 2: Inserção na escola para observação e recolhimento das entrevistas (auto) biográficas. Observação participante: na sala de aula de sociologia e nos momentos extra sala. Todos os registros descritos no caderno de campo da pesquisadora; Entrega dos Diários de Vida, para os estudantes registrarem suas narrativas (auto) biográficas; Entrevistas qualitativas-narrativas: realizadas individualmente com professores e gestores, com o uso de gravador. ETAPA 3: Sistematização dos dados, análise e representação textual. As técnicas e instrumentos, adotados, potencializarão, na análise dos dados, a triangulação dos dados produzidos, recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de identificar as políticas de acolhimento na escola e como os jovens se encontram nessas relações, não perdendo de vista a sociologia e seu



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

papel enquanto disciplina formativa do senso crítico dos jovens. A aplicação desses Diários de vida, está prevista para ocorrer, em 3 meses. A previsão é de que esta inquirição dure 11 meses.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, contudo podem ocorrer riscos mínimos, nos aspectos éticos, de origem psicológica, intelectual ou/e emocional, tais como constrangimento ao responder o questionário; desconforto; estresse; quebra de sigilo; dano; cansaço ao responder às perguntas; e quebra de anonimato; invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado. Porém, você não será identificado pelo nome para que seja mantido o anonimato; você receberá esclarecimento prévio sobre a pesquisa- leitura do TCLE, caso necessite, você receberá assistência psicológica e/ou pedagógica gratuita, pelo tempo que necessitar; será visada sempre, a sua privacidade, utilizando e entrevista não identificada para manter a confidencialidade das informações; será mantido sigilo sobre suas respostas e utilizado condinome para resguardo e o material coletado será protegido durante o armazenamento. Para minimização dos riscos apontados, há a garantia da manutenção estrita do sigilo dos participantes da pesquisa. Passarei por um treinamento adequado, enquanto pesquisadora, para realizar as coletas (entrevistas) sem constranger os participantes da pesquisa, estando atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, interrompendo as entrevistas caso seja preciso. Reforço ainda que todos os documentos, instruções e/ ou indicação para os participantes menores de idade serão feitos com adequação à linguagem do grupo social em questão, evitando-se assim inconvenientes de interpretações equivocadas ou obsoletas, bem como será utilizado local apropriado, reservado e seguro durante as inquirições, visando mitigar o risco de quebra de sigilo ou constrangimento. Os participantes serão identificados através de pseudônimos, o nome da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

escola na qual a pesquisa será desenvolvida será suprimido, os diários de vida (que são instrumentos metodológicos de coleta de dados) serão identificados por cores e não por nomes e tais cores associadas a cada participante, informação de conhecimento exclusivo da pesquisadora. Será garantida assistência integral adequada (psicológica ou pedagógica) às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos. O estudo será suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, consequente à mesma, não previsto no termo de consentimento. Os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização. Sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes da comunidade escolar.

Este estudo lhe oferece o benefício de possibilitar um melhor acolhimento aos estudantes em sua diversidade sexual, a instituição escolar poderá refletir sobre suas ações e a partir dos sentimentos dos educandos buscar estratégias de envolvimento, recepção e hospitalidade que encadearão maior aceitação destes estudantes por parte dos seus colegas. Permitirá ainda compreender a diversidade com novos horizontes evolutivos, bem menos limitados e o consequente combate à discriminação e a violações de direitos fundamentais. Outro benefício é que a comunidade enxergue seus jovens como iguais em suas diferenças e evite as fugas por meio de drogas, depressão, evasão escolar entre outros problemas advindos da não aceitação.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas, você não necessitará de nenhum investimento financeiro e nem material, para a participação desta pesquisa. É garantido ainda o seu direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente a pesquisadora terá conhecimento de sua identidade e se compromete a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Somente a pesquisadora poderá ler as suas repostas, as quais serão armazenadas em armários, trancados com cadeados, bem como todos os documentos gerados por meio de sua participação. O acesso às chaves será exclusivo da pesquisadora. Posteriormente, o banco de dados obtido com a aplicação desses questionários, será mantido em computador pessoal da pesquisadora, protegido por senha restrita. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com a pesquisadora. Sempre que quiser poderá adquirir mais informações sobre a pesquisa com a pesquisadora do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas, uma das quais ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

_____, ____ de _____ de 20____



Polegar Direito

Assinatura do Participante da Pesquisa

Richelly Cavalcanti de Sousa - Pesquisadora responsável pela aplicação do TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Profª Me. Vanderlea Anbrade – Orientadora da pesquisa

Pesquisador Responsável: Richelly Cavalcanti de Sousa

ENDEREÇO: Rua 28, nº 42 Bairro Alto da Boa Vista Petrolina-PE

E-mail: ri.chelly@hotmail.com

Telefones para contatos: (87)99644-6664, (87)98823-3223, (87) 3863-9050

Orientadora da pesquisa: Profª Me. Vanderlea Andrade Pereira

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIVASF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar

Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

APÊNDICE F

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A diversidade sexual: os desafios de acolhimento na escola e as práticas pedagógicas da Sociologia no Ensino Médio”. Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar se não for da sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta, caso tenha dúvidas.

Neste estudo pretendemos investigar as políticas de acolhimento à diversidade sexual que acontecem na escola e as práticas pedagógicas do ensino de sociologia para a abordagem desta temática, queremos ainda analisar as possíveis políticas (práticas ou regras) de acolhimento da escola no que se refere a diversidade sexual dos jovens,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

identificar as políticas públicas (oferecidas pelo governo) que garantem a igualdade na escola entre os grupos com opções sexuais distintas e verificar as práticas dos professores e a atuação do ensino de sociologia no que diz respeito às questões da diversidade sexual. Essa pesquisa vem da necessidade de se realizar discussões sobre a diversidade sexual nas aulas de Sociologia e por notar, ainda, as situações de preconceito e discriminação contra essa diversidade. A pesquisa será realizada através da entrevista autobiográfica com alunos, professores e grupo gestor das escolas (relatos de experiências pessoais), ou seja, será feito uso da análise de dados levantados nas entrevistas, por meio de 3 etapas: ETAPA 1: Aproximação com a escola para diálogo sobre a pesquisa e identificação dos professores, alunos e grupo gestor que participarão das entrevistas. ETAPA 2: Introdução na escola para observação e recolhimento das entrevistas (auto) biográficas. Observação participante da pesquisadora na sala de aula de sociologia e nos momentos extra sala, utilizando instrumentos como diários de vida e gravador (Você receberá um diário para relatar as experiências que desejar). ETAPA 3: Sistematização dos dados, análise e representação textual. A aplicação dos Diários de vida (onde você escreverá suas experiências pessoais que preferir) está prevista para ocorrer, em 03 meses. A previsão é de que esta inquirição dure 11 meses. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Sua participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, mas podem ocorrer riscos mínimos nas questões éticas, de origem psicológica, intelectual ou/e emocional, tais como: constrangimento (vergonha) ao responder o questionário; desconforto; estresse; quebra de sigilo; dano; cansaço ao responder às perguntas; e quebra de anonimato; invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado. Para minimização dos riscos apontados, há a garantia da manutenção estrita do sigilo da sua participação. Passarei por um treinamento adequado, enquanto pesquisadora, para realizar as entrevistas sem constrangê-lo, estando atenta aos sinais de desconforto,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

interrompendo as entrevistas caso seja preciso. Reforço ainda que será utilizada linguagem adequada durante as entrevistas, para melhor entendimento, bem como local apropriado, reservado e seguro durante estas entrevistas, visando reduzir o risco de quebra de sigilo ou constrangimento. Você será identificado através de pseudônimos, o nome da escola na qual a pesquisa será desenvolvida será suprimido, os diários de vida (que serão entregues para que você faça seus relatos) serão identificados por cores e não por nomes e tais cores associadas a cada participante, informação de conhecimento exclusivo da pesquisadora. Você receberá ainda esclarecimento sobre a pesquisa - por meio da leitura do TCLE (Assinado por seu responsável), caso necessite, você também receberá assistência psicológica e/ou pedagógica gratuita, pelo tempo que precisar; será priorizada sempre, sua privacidade, utilizando o diário para manter a confidencialidade das informações, visto que o mesmo poderá ser preenchido no conforto do seu lar; será mantido sigilo sobre suas respostas e utilizado condinome para resguardo.

Este estudo lhe oferece o benefício de possibilitar um melhor acolhimento em sua diversidade sexual, a escola poderá refletir sobre suas ações e a partir dos seus sentimentos enquanto aluno, buscar estratégias de envolvimento, recepção e hospitalidade que trarão maior aceitação por parte dos seus colegas. Permitirá o combate à discriminação e a violações de direitos fundamentais.

Garantias éticas: Todas as despesas que ocorram com a pesquisa serão ressarcidas, você não fará nenhum investimento financeiro e nem material, para a participação desta pesquisa. É garantido ainda o seu direito à indenização se houver eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você tem liberdade de recusar a participação e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do seu sigilo e da sua privacidade, mesmo após o término da pesquisa. Somente a pesquisadora terá conhecimento de sua identidade e se compromete a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Somente a pesquisadora poderá ler as suas repostas, as quais serão armazenadas em armários, trancados com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

cadeados, bem como todos os documentos gerados por meio da sua participação. O acesso às chaves será exclusivo da pesquisadora. Posteriormente, o banco de dados obtido com a aplicação das entrevistas, será mantido em computador pessoal da pesquisadora, protegido por senha restrita. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com a pesquisadora. Sempre que quiser, poderá adquirir mais informações sobre a pesquisa com a pesquisadora do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, cujo endereço está disposto abaixo.

Para participar deste estudo, você será informado sobre qualquer aspecto que desejar e o responsável por você deverá autorizar, assinando um termo (o TCLE). Caso seu responsável autorize a sua participação, mesmo assim, você poderá negar, estando livre para participar ou não. Você e/ou o seu responsável poderão deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum problema.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador responsável e a outra será entregue a você.

Eu, _____, data de nascimento
____/____/____ declaro que concordo em participar desse estudo.

_____, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador responsável pelo assentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº. 510, Country Club Juazeiro/BA
CEP 48.902-300.
E-mail: ccsociais@univasf.edu.br - Telefone: (74) 2102-7639.

Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

Pesquisador Responsável: Richelly Cavalcanti de Sousa
ENDEREÇO: Rua 28, nº 42 Bairro Alto da Boa Vista Petrolina-PE
E-mail: ri.chelly@hotmail.com
Telefones para contatos: (87)99644-6664, (87)98823-3223, (87) 3863-9050
Orientadora da pesquisa: Profª Me. Vanderlea Andrade Pereira

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar
Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br